

Revista Brasileira

FASE IX

• JULHO-AGOSTO-SETEMBRO 2020 •

ANO III • N.º 104



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS 2020

DIRETORIA

Presidente: *Marco Lucchesi*

Secretário-Geral: *Merval Pereira*

Primeiro-Secretário: *Antônio Torres*

Segundo-Secretário: *Edmar Bacha*

Tesoureiro: *José Murilo de Carvalho*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto
Venancio Filho, Alfredo Bosi,
Ana Maria Machado, Antonio Carlos
Secchin, Antonio Cicero, Antônio Torres,
Arnaldo Niskier, Arno Wehling, Carlos
Diegues, Candido Mendes de Almeida,
Carlos Nejar, Celso Lafer, Cicero Sandroni,
Cleonice Serôa da Motta Berardinelli,
Domício Proença Filho, Edmar Lisboa Bacha,
Evaldo Cabral de Mello, Evanildo Cavalcante
Bechara, Fernando Henrique Cardoso,
Geraldo Carneiro, Geraldo Holanda
Cavalcanti, Ignácio de Loyola Brandão, João
Almino, Joaquim Falcão, José Murilo de
Carvalho, José Sarney, Lygia Fagundes Telles,
Marco Lucchesi, Marco Maciel, Marcos
Vinícios Vilaça, Merval Pereira, Murilo Melo
Filho, Nélide Piñon, Paulo Coelho, Rosiska
Darcy de Oliveira, Sergio Paulo Rouanet,
Tarcísio Padilha, Zuenir Ventura.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

Cicero Sandroni

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Niskier

Merval Pereira

João Almino

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Alfredo Bosi

Antonio Carlos Secchin

Evaldo Cabral de Mello

PRODUÇÃO EDITORIAL

Monique Cordeiro Figueiredo Mendes

REVISÃO

Perla Serafim

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar

Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021

Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500

Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525

Fax: (0xx21) 2220-6695

E-mail: publicacoes@academia.org.br

site: <http://www.academia.org.br>

ISSN 0103707-2

As colaborações são solicitadas.

Os artigos refletem exclusivamente a opinião dos autores, sendo eles também responsáveis pela exatidão das citações e das referências bibliográficas de seus textos.

Transcrições feitas pela Secretaria Geral da ABL.

Esta *Revista* está disponível, em formato digital, no *site* www.academia.org.br/revistabrasileira.

Sumário

CICERO SANDRONI
Apresentação 7

ENSAIO

UBIRATAN MACHADO
As viagens dos românticos pelo país e a revelação do Brasil 9

ARNALDO NISKIER
Futuro à distância 21

IVO KORYTOWSKI
Monteiro Lobato foi racista? 29

CYRO DE MATTOS
O precursor e pré-modernista Afrânio Peixoto 35

FLÁVIA AMPARO
Confinamentos da existência: um mergulho nas falhas subterrâneas da consciência humana
no universo ficcional de Ana Paula Maia 39

LÚCIA BETTENCOURT
Resumo da ópera 49

GLAUBER DE OLIVEIRA
A Poesia de Carlos Nejar no site da Academia Brasileira de Letras 59

ALCMENO BASTOS
Em torno do romance carioca 61

ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA
Os professores do Colégio Pedro II e a institucionalização acadêmica da Literatura brasileira 69

LEANDRO GARCIA RODRIGUES
José Américo de Almeida e o seu tributo a Alceu Amoroso Lima 79

FELIPE FORTUNA
Disjecta membra – O que as partes dizem sobre a poesia de Drummond 91

ARNALDO SARAIVA
Memória de uma grande homenagem no Fundão a um grande poeta 103

POESIA

PEDRO MOHALLEM 107

MARLOS DEGANI 115

IGOR FAGUNDES 123

TANUSSI CARDOSO 131

MARCELO MORAES CAETANO 139

YKE LEON 147

CONTO

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO
Esquise 155

RENARD PEREZ
Banca de jornal 165

PAULO VERAS
Sorte canina 173

ROBERTO GOMES
Um poço de grosso calibre 175

EGLÊ MALHEIROS
Requiescat in pacem 179

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS



Apresentação

Cicero Sandroni

Ocupante da Cadeira 6 na Academia Brasileira de Letras.

Prossegue a Revista Brasileira com sua vocação plural. Colaboram neste número 104 nada menos do que doze ensaístas, seis poetas e cinco contistas, entre escritores veteranos, já consagrados, e vários outros da nova geração. Em comum, a qualidade dos textos, independente do gênero da contribuição dos autores.

No ensaísmo, destaca-se o largo espectro temático, com ênfase na literatura brasileira, ficção ou poesia, dos séculos XIX e XX. O século XXI também se faz presente. Ao lado de pesquisas históricas, comparecem ensaios que enfrentam questões polêmicas. A seção contempla igualmente revisões do cânone e textos na fronteira entre o ensaio e crônica.

Os seis poetas nos deixam entrever um denominador comum: apesar de bastante diferenciados, neles é perceptível a valorização técnica do poema. Não por acaso, quase todos com formação universitária, em oposição ao caráter mais “intuitivo”,

espontâneo, de poetas de gerações passadas. Reafirmam a pujança de nossa poesia contemporânea, que, sintonizada com o presente, não abandona um diálogo crítico com o passado.

Igualmente multifacetada e abastecida no conhecimento de formas novas e antigas é a produção contística enfeixada neste número. Narrativas de linguagem e padrão narrativo mais ortodoxos convivem com outras de vertente experimental, no exercício da fragmentação discursiva.

De toda essa polifonia a Revista Brasileira se faz receptáculo e porta-voz. Nossas páginas estão abertas a contribuições, tendo por critério, basicamente, o compromisso com a qualidade literária. Como sabem, o artigo 1.º dos estatutos da Casa nos determina a defesa e a valorização da “cultura da língua e da literatura nacional”. Esse é o nosso compromisso, materializado no conjunto de textos que trimestralmente a Revista traz a público. Boa leitura!

As viagens dos românticos pelo país e a revelação do Brasil

Ubiratan Machado

Jornalista, tradutor, autor de vinte e cinco livros, entre os quais *A vida literária no Brasil durante o romantismo* (Prêmio para obras em conclusão, da Biblioteca Nacional), *História das livrarias cariocas*, vencedor do Prêmio Votorantim, entre outras obras.

*Viajar! Viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes.*

CASTRO ALVES

Os românticos buscaram, de forma apaixonada, conhecer e compreender o Brasil. Os resultados ultrapassaram as expectativas. Coerentes com os anseios da jovem nação, o surto de progresso, em especial nos anos 1850, a década de ouro do Império, eles criaram a historiografia brasileira escrita pelos filhos da terra, registraram com graça, bom humor, alguns toques trágicos e um indisfarçável orgulho, hábitos e costumes de cidades e sertões, em prosa de ficção, poemas, narrativas de viagem, ensaios literários e jornalísticos, e percorreram o país em todas as latitudes, em viagens muitas vezes penosas. Neste processo foram fundamentais a criação das academias de direito e medicina, em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Recife, onde os estudantes dialogavam e descobriam a existência de múltiplos Brasis, tão diferentes e tão semelhantes entre si, as missões científicas de exploração do país e a ampliação

do sistema de transporte, facilitando o intercâmbio entre as províncias.

Em meados do século XIX viajar pelo Brasil era quase sempre uma aventura penosa. O país continuava como caranguejo arranhando a praia, do exemplo clássico de Frei Vicente do Salvador. As regiões mais prósperas e as principais cidades, concentradas no litoral, contavam com um sistema de transporte marítimo precário e lento. A maioria das embarcações, patachos e veleiros, transportavam tudo, inclusive passageiros em meio a cachos de bananas e mercadorias. Delas dependiam exclusivamente as pequenas cidades litorâneas. Quem vivia nos centros maiores – Rio, Bahia, Recife, Santos, cidade minúscula, mas de movimento intenso – podia recorrer aos paquetes estrangeiros, pontuais na chegada em nossos portos, provenientes ou em demanda do sul do continente. Os vapores nacionais, empregados na navegação de cabotagem, só começam a circular no final da década de 1850.

Com o interior, as comunicações eram mil vezes piores. Dependíamos, basicamente, da tração animal. Os caminhos não passavam

de picadas, rasgadas no mato, mantidas abertas graças aos tropeiros. Nessas trilhas estreitas, esburacadas, muitas vezes perigosas, uma viagem de cem quilômetros levava, em média, de dois a três dias. A lentidão espichava as distâncias, já de si imensas. A primeira estrada moderna, a União e Indústria, entre Juiz de Fora e Petrópolis, só foi concluída em 1861.

Por essa época, a Europa e os Estados Unidos contavam com um sofisticado sistema ferroviário. Na metade da década de 1820, Tio Sam inaugurou as primeiras estradas de ferro. Vinte anos depois, o trem fazia parte da vida de milhões de habitantes, expandindo-se entre os Aleganis e o Mississipi.

Em 1861, quando explode a Guerra de Secessão, a malha ferroviária norte-americana chega a 50 mil quilômetros. Tínhamos, então, exatamente 78,5 km de ferrovias: os 30,5 km do porto de Mauá à Raiz da Serra, e mais 48 km da Estrada de Ferro D. Pedro II, abertos ao tráfego em 1858. Nosso meio de transporte habitual continuava sendo o lombo de burro ou de cavalo, em viagens cansativas, lentas, cheias de atropelo.

Por tudo isso, o brasileiro não viajava por gosto ou curiosidade, um hábito que começava a se disseminar na Europa e nos Estados Unidos, com a criação das primeiras agências de viagem. No Brasil, viajava-se apenas por necessidade, preparando desde logo as nádegas para o duro castigo de saltitar por vezes durante semanas e semanas, em cima de uma sela. Ia quem precisava. Eram negociantes, magistrados transferidos de localidade, militares, artistas mambembes, estudantes que saíam de suas províncias com destino às academias de direito ou medicina. Raras famílias.

Daí, a escassez de narrativas de viagens empreendidas por brasileiros através do Brasil e a importância das existentes, equivalentes – exagerando um pouco – à literatura de posse da terra do século XVI.

Os quatrocentos e poucos quilômetros entre o Rio de Janeiro e São Paulo, em lombo de burro ou cavalo, eram cobertos entre doze e quinze dias. Em 1859, com a entrada em cena do vapor, a viagem diminuiu para cerca de três dias, se não houvesse nenhum imprevisto. O trajeto marítimo entre a Corte e Santos consumia de dezoito a vinte e quatro horas. No porto paulista, iniciava-se a subida acidentada da serra de Cubatão até São Paulo. Eram dois dias em lombo de burros cansados, que pareciam galgar a contragosto as trilhas abertas no mato, muitas vezes beirando precipícios profundos. O aluguel dos animais incluía o direito a jantar e pernoite em uma hospedaria do caminho, o Pouso das Caveiras.

A beleza da paisagem do alto da serra compensava a aspereza da viagem. Muitos poetas, sobretudo estudantes, se emocionavam com o espetáculo, como João Cardoso de Menezes e Sousa, futuro barão de Parapiacaba. Fagundes Varela ficou deslumbrado com os rios correndo lá embaixo e

*as balsas verdes,
As lagoas serenas, as casinhas
Erguidas no mistério da espessura,
O grupo das colinas, que fenecem
Na linha azul do mar!*

Na época do início das aulas ou das férias, os vapores se enchiam de estudantes, embarcados aos grupos. Eram viagens cheias de brincadeiras, de recitação de poemas, de ajuste de contas com os calouros. Um trote de que ninguém escapava era o

“juramento pelas armas da marquesa” (alusão à marquesa de Santos), diante de um rochedo esguio e ereto no canal de Santos, lembrando um falo. Os novatos, com solenidade cômica, ou indisfarçável tensão, segundo o temperamento de cada um, eram obrigados a repeter:

*Juro e prometo
Por esta zorra,
Que serei burro
Até que morra...*

Brincadeiras à parte, havia um certo conforto nos paquetes, vapores e brigues que navegavam pelas costas brasileiras. O relacionamento era fácil e muitos viajantes viviam aventuras amorosas. Castro Alves teve um breve romance em uma de suas viagens da Corte para a Bahia. No vapor, proveniente de Buenos Aires, e com destino à Espanha, conheceu uma jovem espanhola que o poeta chama de Inês, nos versos ardentes de “A uma Estrangeira”. Foi uma paixão fulminante, de acordo com o temperamento arrebatado do poeta, mas superficial, como não podia deixar de ser.

A ambiência marítima provocava uma sensação de liberdade e convidava às expansões poéticas, sobretudo em noites de luar, quando o passageiro sentado no tombadilho podia assistir a um espetáculo inesquecível. Inesquecível, também, era quando o mar se encontrava revoltado ou havia tempestade. Mas, aí, a sensação era de outro tipo, associada ao temor de naufrágio, um acidente bastante comum, em particular em certos trechos do nosso litoral. Basta lembrar que duas das maiores figuras do romantismo brasileiro morreram em naufrágios: Gonçalves Dias e Manuel Antônio de Almeida.

No dia 27 de novembro de 1861, o Hermes partiu do Rio de Janeiro com destino a Campos. Havia cerca de noventa pessoas a bordo, entre passageiros e tripulantes. Na altura de Macaé, o casco do navio arranhou uma pedra do recife Lajes da Tábua. Julgando tratar-se apenas de um banco de areia, o comandante tentou se reaproximar da terra, mas teve de parar, devido ao risco de uma explosão. Um bote com doze pessoas conseguiu chegar a Macaé e solicitar socorro. Três pequenas embarcações partiram para recolher os naufragos. Nada fácil. O mar furioso dificultava o resgate. Vários passageiros foram resgatados, tiritando de frio, agarrados aos mastros partidos e outros objetos. Mais de cinquenta salvos e trinta e sete afogados, entre eles Manuel Antônio de Almeida.

Depois de dois anos de permanência na Europa, para onde partira em busca de melhoras para a sua saúde, Gonçalves Dias resolve regressar ao Brasil. Está quase moribundo, mas insiste em viajar. No dia 10 de setembro de 1864, no porto de Havre, embarca no veleiro Ville de Boulogne, com destino ao Maranhão, “Em outubro devo lá estar. Se não ficar no mar”,¹ escreve a Antônio Henriques Leal, cheio de pressentimentos funestos. Era o único passageiro. Durante os cinquenta e três dias de travessia do Atlântico, o seu estado se agrava dramaticamente. Não tem mais forças nem para se levantar da cama, recusa alimentos, ingerindo apenas água com açúcar, mas ainda fuma quatro ou cinco charutos por dia.

Na tarde de Finados, fraco demais para andar, o poeta pede que o levem ao tombadilho, para ver a costa brasileira, que começa a se desenhar no horizonte. Desmaia

¹ Lúcia Miguel Pereira. *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, p. 378.

de emoção ou de fraqueza. No dia seguinte, pelas quatro horas da manhã, o navio se choca com o baixio dos Atins, na costa maranhense, partindo ao meio. Alguns marinheiros ainda viram o poeta em seu camarote, com metade do corpo para fora da cama. Quando resolvem socorrê-lo, a cabine já está submersa. Toda a tripulação se salva. Dias foi a única vítima.

No ano seguinte, o Brasil quase volta a perder um grande poeta em naufrágio. Em março de 1865, Fagundes Varela embarca no Rio de janeiro, com destino a Recife, onde pretende concluir o curso jurídico. No litoral baiano, no mesmo local onde trezentos anos antes naufragara Anchieta, o navio Bearn choca-se com um recife.

O pânico a bordo aumenta com a escuridão da noite e a chuva, que começa a cair. O poeta mantém uma calma imperturbável, comportando-se como um velho marinheiro, tranquilizando as pessoas e auxiliando no transporte dos náufragos para a terra. Na praia, recolhe palmas de coqueiros e palmeiras, para construir cabanas para os sobreviventes, que ali permanecem por seis dias.

A intensificação das viagens de estudantes, uma boa parte deles poetas e colaboradores habituais da imprensa, representa um capítulo importante no processo de conhecimento do país e no fortalecimento de laços da nacionalidade. As narrativas de viagem, como depoimento pessoal, foram escassas e breves, mas elas figuram com abundância em poemas, contos, folhetins e trechos de romances, com o entusiasmo da mocidade, exaltando as seduções, riquezas e peculiaridades do país.

Para alguns desses rapazes, viagens ou uma viagem determinada foram fundamentais para o seu futuro. Como aconteceu

com José de Alencar. Estudante da Academia de Olinda, de volta do Ceará, para passar dois meses, foi revendo as paisagens vistas dez anos antes, quando deixara a terra natal com destino à Corte. O impacto em sua sensibilidade foi imenso. A visão dos “tabuleiros gentis”, das “várzeas amenas e graciosas” e das “matas seculares que vestiam as serras como a arazoa verde do guerreiro tabajara”,² despertou-lhe na imaginação a vaga ideia de uma história, que seria a semente de *O Guarani* e de *Iracema*, mas, sobretudo, determinante em seu destino de paisagista deslumbrado com a paisagem brasileira, um cenário meio mágico, que ocuparia um lugar de relevo dentro das mil e uma noites brasileiras projetadas pelo escritor.

Um Brasil muito diferente foi o que Gonçalves Dias conheceu em sua viagem à Amazônia, como integrante da Missão Científica de Exploração – a chamada missão das borboletas –, que se propunha a efetuar um levantamento das riquezas da região Norte. Com esse objetivo, os trabalhos foram divididos em seis seções: botânica, mineralogia, zoologia, astronomia, geografia e etnografia, esta chefiada pelo poeta.

Dias chegou em Manaus no final de fevereiro de 1861, depois de uma desalentadora temporada no Ceará. O estado nordestino fora escolhido como uma das etapas dos trabalhos da comissão, pela abundância de riqueza mineral que se julgava

² José de Alencar. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, p. 64. Neste ponto, Alencar foi enfático, não querendo deixar dúvidas: “A inspiração do *Guarani*, por mim escrito aos 27 anos, caiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e sertões do norte em jornada do Ceará à Bahia” (*idem*, p. 50).

existir ali. A comissão, ousadamente, chegara a proclamar que iria “mudar a face do Brasil”, transformando-o em um país rico. Tudo parecia cor-de-rosa.

Os contratempos começaram ainda em Fortaleza, assumindo um aspecto burlesco na primeira saída. Meses antes, Guilherme Schur Capanema, responsável pela parte de mineralogia, importara alguns camelos da África, julgando que seria o transporte ideal para o Ceará.

No dia da partida, lá estava Gonçalves Dias, equilibrando-se entre as corcovas de um camelo, em direção à Serra da Aratânia. O poeta desiste logo, não suportando a monotonia da viagem. Além disso, um dos animais quebrara a perna. O acidente levou o presidente do Ceará a acusar o poeta de agir de má-fé. Mas, como? O episódio, supremamente ridículo, chegou a ser comentado até no Senado.

Durante cerca de dois anos, a comissão percorreu vários pontos da província, em excursões penosas, por vezes sem a menor gota de água. Os caminhos eram tão ásperos que gastavam os cascos dos cavalos, tendo o pessoal improvisado botas de sola para as suas patas. A comida faltava, as verbas escasseavam, quase todos adoeceram. Em abril de 1861, os chefes se reuniram, em Fortaleza, e deram os trabalhos como encerrados. Fora um fiasco retumbante. Não se encontrou ouro, prata ou depósitos de outros minerais que justificassem as imensas despesas. Todos retornaram ao Rio de Janeiro. Apenas Gonçalves Dias, fiel ao dever, partiu para Manaus.

O plano consistia em seguir pelos rios Negro e Amazonas, até atingir as inóspitas regiões do rio Madeira. Era um roteiro cheio de sacrifícios para um homem sadio.

Imagine-se, então, para o poeta, atacado por escrófulas no pescoço, já minado pela tuberculose e esgotado pelos contratempos da excursão pelo Ceará.

Gonçalves era, porém, homem de uma fibra extraordinária. Recebendo o apoio do presidente do Amazonas, Manuel Clementino Carneiro da Cunha, segue até as nascentes do rio Amazonas, em território peruano. Conhece um outro lado da natureza, muito diverso do aspecto idílico apresentado nos poemas indianistas.

Além da monotonia confrangedora da floresta e dos rios, mal os viajantes se arriscavam a entrar no mato eram logo atacados pelos:

*Miruius, os micuius, os piuius, os mosquitos, as mutucas e os carapanãs – as aranhas, os lacraus, as cobras, todo o arsenal do diabo em um número infinito de instrumentos – uns na terra, outros nos ares – uns que mordem pela manhã, outros à tarde, outros à noite, já estes que ferram cantando, já outros que mordem à surdina, – com rosto ou mandíbulas, com a boca ou com o abdômen, – estes aqui, aqueles mais longe.*³

Isso não o impede de se deslumbrar com a natureza tropical, a sua imensa riqueza de matizes, as formas caprichosas, os bandos de aves, os “olores tão suaves que os não descobriram ainda os nossos perfumistas de agora”.⁴

Na segunda missão, pelo rio Madeira, que durou cerca de um mês, além da missão de etnógrafo, o poeta teve de inspecionar as escolas primárias e as diretorias de índios. Apesar de adoentado, interessa-se por tudo, com uma visão surpreendentemente moderna em certos aspectos, como

³ Carta de Gonçalves Dias a Antonio Henriques Leal, em: Lúcia Miguel Pereira, *op. cit.*, p. 288.

⁴ *Idem*, p. 288.

o problema da devastação das florestas, as possibilidades de desenvolvimento de uma agricultura adaptada à região amazônica e a navegabilidade do rio Madeira.

Mesmo enfraquecido, desejoso de voltar logo ao Rio, abalado pelo drama íntimo que atravessa, em seu relacionamento com a esposa, Dias aceita o convite do presidente da província para uma nova excursão, em visita às escolas da região do rio Negro. Foi uma viagem exaustiva, a mais cansativa da temporada amazônica.

Um vapor conduz o grupo até Santa Isabel, final do curso navegável do rio. O restante do caminho teria de ser vencido em pequenas embarcações. A viagem torna-se penosa. Acordavam de madrugada, efetuavam a distribuição de aguardente aos índios, andavam até a hora do almoço, descansavam e partiam de novo, só parando para jantar e dormir, às vezes ao relento, em redes, ao redor do fogo feito pelos índios. A alimentação limitava-se a carne seca e farinha. Algumas vezes obtinham uma galinha ou um leitão em troca de fumo ou aguardente. Comiam também tucunarés, flechados pelos índios dentro da água, tartarugas, ovos de jurará e jacus. Quando encontravam goiabeyras, bananeiras, laranjeiras, mamoeiros ou pés de frutas silvestres, fartavam-se. Havia outras dificuldades, capazes de exaurir um homem, o sol inclemente, as terríveis tempestades tropicais, a travessia de cachoeiras, quando as canoas eram descarregadas.

Afinal, o grupo alcança São Gabriel, onde, com exceção de uma dúzia de moradores, todos eram indígenas. Dias não se cansa de admirar os índios e as suas atitudes desinteressadas, em contraste com o egoísmo do civilizado. Escreve em seu caderno de anotações:

*Não há gente como a nossa (refere-se aos índios). Soldados bons como eles! Marujos excelentes – remeiros incansáveis, e sempre falando, sempre alegres. Dóceis, humildes ainda assim, fáceis e tratáveis! Farinha à disposição, e haverá gente para tudo! Peixe seco já é uma fortuna – carne, isso vem do céu. É o máximo que pedem. E esse máximo não é ainda a mínima parte de qualquer miserável que nos vem da Europa.*⁵

Mais alguns dias e chegam a Cocuí, ponto final da viagem, já na região limítrofe com a Venezuela.

O regresso, a favor da correnteza, foi mais fácil e rápido. Depois de 55 dias de viagem, o grupo acha-se de novo em Manaus. Ao contrário das outras excursões, essa foi toda registrada por Dias, com uma objetividade de repórter – aliás, de grande repórter –, o que não exclui trechos de admirável prosa poética.

O poeta trouxe ainda uma valiosa coleção de objetos indígenas. Mas vangloriava-se, sobretudo, da amizade dos índios, que o chamavam de *carinã écatu*, ou seja, “branco bom mesmo”. Nada podia alegrá-lo mais: “Ótima gente! Por fim apaixonei-me deles, ponho *cueio* e vou para o mato, traduzir meus indignos versos em língua de caboclo”.⁶

Uma outra contribuição valiosa no processo de conhecimento e difusão do Brasil para os brasileiros foi a viagem empreendida pelo português brasileiro Augusto Emílio Zaluar, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Realizada por terra, consumiu cerca de dois anos. Tinha um propósito mais ou menos inconfessável, mas muito comum na vida literária de então, a aplicação de um

⁵ *Idem*, p. 300.

⁶ *Idem*, p. 303.

pequeno golpe para se conseguir dinheiro, mediante promessas que nunca poderiam ser cumpridas. Era o que hoje se chama de picaretagem e, naqueles dias, de cavação.

Zaluar, então editor e proprietário do jornalzinho *O Paraíba*, de Petrópolis, partiu com a intenção de obter o máximo possível de assinantes remidos. Ou seja, mediante o pagamento da quantia de 500\$ (quinhentos mil réis) receberiam a publicação pelo resto da vida.

No final de agosto de 1859, Zaluar sai do Rio de Janeiro em direção ao Vale do Paraíba fluminense. Nessa primeira parte da viagem, utiliza a Estrada de Ferro D. Pedro II, cujo trecho construído alcança as proximidades de Pirai. O resto do percurso foi feito a cavalo. Durante os meses de setembro e outubro, visita as cidades de Pirai, Barra Mansa e Resende, mas sobretudo as fazendas da região, verdadeiros palacetes, suntuosos, decorados com gosto, em meio aos infundáveis arbustos copados de café, espalhados “por toda parte, no pendor das colinas, nas fraldas da montanha, nos pinheiros do morro”.⁷

A parte principal da viagem transcorre no estado de São Paulo. Como o sul fluminense, o norte paulista vivia a fase áurea de sua economia. Havia muito dinheiro circulando na região. As cidades se modernizavam, apresentando um aspecto agradável, com seus imensos casarões e muitas obras públicas em andamento. Vivia-se, sobretudo, nas fazendas, “os verdadeiros castelos feudais do nosso tempo”,⁸ que centralizavam toda a atividade econômica. Os ricos fazendeiros, senhores da vida e da morte,

gostavam de receber visitas e também de ostentar riquezas. Começavam a desfrutar da fama, meio anedótica, de acender charuto com nota de mil réis e de se exibir nos cabarés da moda, em Paris. O jornalista percorreu todas as cidades do norte paulista e várias vilas – Bananal, Barreiro, Areias, Queluz, Silveiras, Lorena, Guaratinguetá, Aparecida, Pindamonhangaba, Caçapava, Taubaté (a maior cidade da região), São José, Jacareí, Mogi das Cruzes –, retratadas de forma bastante simpática. Mesmo quando fazia restrições, como sobre o aspecto triste e pesado de Taubaté, logo dourava a pílula.

Sobravam motivos para essa atitude cautelosa. Em cada parada, Zaluar conseguia várias assinaturas, o que lhe permitiu chegar a São Paulo com uma boa quantia nos bolsos. Não desejaria, pois, matar a galinha dos ovos de ouro. A receptividade dos poderosos explica também o fato de, em nenhum momento de sua narrativa de viagem – publicada em capítulos no *Jornal das Famílias*, antes de serem recolhidas no volume intitulado *Peregrinação pela Província de São Paulo* –, o escritor sequer aludir aos escravos, de cujos braços dependiam todas aquelas riquezas. Era um assunto tabu entre a burguesia rural, no momento em que começava a despontar uma mentalidade abolicionista. Assim, aproveita para demonstrar piedade pelo indígena – o que não era de surpreender, em pleno reinado do indianismo em literatura – e preocupação com os costumes e a natureza da região, tão falsificados por estrangeiros irresponsáveis:

Todos os dias chegam da Europa livros recheados das mais ridículas e mentirosas fábulas acerca dos costumes singulares do interior do país, e desta grandiosa natureza com que a Providência mimoseou os povoadores da terra

⁷ Augusto Emílio Zaluar. *Peregrinação pela Província de São Paulo*. São Paulo: Cultura, 1943, p. 30.

⁸ *Idem*, p. 45.

*americana, enquanto bem pouco são os escritores sérios que se tenham dado ao trabalho de pintar com suas verdadeiras cores a magnificência e a beleza destas regiões.*⁹

As reportagens de Zaluar procuram essa fidelidade, transmitindo um razoável volume de informações, amenizadas pela evocação de algum fato histórico ou por uma divagação poética, tão ao gosto da época.

Chegando a São Paulo, o jornalista tornou-se muito popular entre os acadêmicos de Direito, dando origem a um novo verbo, Zaluar, com o significado de ser muito frequente. Não gostou da cidade, à qual fez muitas restrições. Considera-a monótona, e mesmo

*Nos seus dias de festa, em vez do riso jovial e franco, é taciturna e reservada, como uma beata que vai à missa das almas com o rosto escondido na mantilha e as contas do rosário a aparecem por baixo das rendas de um mantelete de seda.*¹⁰

Da capital, Zaluar dirige-se ao oeste do estado, visitando Campinas, Rio Claro e Piracicaba, esta vivendo um surto extraordinário de progresso, graças ao café. Regressa a São Paulo, onde permanece vários meses, mudando radicalmente de opinião sobre a cidade e seus habitantes.

*Tivemos ocasião desta vez de apreciar com mais intimidade o caráter dos paulistas, e modificar, confessamos, o juízo precipitado que nos levaram, e levarão a qualquer outro, as primeiras impressões de quem entra nesta capital.*¹¹

Curioso de novos cenários, segue para Sorocaba, a fim de assistir à grande feira anual, onde chegavam a ser negociados

cinco mil bestas, atraindo gente até da Bahia. Mas ver e conhecer não bastava. Era preciso, ainda e sempre, aumentar o volume de assinaturas de *O Paraíba*. Com esse objetivo, Zaluar prolonga o passeio a Porto Feliz e Itu, de onde regressa a São Paulo. Concluindo a longa viagem, conhece São Vicente, cuja decadência o impressiona, “voltada ao abandono e quase reduzida a ruínas”,¹² e Santos, onde embarca no vapor para o Rio de Janeiro.

Neste início de década de 60, as ferrovias começam a se expandir, mas ainda muito lentamente. Só em 1864, a Estrada de Ferro D. Pedro II alcança Piraiá, completando mais um trecho da projetada linha Rio-São Paulo. Foi um acontecimento. Para evidenciar as vantagens do novo meio de transporte e a sua segurança, combatendo a desconfiança que muitas vezes escondia pânico, a direção da empresa convidou diversos jornalistas e escritores, residentes na Corte, a viajarem até a cidade fluminense.

Um dos convidados foi o jovem cronista do *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis, que não contém o entusiasmo.

*Nenhum homem de gosto, que tenha em apreço as maravilhas da natureza e os prodígios do braço humano, pode deixar de ir ver, ao menos uma vez na vida, os trabalhos arrojados e os panoramas esplêndidos que lhe oferece uma viagem pela estrada de ferro de D. Pedro II.*¹³

Como acontece na França e em todo o mundo, o trem de ferro torna-se uma das bandeiras dos intelectuais, que nele simbolizam o espírito progressista do século. Em 1851, bem antes do novo meio

⁹ *Idem*, p. 121.

¹⁰ *Idem*, p. 137.

¹¹ *Idem*, p. 175.

¹² *Idem*, p. 220.

¹³ Machado de Assis. *Crônicas*, volume II. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944, pp. 169-170.

de transporte chegar ao Brasil, Pereira da Silva já o defendia. Narrando sua viagem pela Inglaterra, credita ao trem o fantástico progresso alcançado pelo país. Rebate com veemência a opinião de “que os caminhos de ferro tiraram às viagens a sua cor pitoresca e poética”.¹⁴ E indaga se havia algo de mais admirável “do que a rapidez de raio” com que o levou em duas horas e meia de Southampton a Londres, através de campinas e outeiros bem-cultivados, vendo ali um arado trabalhando, mais além “o pastor solfejando seus amores ao pé do rebanho”, e logo uma aldeia e uma cidade, “aparecendo e desaparecendo tudo em um minuto, como cenas de feitiçaria”.¹⁵

1865 é um ano importante na história da viação férrea no Brasil, com a inauguração da Santos-Jundiaí e o prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II até Vassouras. Para conhecer o percurso recém-inaugurado, a direção da empresa convida, novamente, Machado de Assis. Às seis e meia de uma manhã de setembro, o cronista embarca na primeira classe, sacode o pó que cobria o marroquim do assento e senta-se junto à janela. Com satisfação, revê a paisagem percorrida no ano anterior, aqueles “panoramas maravilhosos que em todo o trajeto a serra oferece”.¹⁶ O encanto aumenta após Piraí, trecho que ainda não conhecia, com o viajante sempre atento ao Paraíba:

*A vista deste rio, farto de águas, entre-
meado de numerosas ilhas de pedra, era um
espetáculo delicioso para os meus olhos,*

*acostumados a ver os rios urbanos do Rio de Janeiro dos dias de chuva.*¹⁷

E ainda acusam Machado de frieza diante da natureza...

A viagem do jovem cronista, como a de outros jornalistas convidados, e os seus depoimentos entusiasmados representavam a consagração de um transporte moderno e rápido, que começava a mudar a visão do homem do século XIX em relação ao tempo e ao espaço,¹⁸ mas que ainda encontrava opositores.

Para alegria desses conservadores, que preferiam a tração animal, a viagem inicial da Santos-Jundiaí, a 6 de setembro, terminou em desastre. A musa popular não perdeu a oportunidade de glosar o fato:

*Quem tem medo de morrer,
Numa estrada tão segura?
O passeio é deleitável,
Há na serra água potável
Pra benzer a sepultura.*¹⁹

Enquanto o povo ironiza o desastre, Taunay fazia uma viagem fantástica, autêntico roteiro de bandeirante do século XIX, com estações no inferno e no paraíso. Militar de profissão, o jovem segundo-tenente de artilharia segue para a fronteira com o Paraguai, região invadida pelas forças de Solano Lopes, como integrante da comissão de engenharia da coluna organizada para combater no norte de Mato Grosso.

Em abril de 1865, a tropa sai do Rio de Janeiro, desembarca em Santos, deslocando-se em seguida pelo interior de São Paulo,

¹⁴ Pereira da Silva. *Variedades literárias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862, p. 95.

¹⁵ *Idem*, p. 96.

¹⁶ Machado de Assis, em R. Magalhães Jr. *Vida e obra de Machado de Assis*, volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 327.

¹⁷ *Idem*, p. 327.

¹⁸ A propósito, consultar Claude Pichois. *Vitesse et Vision du Monde*. Neuchâtel: La Baconnière, 1973.

¹⁹ Afonso A. de Freitas. *Tradições e reminiscências paulistanas*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921, p. 106.

Minas Gerais e Goiás, até os confins de Mato Grosso, através de uma região bárbara, de natureza esplendorosa, em muitos pontos ainda virgem da mão do homem branco e que o escritor iria incorporar à geografia literária do Brasil.

O trajeto foi sendo vencido com lentidão. No percurso entre São Paulo e Uberaba, foram gastos quatro meses. Até aí, parece que ninguém se lembrava de que ia para a guerra. Em Campinas, a coluna permaneceu dois meses. Foi uma sucessão de jantares, festas, piqueniques, namoros, bailes e rega-bofes “a se prenderem, uns aos outros, e sem nos deixar um momento de folga”.²⁰ Na realidade, julgava-se que a tropa jamais alcançaria Mato Grosso, tamanhas as dificuldades do percurso. Pensando assim, andavam pouquíssimo, às vezes menos de meia légua por dia.

Neste passo, seguiram para Uberaba, um caminho já movimentado, ladeado de casas e ranchos, que serviam refeições abundantes e gostosas. Taunay fica deslumbrado com a natureza, emociona-se ao avistar, pouco depois de Franca, o primeiro buriti (“difícil, se não impossível, é ver-se cousa mais elegante, harmoniosa no todo, esbelta, airosa ao mesmo tempo que solene e melancólica”),²¹ delicia-se com os bandos de pombos, papagaios e periquitos, interessa-se pelas boiadas procedentes de Goiás, acha majestoso o rio Grande, na divisa de São Paulo com Minas Gerais.

Depois de uma parada de 47 dias na cidade mineira, a coluna põe-se em marcha para a região em conflito. As deserções

aumentam, numa prova eloquente do pensamento de muitos soldados de que “Deus é grande, mas o mato ainda maior!”. Como sempre surgem as brincadeiras, toleráveis ou abusivas. Alexandre de Escragnolle, primo de Taunay, vendo uma tropa carregada de queijos de Minas, manda-a parar e, com ar autoritário, dirige-se ao capataz:

– Você tem de pagar o imposto de guerra.

– Que imposto é este?, indaga o caipira, assustado.

– A guarda da frente é para isso. Passe para cá quatro queijos e dos bons; um para mim e três para os soldados. Agora, leve este documento para impedir, caso exijam, novas cobranças.

E entregou ao mineiro um bilhete, escrito a lápis, com os seguintes dizeres: “Deixem passar o portador em paz; já satisfaz o tributo”.²²

A coluna deixa Minas, transpondo o rio Paranaíba e prossegue em marcha lenta pelos belos campos do sul de Goiás. Na pequena vila mato-grossense de Santana do Paranaíba, “miserável e sazonal”,²³ que Taunay iria imortalizar em *Inocência*, o comandante recebe ordem de mudar o roteiro de viagem. Em vez de seguir para Cuia-bá, devem se encaminhar para Miranda, no sul da província, ainda ocupada pelos paraguaios.

A partir de Santana de Paranaíba, entra-se no chamado “sertão bruto”, um imenso estirão de terra, sem moradores, *por toda a parte, a calma da campina não arroteada: por toda a parte, a vegetação virgem, como quando aí surgiu pela primeira vez*.²⁴

²⁰ Taunay. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 119.

²¹ Taunay. *Visões do Sertão*. São Paulo: Melhoramentos, s/d, p. 55.

²² Taunay. *Memórias*, p. 138.

²³ Taunay. *Visões do Sertão*, p. 48.

²⁴ Taunay. *Inocência*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924, p. 2.

A paisagem muda. Os campos de cerrado, o cerrado mato-grossense, de árvores elevadas, alternam-se com os capões, “tão regulares e simétricos em sua disposição que surpreendem e embelezam os olhos”²⁵ e as charnecas, onde crescem o buriti e “o gravatá entrança o tapume espinhoso”.²⁶

Afinal, acampam em Coxim, na confluência dos rios Taquari e Coxim, um ponto considerado estratégico para impedir o acesso dos paraguaios à capital do estado. Era dezembro e, até então, a coluna já percorreria 1.742 km. Foram dias longos, monótonos, que Taunay alivia pescando, herborizando, desenhando quadros da região. De repente, começam as chuvas, e o local fica ilhado, sem qualquer possibilidade de chegarem alimentos para as quase três mil pessoas que ali se encontram; dois mil e tantos homens em armas, e centenas de agregados, mulheres e até crianças, que seguiam os militares.

Após Coxim, a viagem se transforma em pesadelo. O rio Negro encontra-se cheio e é preciso esperar que baixe. Os homens passam a noite trepados em árvores, atacados pelos implacáveis “pernilongos de cervo, assim chamados porque não há couro que o ferrão não atravesse”.²⁷ Desesperados com a mosquitada, os animais arrebatam as cordas e saem em disparada.

Ultrapassado o rio, a coluna segue pelo Pantanal, através de brejos pestilentos, que margeiam as montanhas. Às febres que começam a dizimar as tropas, junta-se mais outro suplício, a fome. Sem viveres, o pessoal tem dificuldade até de engolir a saliva, tão apertada estava a garganta.

²⁵ *Idem*, p. 3.

²⁶ *Idem*, p. 3.

²⁷ Taunay. *Em Mato Grosso invadido*. São Paulo: Melhoramentos, s/d, p. 15.

Uma outra ameaça são as inúmeras cobras. Em certa ocasião, ao se preparar para tomar banho, Taunay percebe uma imensa jararacuçu. Por pouco não é mordido. De outra vez, ao despertar de um sono profundo, encontra, sob o couro onde dormia, uma enorme jararaca preguiçosa, que ali se aninhara em busca de calor.

O perigo está em toda parte. Na passagem do rio Aquidauana, Taunay presencia uma cena dantesca. Acabara de fazer a travessia, a nado, quando vê, a poucos metros, sem nada poder fazer, as águas se tingirem de sangue e um colega ser tragado por um imenso jaú. Mas a região é edênica, de uma beleza perturbadora.

“Se há rio formoso no mundo, é o rio Aquidauana”,²⁸ com seu leito de areias alvíssimas ou rochas de grés vermelhas, fazendo linhas e desenhos que parecem “traçados, em horas de capricho, por algum misterioso escultor, que não sabia como desperdiçar o tempo”.²⁹ O escritor diz nunca ter sentido uma alegria tão pura, como ali. Ao passear pelo rio vê:

*A cada instante antas, veados e varas de porcos monteses que vinham à beira desdentar-se e paravam atônitos ao encontrarem gente em tão tranquilas e solitárias paragens; víamos lontras e capivaras que mergulhavam espavoridas, ao passo que nas grandes árvores pousavam inúmeras aves, mutuns, jacus, bandos e bandos de jacutingas, tão numerosas que nos pareciam de urubus, araras e papagaios sem conta, um mundo enfim de pássaros de todos os matizes e tamanhos, que davam a esses lugares aspecto maravilhoso, paradisíaco.*³⁰

²⁸ Taunay. *Céus e terras do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924, p. 85.

²⁹ *Idem*, p. 86.

³⁰ *Idem*, p. 87.

Afinal, acampam na Serra de Maracaju, para retemperar as forças. Nestes dias de paz, em meio ao esplendor da natureza, Taunay vive um romance de amor com uma indiazinha da nação chané. Mal a viu, montada num boi, atrás da família, o segundo-tenente tem um impacto. A moça, de quinze para dezesseis anos, era de uma beleza exótica, com seu rosto oval, bela boca com os “dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos”.³¹ A paixão é recíproca, irresistível, um “sentimento forte, demasiado forte”.³²

Mas guerra é guerra. Em julho de 1866, a coluna desloca-se para Miranda, numa

³¹ Taunay. *Memórias*, p. 201.

³² *Idem*, p. 207.

região insalubre. A permanência ali provoca uma verdadeira devastação. O beribéri mata dezenas de soldados e oficiais. Mesmo assim continuam por 113 dias naquele local maldito, de onde se deslocam para Nioac. No início de março de 1867 – dois anos após a partida do Rio de Janeiro, tendo percorrido cerca de 2.500 quilômetros e perdido um terço dos homens –, a coluna encontra-se a apenas doze léguas do forte paraguaio de Bela Vista. Os indícios da presença dos inimigos são cada vez maiores. Alguns dias depois ocorrem os primeiros combates. Os brasileiros são obrigados a recuar, no episódio conhecido como retirada da laguna. Mas isso já não é conversa de viagem, mas de guerra.

Futuro à distância

Arnaldo Niskier

Ocupante da Cadeira 18 na Academia Brasileira de Letras. Formado em Matemática e Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Doutor em Educação. Foi membro do Conselho Nacional de Educação. Autor de mais de cem livros. Membro da Academia Brasileira de Educação.

O uso de inovações tecnológicas no ensino foi acelerado pela pandemia do novo coronavírus. Trouxe, a reboque, o reforço da valorização de habilidades essencialmente humanas, que (ainda) não foram substituídas pela máquina: criatividade, empatia, liderança e empreendedorismo, entre outras competências tão importantes para o profissional desse “novo” normal.

As tendências para o futuro tornarão a educação onipresente, com o modelo convencional atuando junto com a formatação *on-line*, praticada nos cursos de EAD.

Boa parte das escolas vai caber nos dispositivos móveis, tornando possível respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Caberá ao professor de amanhã o papel de curador, escolhendo os conteúdos, os meios e fazendo a conexão entre eles.

A modalidade da educação à distância não é nova. Há registros do século passado mostrando sua aplicação em países desenvolvidos. Aqui no Brasil é que as coisas sempre foram lentas. Ainda hoje se questiona o seu emprego, por uma justificativa altamente discutível: o medo da pilantragem.

Os problemas para a incorporação da tecnologia pela escola brasileira incluem muitas falhas na infraestrutura, além da formação docente. Um dos tradicionais obstáculos à realização dos programas pensados é a escassez de recursos financeiros. Há um discurso na praça afirmando que não é esse o maior dos nossos problemas. O que pesa no processo é a falta de qualidade operacional. Cita-se como maior exemplo, no caso do magistério, o fato comprovado de que melhores salários não são determinantes de uma grande mudança. Se os salários fossem dobrados, nem por isso a qualidade seria estabelecida de imediato. Isso depende de uma série de fatores, alguns até bastante complexos.

Os investimentos na função educação alcançam 6,3% do Produto Interno Bruto. Deveriam chegar a 10% em escala nos anos seguintes. São recursos dignos de países industrializados, mas o que nos impaciente é que não se sente um adequado planejamento sobre o que vem por aí.

Qual o milagre que se espera para acabar com os 12 milhões de analfabetos adultos hoje existentes? O que fazer para que a

educação infantil deixe de ser prioritária só nos discursos e passem a existir as creches tantas vezes prometidas? O ritmo de trabalho do que temos visto não nos deixa nada otimistas.

Enquanto o número de matriculados em cursos presenciais de formação de professores no Brasil se manteve estável nos últimos cinco anos, as matrículas nos cursos à distância cresceram em ritmo acelerado. Um em cada três alunos de graduação na área de educação faz o curso remoto, de acordo com dados do governo. Em pedagogia, especificamente, a taxa é maior: metade dos estudantes está matriculada em cursos à distância. As informações são do último censo do Ensino Superior disponível.

A procura por cursos de formação de docentes à distância foi estimulada por lei. Há mais de 20 anos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) tornou obrigatória a formação em ensino superior para professores da educação básica. Como muitos docentes já davam aula sem diploma universitário, o curso remoto acabou sendo uma boa opção – a maioria dos alunos de cursos à distância no Brasil trabalha e estuda ao mesmo tempo.

A oficialização da EAD enseja dois tipos de receio: a) a falta de cuidado no credenciamento das instituições; b) o facilitário na concessão de diplomas. São preocupações que não devem inibir o processo. Não podemos admitir que sejamos definitivamente incapazes de levar a sério esse tipo de experiência pedagógica ou qualquer outro.

Ao longo da história a escola foi adaptando-se às novas tecnologias. Num primeiro momento a educação formal era baseada em aulas expositivas, com o enfoque no discurso do professor. Atualmente, temos

diversas mídias educacionais. O grande desafio é saber utilizá-las de modo eficiente e permitir que elas contribuam com as práticas pedagógicas.

Estamos vivendo em pleno mundo digital, trabalhando com cidadãos digitais. Embora ainda existam bolsões de pobreza, a verdade é que, de 20 anos para cá, a internet comercial é uma realidade, hoje com cerca de três bilhões de navegantes. Ter um celular passou a ser um direito humano para cerca de 5,2 bilhões de pessoas, que representam $\frac{3}{4}$ do mundo.

Escola portátil, conteúdos personalizados, aulas virtuais: o futuro da (nova) educação está bem delineado. Para fazer a tecnologia melhorar o ensino, falta viabilizar as velhas questões trazidas pelo passado, como infraestrutura, formação de professores e verba.

O Brasil tem um sistema de formação de professores que precisa de alterações profundas. Há, nas universidades brasileiras, um compromisso reduzido com a formação de docentes para a educação básica.

Temos 280 mil professores universitários e o total de doutores não passa de 20% desse número. Deve-se abrir caminho para a EAD, que poderia ser fundamental nesse processo de conhecimento novo.

Segundo um recente levantamento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), na última década, em comparação com estudantes de 65 nacionalidades, ninguém avançou tanto em sala de aula quanto os chilenos. O mérito do Chile foi aplicar com disciplina e persistência iniciativas de eficácia já testadas, com sucesso, em países desenvolvidos. Elas só funcionaram porque permaneceram de pé ao longo de duas décadas ininterruptas

– a salvo de trocas de poder, ideologias e ingerências políticas que costumam provocar retrocessos na área.

O abandono escolar é uma realidade brasileira, embora o Governo tenha estimulado a valorização da escola por intermédio de ambiciosos projetos sociais, como o Bolsa Família, que contemplou 13,8 milhões de famílias, beneficiando cerca de 50 milhões de pessoas. E mais recentemente o chamado auxílio emergencial.

Futuro híbrido

Na educação, o futuro é híbrido. Se pessoas e máquinas trabalharem em convergência, o capital humano nunca perderá importância. A máquina pode muito, mas não pode tudo. Milhões de estudantes, com a existência da pandemia, fizeram a migração das aulas presenciais para as remotas, mantendo do jeito que era possível. Haverá o retorno às salas de aula, com uma consciência mais ampla de que sempre teremos um humano por trás das aplicações das novas tecnologias, construindo o planejamento de um futuro amplificado.

Frente às demandas do mercado, as instituições de ensino superior (IES) precisam formar profissionais sintonizados com esse novo mundo. Para se manter relevantes no mundo pós-pandemia, as IES terão que adaptar seus currículos para as novas tecnologias, de forma a não perder a oportunidade de navegar nas ondas do futuro, que chegou mais cedo do que se esperava.

Para ajudar as IES, a ABMES e a Microsoft firmaram parceria para a adoção de currículos de Inteligência Artificial na graduação. Dezesete instituições aderiram ao projeto, e outras estão a caminho, mostrando o interesse

crescente em aproximar o mundo acadêmico do mundo tecnológico. Antes disso, porém, as instituições precisam sobreviver.

Em recente conferência realizada no país, o sociólogo português António Nóvoa, Reitor honorário da Universidade de Lisboa, defendeu a criação de um “lugar institucional” que assumisse a responsabilidade de formar professores. Nesse “lugar” deveria haver uma forte presença das escolas e dos professores, permitindo que os estudantes das licenciaturas se socializassem, desde o primeiro ano, adquirindo uma cultura profissional docente.

A formação continuada se faz, dentro da profissão, através de reflexões sobre a experiência e o trabalho docente, procurando as melhores soluções e caminhos para a educação dos alunos. Cursos, seminários e palestras têm as funções de convívio e contato com ideias e autores, mas não são satisfatórios como formação continuada. É preciso cooperação, reflexão e pesquisa constantes sobre o trabalho docente.

O filósofo francês Michel Serres (1930-2019), autor de mais 60 livros publicados ao longo de 50 anos de trabalho, destaca a diferença, em língua francesa, entre educar (*éduquer*) e instruir (*instruire*). Instruir é dar a informação sobre um conhecimento. Trata-se de ciência, de transmissão de conhecimentos, como a matemática, a gramática etc. Obviamente, isso não é educar. Educar é formar uma pessoa, em seu sentido mais amplo. Em toda educação há a instrução, de alguma forma.

Serres chama a atenção para a era digital como a terceira revolução na história da Humanidade. A primeira foi a escrita. A segunda, o livro. A terceira, o digital. É preciso estar atento, não somente aos novos lançamentos da parafernália tecnológica,

mas, principalmente, às mudanças que o digital provoca na forma como as crianças pensam, como usam o cérebro, como acessam o conhecimento, como se relacionam e como se comunicam. Essas mudanças trazem uma verdadeira revolução na aprendizagem e, obviamente, na escola.

É essencial compreender a importância dessas transformações. O acesso à informação é hoje imediato, fácil e disponível a todo mundo pelas novas tecnologias. É possível que estejamos, pela primeira vez na história da escola, perante uma “revolução de baixo”. Até hoje, as mudanças foram sempre pensadas a partir “de cima”, pelos reformadores, pelos políticos, pelos pedagogos. Agora, a revolução se impõe “de baixo”, pela forma como as crianças pensam e acessam o conhecimento. Elas estão nos obrigando a mudar as escolas e a própria educação.

Investimentos

É lamentável que, em nosso país, ainda faltem investimentos na qualificação de professores. Faltam também laboratórios e bibliotecas. O Brasil tem cerca de 200 mil escolas, a maioria sem bibliotecas e laboratórios compatíveis. Diante disso, como oferecer aos nossos educandos a possibilidade de uma educação de qualidade? É essencial corrigir essas falhas. As sociedades mais bem-sucedidas economicamente e as que alcançaram os graus mais elevados de bem-estar são as que mais dominam as várias áreas do saber. A questão da Educação é estratégica para atingir o estágio de desenvolvimento que almejamos como nação.

Na verdade, a educação à distância ganhou força no Brasil justamente por causa da necessidade de formação dos professores.

Com o tempo, os cursos à distância foram se expandindo para além das licenciaturas. O número de matrículas em cursos na área de educação à distância cresceu 26,71% nos últimos cinco anos. Já os presenciais de formação de docentes tiveram aumento de 0,12%. Ainda estamos atrasados.

Há experiências isoladas que merecem todo crédito, como o curso de especialização à distância que se desenvolve na cátedra da Unesco existente na Universidade de Brasília. A Universidade Federal de Santa Catarina, por intermédio da sua Faculdade de Engenharia, desenvolve um inteligente projeto de EAD, que, por sua seriedade, recebeu aplausos e incentivos financeiros do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Há outros experimentos em instituições universitárias ainda não credenciadas pelo CNE (como manda a lei). Em todos eles, pelo que se sabe, existe a preocupação com a garantia de qualidade, sem o que não há como fazer prosperar esse imenso potencial de atendimento, num país com as nossas incríveis dimensões.

Deve-se louvar igualmente o pioneirismo da Universidade Virtual criada pela Faculdade Carioca do Rio de Janeiro, sob a inspiração do professor Celso Niskier. É dele também a autoria da primeira deliberação oficial de criação de cursos à distância, numa decisão do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

O que se pode desde logo assegurar é que avançamos tecnologicamente em termos de *hardware*. Satélites, parabólicas, computadores, ilhas de edição totalmente digitalizadas, canais exclusivos para educação – enfim, sob esse aspecto, não há

dúvida que se pode contar com imensa e rica parafernália eletrônica.

Onde ainda existe grande precariedade é na engenharia de *software*, ou seja, na indispensável produção de programas. Somos corajosos para comprar equipamentos dignos do Primeiro Mundo, mas os salários pagos aos nossos professores e especialistas, em geral, ainda não passam do Terceiro Mundo.

Enquanto isso, no mundo caracterizado pela sociedade pós-industrializada, desdobram-se projetos de sucesso, alguns dos quais são oferecidos ao Brasil numa tentativa de conquista do mercado, de imensas virtualidades.

A Universidade de Harvard realiza programas com a Argentina; a Universidade de Michigan, que procurou o Brasil para a feitura de um MBA, está com os seus tentáculos estendidos a Hong Kong, Japão, Tailândia e outros tigres asiáticos, num fenômeno de expansão que justifica os temores da globalização cultural; o mesmo faz a Universidade da Pennsylvania, por intermédio da sua notável e bem-sucedida *Wharton School*, onde estivemos por quatro vezes para estudar a problemática da previdência complementar. Hoje, os seus programas são oferecidos ao Brasil, de forma indireta, utilizando os mecanismos da educação à distância e, mais particularmente, o potencial dos satélites domésticos de telecomunicações.

Grupo de trabalho

Para a implantação de um Sistema Nacional de Ensino Superior Aberto e à Distância contribui decisivamente a existência de um amplo parque editorial, de inúmeras emissoras de rádio (mais de três mil) e de televisão, além de uma excelente rede de

comunicação postal, telefônica e via satélite. Não foi por outra razão que o Congresso Nacional recebeu, em 1972, o primeiro Projeto de Lei, criando a Universidade Aberta, o que se repetiu em 1987. Só em 2006 ela começou a funcionar – e de modo precário.

Os ministros Hugo Napoleão (28-2-1988 a 17-1-1989) e Carlos Sant’Anna (17-1-1989 a 15-3-1990) criaram Grupos de Trabalho para estudar a educação aberta e à distância, entendida como moderna modalidade, capaz de revolucionar a nossa política de recursos humanos. Alguns experimentos chegaram a ser financiados pelo MEC, em 1989, como o programa de educação continuada para professores de matemática e ciências do primeiro grau (Funbec), formação de especialistas em educação à distância (Universidade de Brasília), criação do Centro de Educação à Distância da Uerj, Projeto Vitória-régia (Secretaria de Educação do Amazonas), materiais para rádio e televisão (Irdeb) etc.

Como sempre acontece, não houve continuidade, embora do Grupo de Trabalho fizesse parte um representante do Conselho Federal de Educação e outro do INEP, instituições aparentemente não perecíveis (o CFE trocou de nome).

A título histórico, registramos os nomes constantes da Portaria Ministerial número 418, de 10 de novembro de 1988, assinada pelo ministro-interino Luiz Bandeira da Rocha Filho, com Arnaldo Niskier, Terezinha Maria Abranches Felix Cardoso, Maria de Lourdes Marques Bittencourt, Anna Rosa Bogliolo de Siqueira, Jane Maria Fantinelli Tomasini, Inês Bettoni e Marly Gonet Mourão Branco.

Este Grupo de Trabalho, por nós coordenado, concluiu documento intitulado “Por

uma Política Nacional de Educação Aberta e à Distância”, em fevereiro de 1989, em que foram estabelecidas estratégias de implantação, acompanhamento e avaliação, de que se pode extrair o seguinte resumo:

Proceder ao levantamento da demanda real de necessidades, a ser atendida pela metodologia de EAD; promover a formação de equipes multidisciplinares para a produção de programas; ampliar o acervo das bibliotecas escolares, de modo a incorporar também vídeos, disquetes e outros materiais; incentivar a produção de programas locais de rádio e televisão; apoiar técnica e financeiramente programas e projetos de EAD promovidos por instituições públicas de ensino e organizações da sociedade civil sem fins lucrativos; estabelecer mecanismos de acompanhamento e avaliação de programas e projetos da EAD; aproveitar a infraestrutura de instituições de ensino de nível médio e superior, para torná-las centros de EAD regionais e/ou estaduais; incluir a metodologia da EAD nos currículos dos cursos de educação e de comunicação; oferecer, nas universidades, cursos de especialização em educação à distância; oferecer cursos de especialização para professores e outros profissionais de ensino superior, em face da carência de recursos humanos com titulação adequada e formalmente exigida etc.

O que se lamenta é o “embargo de gaveta” sofrido pelo estudo mencionado, que custou muitas horas de reuniões e experiência transmitida, sem que na prática fosse colocado em execução. Mas, quem sabe, criou um clima favorável ao seu desencadear agora?

Que somos um grande mercado, não há dúvida. Que sofremos um atraso crônico na apropriação de tais ideias, menos dúvida ainda. Cabe ao Ministério da Educação o natural papel de liderança, para acelerar o emprego na modalidade e, a nosso ver, não apenas

no prioritário campo da capacitação e aperfeiçoamento de professores, mas em outras áreas igualmente importantes do nosso processo de crescimento. Se optar pelo financiamento a projetos, que se faça a cobrança imperiosa da QUALIDADE, assim justificando o investimento público numa área de relevo estratégico para o país. O que nos anima é o despertar da Universidade Aberta do Brasil (UAB), um consórcio de universidades oficiais empenhadas nessa modalidade.

Para que o tema ganhe continuidade, é importante que sejam levados em consideração os itens que propusemos ao Conselho Nacional de Educação através da Indicação n.º 6/96, em que se previa a criação de um Sistema Nacional de Educação Aberta e à Distância; antes, é de nossa autoria a Indicação n.º 1/86, do Conselho Federal de Educação, sobre Informática na Educação. Um documento pioneiro, com algumas sugestões importantes:

1. Estabelecer a Política Nacional de Educação Aberta e à Distância, no âmbito do Conselho Nacional de Educação, integrando o Plano Nacional de Educação;
2. Estimular a experiência da Universidade Virtual, com a oferta ilimitada de cursos não presenciais e a ampla utilização de endereços eletrônicos;
3. Integrar os esforços das redes nacionais de rádio e televisão educativa, a fim de dar suporte aos projetos de treinamento de capacitação de profissionais, nos níveis médio e superior;
4. Criar a primeira experiência-piloto na área do magistério, qualificando professores e especialistas, com ênfase no emprego da informática na educação;

5. Treinar profissionais de multimídia (roteiristas, engenheiros de *software*, produtores visuais, animadores, produtores de vídeo, fotógrafos, locutores, dubladores etc., todos eles constituindo o que hoje chamamos de profissionais de *newmedia*);
6. Orientar a produção de *softwares* educativos no país, para distribuição nas escolas públicas, com vistas ao aperfeiçoamento da qualidade do ensino (ênfase na educação básica);
7. Elaborar uma estratégia nacional para o ensino por correspondência, baseada nos princípios da educação continuada e em perfeita consonância com a realidade brasileira, preservada a qualidade dos serviços a serem prestados;
8. Promover a formação de equipes multidisciplinares para a produção de programas;
9. Ampliar o acervo das bibliotecas escolares, de modo a incorporar também vídeos, disquetes e outros materiais;
10. Incentivar a produção de programas locais de rádio e televisão;
11. Apoiar técnica e financeiramente programas e projetos de EAD, promovidos por instituições públicas de ensino e organizações da sociedade civil sem fins lucrativos;
12. Aproveitar a infraestrutura de instituições de ensino de nível médio e superior para torná-las centros de EAD regionais e/ou estaduais;
13. Incluir a modalidade de EAD nos currículos dos cursos de educação e de comunicação.

Quarta revolução industrial

Em torno de 60% das profissões de 2019 ainda não existem. É preciso preparar os nossos jovens para esse mercado. O conhecimento é o maior insumo do século XXI. É ele que vai determinar o sucesso de um profissional. E o maior centro de distribuição de conhecimento continua sendo a escola.

Já se fala em quarta revolução industrial. São tecnologias capazes de integrar os domínios físicos, digitais e biológicos da vida humana. Essa revolução seria caracterizada pela difusão da internet móvel, o surgimento dos sensores menores, mais poderosos e mais baratos, e pela inteligência artificial e aprendizado da máquina. O professor deve atualizar-se nas tecnologias inovadoras e descobrir-se um facilitador do processo educacional, reinventando um conjunto de ações didático-pedagógicas.

Prevê-se a valorização do ensino técnico-profissional de que o país tanto carece. O ensino médio deve oferecer habilidades e competências aos alunos segundo suas escolhas pessoais – e de acordo com as variações do mercado. É o que faz com sucesso o Sistema S desde a década de 1950, com a boa tradição dos seus cursos profissionalizantes. Quando o assunto é tecnologia aplicada à educação, o Sesi, o Senai, o Sesc e o Senac são pioneiros na formação dos profissionais do futuro. Essas entidades colocam os jovens em contato com a tecnologia desde cedo e contribuem com a formação de adultos mais conectados à inovação. O Sesi mantém aulas de robótica no currículo de 400 de suas escolas de ensino médio e fundamental. Há cinco anos, organiza um torneio de Robótica para estudantes de 9 a 16 anos, de escolas públicas e particulares, desafiados a criar soluções inovadoras e construir robôs com peças de Lego.

Desafios

O mundo vive a dicotomia cruel: de um lado, altas tecnologias e, de outro, mão de obra de baixa qualificação (no caso da China, com salários baixos pagos aos trabalhadores, provocando uma competição perversa). O simples adestramento de trabalhadores não parece o ideal. Ele resolve questões de momento, com oportunismo, não levando a soluções duradouras.

A globalização da economia, muito boa para certos países, já nos trouxe problemas internos graves, como os que ocorrem na indústria naval, a indústria de brinquedos e a indústria têxtil. Apresenta-se uma perspectiva favorável para o Brasil em produtos agropecuários e produtos minerais (minério de ferro, bauxita e manganês).

Devemos levar a nossa política de recursos humanos a considerar todos esses fatos, na diversificação necessária. Sob esse aspecto, o papel do novo ensino médio é estratégico e essencial, podendo elevar a qualidade dos nossos produtos, valorizando a mão de obra indispensável e distribuindo melhor e de forma bem mais equitativa a renda nacional.

As mudanças de grande amplitude que caracterizam a sociedade contemporânea vêm causando um impacto de proporções inéditas no campo educacional. O aumento crescente da demanda por mais escolaridade, a busca por novas formações, a necessidade de percursos curriculares mais flexíveis, a existência de recursos pedagógicos tecnologicamente avançados, o advento da internet e das redes sociais e a comprovada limitação das metodologias mais ortodoxas tornam evidente que a escola, como é hoje, não atende às expectativas e necessidades da juventude brasileira.

Será possível vencer esse grande desafio, quando alcançarmos um efetivo empenho das autoridades, com professores e especialistas, numa escola renovada e com os equipamentos necessários, formados e dispostos, com uma remuneração compatível. Só assim poderá prevalecer, para o bem do país, o que vimos denominando de novo humanismo tecnológico.

Como fecho, devemos exaltar a Escola SESC de Ensino Médio, criada no Rio de Janeiro, para servir de modelo a outras mais que deverão existir.

Monteiro Lobato foi racista?

Ivo Korytowski

Escritor com duas obras premiadas pela UBE, tradutor consagrado, lexicógrafo, filósofo pela UFRJ, pesquisador da história do Rio, blogueiro e Youtuber. Pode ser contactado no Facebook.

Nos últimos anos, na onda do politicamente correto, surgiu a acusação de que Monteiro Lobato teria sido racista. A gente tem que julgar um artista pelo contexto e espírito de sua época. Na peça *O mercador de Veneza*, Shakespeare cria um personagem que é o protótipo da imagem do judeu usurário e desalmado vigente naquela época. Por isso vamos tachá-lo de antissemita? Charles Dickens, em *Oliver Twist*, cria um personagem judeu que explora crianças ensinando-as a roubar. Por que personagem tão negativo tinha que ser justo um judeu? Por que não católico ou hinduísta? Mas não é por isso que vamos tachar o Dickens de antissemita e deixar de ler seus livros.

Aqui no Brasil temos o exemplo do escritor paraense Inglês de Sousa, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que, no início do seu conto “A festa do judeu”, desanca o “Povo Escolhido” com epítetos como “malvado judeu” e “[o] homem que havia pregado as bentas mãos e os pés de Nosso Senhor Jesus-Cristo numa cruz”, mas jamais ocorreu a alguém tachá-lo de antissemita, pois sabemos que ele apenas

refletia a visão do judeu na sociedade da época, moldada por séculos de pregação pela Igreja da doutrina da culpa coletiva, com base em Mateus 27:25: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”.

Também o grande sociólogo Gilberto Freyre teve, na juventude, uma fase “racista”, e não é por isso que vamos desmerecer o conjunto de sua obra. Em artigo intitulado “Na Argentina”, publicado na coluna “Da outra América”, na pág. 3 do *Diário de Pernambuco* de 31 de outubro de 1920, aos vinte anos, portanto, escreveu Freyre:

Algumas das páginas mais interessantes do livro do Sr. Lima são as dedicadas ao problema da raça na Argentina. Parece que nesse ponto a República do Prata leva decidida vantagem sobre os demais países americanos. Em futuro não remoto sua população será praticamente branca. Tão inferiores em número à caudalosa maré caucásica são os elementos de cor que o processo de clarificação da raça argentina será relativamente breve, fácil e suave.

Acusam Lobato de, em sua caracterização da Tia Nastácia, ter sido racista. Acusam-no também de ter sido partidário da eugenia, e tacham o seu único romance, *O presidente negro*, de racista. Mas esquecem

que, em seu conto magistral intitulado “Negrinha”, Lobato faz uma denúncia pungente dos maus-tratos infligidos a uma menina de raça negra. Um racista de verdade jamais teria escrito um tal conto.

A Tia Nastácia realmente é caracterizada como uma negra beijuda e, a certa altura de *Reinações de Narizinho*, Pedrinho revela que ela tinha vergonha de ser preta. “Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta.” Mas a gente tem que entender o contexto da sociedade da época. A escravidão havia sido abolida poucas décadas antes. Os negros libertados não receberam nenhum tipo de indenização, tampouco receberam instrução. Quando escravos, não frequentavam escolas, e depois de libertos o sistema educacional levou décadas até absorvê-los. Em meados do século XX, metade da população brasileira ainda era analfabeta, e entre estes analfabetos havia uma forte proporção de negros. Na época em que Lobato escreveu suas obras, embora alguns negros já tivessem se destacado na sociedade, como os engenheiros irmãos Rebouças, ainda constituíam exceções. Não existia uma classe média negra.

E essa fantasia do negro querer ser branco não é tão estranha quanto se afigura. Macunaíma, o herói sem caráter, criação genial de Mário de Andrade, também nasceu preto, mas, ao se banhar numa água encantada, transformou-se em “branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele”. E nos próprios países africanos na atualidade não são incomuns os cosméticos de branqueamento da pele. A Organização Mundial de Saúde adverte que os tratamentos para embranquecer a pele praticados na África podem causar graves

doenças, como a gente lê no artigo “*Paying a high price for skin bleaching*” publicado na *Africa Renewal* de abril-julho de 2019.

Lobato, em uma de suas cartas para Godofredo Rangel (7/2/1912), publicadas em *A barca de Gleyre*, refere-se com carinho à tia Anastácia, a “preta que eu trouxe de Areias”, ama de seu filho Edgard, na qual decerto se inspirou para criar a Tia Nastácia: “Excelente preta, com um marido mais preto ainda, de nome Esaú”. Ainda sobre Anastácia, em entrevista a Silveira Peixoto no final dos anos 30, incluída no livro *Prefácios e entrevistas*, diz Lobato:

Uma preta alta, muito boa, muito resmunguenta, hábil quituteira... Tal qual a Anastácia, ou a Tia Nastácia dos livros.

E em outra de suas cartas para Godofredo Rangel (27/6/1909), escreve:

Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragédias biológicas. Ser pigmentado, como é tremendo!

Em 10 de janeiro de 1917, escreve:

Consulte os negros velhos daí, porque já notei que os negros têm muito melhores olhos que os brancos. Enxergam muito mais coisas.

Existe o outro lado da moeda, passagens em que fala depreciativamente dos negros, mas são poucas, numa correspondência que durou quarenta anos.

Carta a Godofredo Rangel de 30/7/1910:

A minha ideia do porão falhou, porque uma criada ocupa a repartição próxima, e como é preta põe lá um bodum pior que o barulho da sala.

Carta a Godofredo Rangel de 29/10/1916:

A Capital [...] publicou umas tantas infâmias sobre o nosso grande morto [poeta Ricardo Gonçalves], escritas em língua de negra suja.

Carta a Godofredo Rangel de 6/2/1915:

O negrinho aluno está uma pura maravilha; conheço uns tantos desses pretos de pas-tinha, brancos por dentro, pretos só por fora.

Parece absurdo, mas na época, assim como alguém pão-duro era chamado de “judeu” (os dicionários consignam este uso, por exemplo, o Houaiss: “pessoa usurária, avarenta”), usava-se a expressão “preto de alma branca” para um negro com características consideradas mais típicas da população branca.

É bem verdade que, em carta de 3/2/1908, quando Lobato tinha 25 anos, existe um trecho na primeira edição fortemente racista, tanto é que foi eliminado das edições subsequentes:

Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento do caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiura! Num desfile, à tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português da maneira mais terrível – amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. [...]

Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!...

Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial. Temos também aqui essa barreira, mas só em certas classes e certas zonas. No Rio não existe.

Por outro lado, Lobato sente uma afinidade pelo povo. Luta em vão contra a burocracia e a ditadura Vargas para trazer ferro e petróleo ao país, modernizando-o. No pós-Segunda Guerra Mundial, simpatiza com o socialismo soviético, como revela ao repórter Tulman Neto do *Diário de São Paulo*, em entrevista publicada em *Prefácios e entrevistas*: “O quase certo [...] é a passagem da Ordem Social Capitalista para a Ordem Socialista, mais ou menos como na Rússia”. Em carta de 15/7/1915 para Godofredo Rangel, escreve:

A burguesia não tem alma. Educação e riqueza são máscaras de desindividualização. Que delícia nadar nas ondas da plebe, como num mar!... Como Gorki nadava...

Em carta de 7/12/1916, escreve:

O caboclo parece-me hoje açúcar refinado perto do açúcar preto que são os urupês citadinos de gravata. Que pulhas!

Em carta de 17/4/1917, escreve:

A nossa imbecilização é das mais curiosas: vem de cima para baixo, e decresce quando chega ao povo. Quanto mais conheço os pares-dros [= mandachovas], mais admiro o equilíbrio, a sensatez, a sanidade mental destes meus bons caboclos da roça.

Se fosse verdadeiramente racista, Lobato não elogiaria nestes termos o mulato Lima Barreto, na época vítima de preconceito:

Conheces Lima Barreto? Li dele, na Águia, dois contos, e pelos jornais soube do triunfo do Policarpo Quaresma, cuja segunda edição já lá se foi. A ajuizar pelo que li, este sujeito me é romancista de deitar sombras em todos os seus colegas coevos e coelhos, inclusive o Neto. Facilimo na língua, engenhoso, fino, dá impressão de escrever sem torturamento – ao modo das torneiras que fluem uniformemente a sua corda-d-água. (Carta de 1º/10/1916 a Godofredo Rangel)

Aliás, Monteiro Lobato, à frente da Editora Revista do Brasil, editou uma obra de Lima Barreto, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, um total fracasso de vendas, que Lobato atribuiu ao título, pouco convidativo.

O primeiro livro que Lobato publicou, baseado em série de reportagens para *O Estado de São Paulo*, intitulado *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* (1918), é sobre a lenda do saci, que depois deu origem a um de seus livros da série infantojuvenil. Um escritor racista estrearia em livro com uma lenda da cultura negra?

Por todos esses motivos, eu acho um exagero a gente querer tachar o Lobato de racista por ter criado a Tia Nastácia da maneira como criou. A própria caracterização dela é ambígua. No livro *Histórias de Tia Nastácia* ela é a figura principal e, bem no início, observa Pedrinho que

Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.

E pouco depois Pedrinho diz: “As negras velhas são sempre muito sabidas.” Isso é ser racista? É bem verdade que a certa altura do livro (na história “O Macaco, a Onça e o Veado”), quando Nastácia observa que “A sina dos carneiros é a panela”, Emília reage com estas palavras: “Bem se vê que é preta e beijuda.” Mas Emília é uma boneca insensível, desbocada, que não respeita ninguém. No início de *Viagem ao céu*, quando Emília diz que “negra velha não tem direito de repousar”, Pedrinho chama sua atenção:

Malvada! Quem neste sítio tem mais direito de descansar do que ela, que é justamente quem trabalha mais? Então negra velha não é gente?

E o narrador, Lobato, usa com frequência a designação “a boa negra”. Com seus dotes culinários, conquista não só os humanos, mas também São Jorge, o Minotauro e o anjinho da *Viagem ao céu*: “Quando eu havia de pensar que até os santos e os anjos haviam de comer os meus bolos fritos?”.

Como bem lembra o escritor Helio Brasil, em “O tempo e as injustiças” (artigo publicado no meu blog Sopa no Mel), a espreitada Emília como o sábio e desajeitado Visconde de Sabugosa “saíram das mãos da negra Nastácia, foram por ela plasmados, a ‘grande mãe negra brasileira’.”

Quanto ao fato de Monteiro Lobato ter sido partidário da eugenia, quero lembrar que originalmente se tratou de um movimento que se acreditava científico, assim como o marxismo, a frenologia e a psicanálise também se acreditavam científicos (hoje sabemos que não são). Seu objetivo básico era a melhoria da raça humana em geral, no sentido de eliminar a transmissão de doenças sabidamente hereditárias, embora como corolário combatesse a mestiçagem e defendesse o branqueamento da população. Em prefácio ao livro *Bioperspectivas* do ativista pró-eugenia Renato Kehl, assim Lobato a define: “aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano”. O próprio Kehl assim a define no *Boletim de Eugenia* n.º 4, de abril de 1929:

A eugenia tem por fim cooperar para o aumento progressivo dos homens física, psíquica e moralmente sadios; para a diminuição paulatina do contingente dos fracos, doentes e degenerados – concorrendo, desse modo, para a constituição de uma sociedade mais sã, mais moralizada, em suma, uma humanidade equilibrada, composta de indivíduos fortes e belos, elementos de paz e de trabalho.

É verdade que a ideia degenerou no delírio da raça pura do Hitler, mas não é incomum boas ideias degenerarem em ideias péssimas, por exemplo, a ideia do amor universal de Jesus Cristo degenerou na caça às bruxas e guerras de religião, e a ideia da sociedade sem classes de Marx degenerou na barbárie stalinista. Muita gente boa, como Miguel Couto e Roquette-Pinto, foi partidária da eugenia, não só Monteiro Lobato. O próprio João Ribeiro, intelectual acima de qualquer suspeita, simpatiza com as *Lições de Eugenia* de Renato Kehl (*Boletim de Eugenia*, 6-7, junho-julho de 1929, p. 6). Por outro lado, Lobato não foi um ativista histórico, um fanático da eugenia, apenas um simpatizante. Não escreveu artigos para defender explicitamente a eugenia. Não colaborou com o *Boletim de Eugenia*, porta-voz do movimento que circulou de 1929 a 1932, nem sequer é mencionado lá. Em sua correspondência com Godofredo Rangel, que se desenrolou por um período de quarenta anos e na qual ele abria seu coração, a palavra “eugenia” não ocorre nenhuma vez. Já “progresso(s)” ocorre dez vezes.

Quanto a *O presidente negro*, é uma obra futurista à maneira das obras de H. G. Wells que Lobato pretendia lançar nos Estados Unidos para ganhar muito dinheiro, plano esse que saiu pela culatra. Podemos dizer que foi o grande equívoco literário de Lobato – afinal, ninguém é perfeito. Assim descreve o autor sua trama em carta a Rangel:

Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio à Wells, com visão do futuro. O clou será o choque da raça negra com a branca, quando a primeira, cujo índice de proliferação é maior, alcançar a branca e batê-la nas urnas, elegendo um presidente preto! Acontecem coisas tremendas, mas

vence por fim a inteligência do branco. Consegue por meio dos raios N, inventados pelo professor Brown, esterilizar os negros sem que estes deem pela coisa. (Carta de 8/7/1926)

Um romance racista, sim, escrito para uma sociedade então notoriamente racista, imaginando o que aconteceria se a população negra dos Estados Unidos superasse numericamente a população branca. É como se tentássemos imaginar hoje como seria Israel se a população árabe ultrapassasse a judaica. Um exercício de futurologia. Desiludido por não encontrar editor em terras de Tio Sam, Lobato desabafa para Rangel:

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa esse povo, coletivamente, cometer a sangue-frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros.

Segundo Edgard Cavalheiro, biógrafo de Lobato, o fracasso deveu-se ao fato de o romance tocar em tema tabu, “falar de corda em casa de enforcado” (*Monteiro Lobato, vida e obra*, p. 341).

O presidente negro constitui hoje a principal peça de acusação na tentativa de incriminar Lobato como tendo sido racista. Até certo ponto Lobato foi racista, sim. Muita gente boa na época foi racista. Euclides da Cunha foi. A expressão “raça superior” figura quatro vezes em *Os Sertões*, por exemplo:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (Cap. II, “O vaqueiro”).

A intelectualidade era racista como hoje é socialista, e olhem quantas barbáries se cometeram em nome do socialismo!

Querer boicotar Lobato devido ao seu racismo é injustiça cometida contra um homem tão patriota que, na luta para modernizar o país e implantar as indústrias do petróleo e do ferro, tirando assim o Jeca Tatu da miséria, entrou em choque com a ditadura Vargas e foi parar na prisão. Francamente, Monteiro Lobato tem tantas qualidades e tão poucos defeitos, mas nós, brasileiros, sofremos de “complexo de vira-lata” e, agraciados com um escritor de literatura infantojuvenil da sua magnitude, em vez de o valorizarmos e nos orgulharmos dele, procuramos seus defeitos.

Cresci lendo as obras de Monteiro Lobato e confesso que, na inocência da infância e adolescência, jamais detectei sinais de racismo, embora agora adulto eu consiga perceber que ao menos a espezitada e politicamente incorreta personagem Emília tem lá seus arroubos racistas. Lobato é um autor de uma imaginação estonteante, e acredito que, se adotado no nosso ensino,

o nível cultural de nossa juventude daria um salto de qualidade. Lobato aborda a mitologia, o folclore, a literatura clássica, a geografia, a astronomia, a gramática, a aritmética, a história do mundo, a história das invenções, a exploração do petróleo, o diabo a quatro. Creio também que, se tivesse escrito numa língua universal, como o inglês ou francês, suas obras virariam desenhos animados de sucesso internacional e o Sítio do Picapau Amarelo tornar-se-ia parque temático. Claro que tudo isso são meras especulações.

E, *last but not least*, para dar uma ideia da criatividade de Lobato, transcrevo um diálogo da Emília e Dona Aranha, costureira, em *Reinações de Narizinho*:

– *Mas quem é que fabrica esta fazenda, Dona Aranha? [...]*

– *Este tecido é feito pela fada Miragem – respondeu a costureira.*

– *E com que a senhora o corta?*

– *Com a tesoura da imaginação.*

– *E com que agulha o cose?*

– *Com a agulha da fantasia.*

– *E com que linha?*

– *Com a linha do sonho.*

O precursor e pré-modernista Afrânio Peixoto

Cyro de Mattos

Ficcionista e poeta. Editado em Portugal, Itália, França, Espanha, Alemanha e Estados Unidos. Premiado no Brasil, Portugal, Itália e México. Membro efetivo da Academia de Letras da Bahia e do Pen Clube do Brasil. Primeiro Doutor *Honoris Causa* da Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia).

Baiano de Lençóis, Afrânio Peixoto (1876-1947) formou-se em medicina. Dedicou-se à higiene pública e medicina legal. Passou a infância e mocidade em Canavieiras, no sul da Bahia, município onde foi plantada a primeira muda de cacau trazida do Pará, que produziria uma lavra de duração permanente, tornada poderosa ao se espalhar tempos depois pelo território sulino do estado da Bahia.

Responsável pela criação de uma civilização singular, ao longo dos anos, a lavra cacauzeira forjaria uma saga de cobiça e morte. Ocuparia espaço extenso e bárbaro trabalhado no romance de Jorge Amado como um mundo das terras do sem-fim, correspondente à época da conquista e povoamento. Na obra romanesca de Adonias Filho, essa geografia primitiva seria recriada com o trágico na infância da selva.

A infância e mocidade de Afrânio Peixoto em Canavieiras deu-lhe condições para vivenciar o ambiente, relacionar-se com tipos e costumes da região para assim, dotado de conhecimentos locais, escrever *Maria Bonita* (1914), romance de uma região distante e longínqua, de formação social

atrasada dentro de um Brasil obsoleto, de arcabouço e entorno arcaicos. Do homem brasileiro estagnado no povoado de Cajazeira, às margens do rio Pardo, com centenas de casas habitadas por uma população com natureza rudimentar, vivendo sem sistema social organizado, que fosse capaz de impelir um caldeamento de gente heterogênea para uma etapa considerada como civilizada.

Afrânio Peixoto viveu o clima eclético que impregnava nossas letras nos fins do século XIX e princípio do XX. Essa fase conhecida como sincrética procedia do entrecruzamento de vários estilos, estéticas e tendências. Vivia-se o Brasil com o pensamento na França. O ambiente intelectual brasileiro era dominado pelo espírito da *Belle Époque*. A literatura correspondia ao sorriso da sociedade. O Brasil não era visto dentro do Brasil, ligado à sua problemática social.

Estreou com os versos de *Rosa mística*, livro típico do simbolismo em vigor na época. Mas somente com os romances regionalistas rurais, superiores aos urbanos, iria se notabilizar como ficcionista, juntando-se a outros intelectuais da época, representantes

de uma linha de escritores que pretendia ver o Brasil com sua problemática social de natureza arcaica, de contornos humanos rústicos e formação desordenada, como Euclides da Cunha, J. Simões Lopes Neto, Lima Barreto, Hugo de Carvalho Ramos e Monteiro Lobato, entre outros.

Com *Maria Bonita* (1914), torna-se o precursor do ciclo do cacau na Bahia, cujo arranque nas letras brasileiras foi dado com Jorge Amado em *Terras do sem-fim*, em 1943. No romance desse baiano de Lençóis, o cacau entra em cena como um componente da paisagem, no texto atraente ocorrem alusões ao cacaueiro, já chamado como a árvore que produzia os frutos de ouro, mais pela cor amarelada quando maduro do que como fator preponderante nos conflitos que essa lavra iria gerar numa saga de cobiça e morte.

Ainda não se configura no romance de Afrânio Peixoto o legítimo homem do cacau, ávido por ser o dono de um fruto poderoso, fomentador de riquezas, motivador de tocaias e lutas sangrentas. O cacau não é assim determinante de conflitos extremos em *Maria Bonita*, ficando visível que a lavra dos frutos dourados à época dava os seus primeiros passos sem a épica de um parto difícil, que se fez na terra fértil, com a mata ainda não descoberta e cercada de perigo. O cacau concorre em *Maria Bonita* somente para que a terra seja apresentada com uma cor diferente; basta notar que as amêndoas eram secadas no tabuleiro com rodas e trilhos de madeira, transportadas depois para Canavieiras através da canoa, pelo rio Pardo.

Afrânio Peixoto não deixou obra volumosa como ficcionista, em razão de se preocupar com a divulgação de conhecimentos eruditos e científicos. Respirando na juventude um clima de feição parnasiana

agonizante, publicou seu primeiro livro *Rosa mística* em cinco cores, numa tipografia de Leipzig. Como criador de tipos femininos consegue boa fatura literária com a figura de Maria Bonita, o nome que deram para traduzir, em palavra, a formosura e admiração feliz que todos sentiam ao ver uma criatura tão bela. Para distingui-la de outras da terra, “o povo conferiu-lhe esse apelido, para que assim, na sua formosura e presença, fosse conhecida por toda a redondeza”.

Em *Maria Bonita*, o autor pode ser visto como um visionário dos temas do Movimento Modernista de 22, dando bom exemplo de reconstituição social e cultural de nossa realidade, no começo do século XX. Essa coordenada mostra-se evidente quando o romancista transpõe para o cenário regional o arraial de Jacarandá, o ponto de encontro de populações disseminadas pelas margens do rio Pardo e outros cursos d’água numa zona de algumas léguas, que se estendiam “ainda para o interior nos barracões de piaçava, do Campinho ou do Zinco, ou nas minas de diamantes do Salobro”.

Com um caldeamento humano heterogêneo, formado por gente de nível social e cultural baixo, algumas pessoas se distinguem no arraial pela educação, préstimos provados, condição econômica privilegiada como donos de fazendas. Na relação dos personagens que atuam no romance, Capitão Albernaz é um afazendado nas vizinhanças, juiz de paz, suplente de delegado, que promovia autuações e processos nos casos graves. Tinha sido rábula, julgava-se um criminalista de mão cheia. Seu Gonzaga, homem esquisito, de passado misterioso, de bons préstimos, consertava relógios, possuía alguns medicamentos, colava louças, pintava a bandeira do Divino Espírito Santo,

dourava o andor para a procissão do Senhor dos Passos. Na fazenda Boa Vista, embora preservados na sua morada rural, sem se intrometer nas intrigas do arraial, distinguiam-se principalmente como os donos da terra os Moreira, representados por Dona Mariana, matriarca autoritária, e o marido Quinquim, “homenzinho murcho, de fisionomia inexpressiva, barba grisalha”, de temperamento pusilânime. A família completava-se com os três filhos, Pequenina, Diogo e Luís. A matriarca reunia nas mãos todos os poderes, era sisuda, impetuosa, enquanto o marido, a prole, os agregados e o povo de Jacarandá respeitavam a sua vontade forte.

Maria Bonita é um romance de amor com linguagem agradável, equilibrado nas descrições do ambiente, que se presta à ocorrência das cenas com personagens típicos e costumes, mostrando nas linhas de seu enredo infiltrações românticas. Apresenta a personagem Maria Bonita como um tipo bem delineado nos traços externos e interiores, que lhe dão crédito para ser inscrita com a sua beleza e caráter na galeria das célebres mulheres de nossa prosa de ficção.

Luís apaixona-se por Maria Bonita, reconhecida por Dona Mariana como criatura de origens indignas, classe social inferior, sem a grandeza aristocrática para casar com um de seus filhos. Em seus rompantes neuróticos, a arrogante matriarca alardeava ser descendente de Diogo Álvares Cabral, o Caramuru, e Catarina Paraguaçu, o casal que representava a origem da nobre família brasileira. Filho seu não estava destinado para se casar com qualquer *grapiunazinha*,* gente de nível inferior.

* *Grapiunazinha*, diminutivo de *grapiúna*, termo de origem indígena, que significa os que chegaram ao sul da Bahia no tempo da conquista e povoamento da terra.

Quando mais precisava da proteção e carinho, Maria Bonita vê-se abandonada por Luís, que prefere fugir a enfrentar situação adversa, mostrando-se sem bríos nessa hora em que o amor cobra coragem de quem deve se mover pelo sentimento forte do coração apaixonado. Obedece às ordens da mãe e vai para a capital terminar os estudos. De retorno a Cajazeira toma conhecimento que Maria Bonita estava casada com João, homem atencioso, leal, dedicado à esposa e ao filho que tinha com ela. Sem conseguir abafar a vontade de se encontrar com Maria Bonita, sente que não ficara esquecido o seu amor verdadeiro.

Tenta várias vezes na canoa passar de frente à morada da antiga amada, na esperança de vê-la, mesmo que de longe. Até que procura entrar durante a noite na morada de Maria Bonita, mas é descoberto e foge. Depois o povoado ficou sabendo que fora assassinado numa emboscada.

O final com ritmo de tragédia, que obedece às determinantes do destino, cujas forças não se podem mudar, acontece com o desespero de Maria Bonita. As mãos em garra arranham o rosto num gesto alucinado, “embora sem culpa, era a causa de tudo.” Culpa de tanta desgraça e todo o mal.

Afrânio Peixoto é herdeiro moderado do Machado de Assis analista e do José Alencar descritivo. Usa os diálogos no momento certo com bom aproveitamento, recorre aos versos dos poetas populares e os insere no texto, tornando a narrativa prazerosa. Estiliza a linguagem em nível da fala e da norma culta codificada pelo gramático, sem transmutá-la como cópia integral do coloquial corrompido, mas fazendo comunicativa a língua na sua dinâmica. Mantém-se em posição de equilíbrio, entre o que

o personagem vive e informa na sua realidade, interior e circundante. Consegue extrair da realidade exterior e do psicologismo do personagem pensamentos e ações, que dizem de um mundo preconceituoso, atrasado, formado por gente mesquinha, esquecida nas terras longes. Não exagera na adjetivação, é certo quando os personagens agem e informam seus desígnios. É narrador envolvente, que segura o leitor com o seu estilo elegante.

Se o espaço do romance regionalista configura-se no alcance do ambiente, tipos e costumes, em *Maria Bonita* a criatura humana mostra-se como o foco dos conflitos da sua própria condição, caracterizada pela beleza e formosa presença de mulher. Pelo

conteúdo vê-se que o romance tem como centro a beleza de uma mulher, que desde criança os que a conhecem a querem bem, embora o mundo não perdoe a ninguém quando se é dono de grande vantagem. Certo trecho do romance informa que “é motivo de infelicidade não ser quase igual a todo mundo ou a muita gente no mundo”. A observação completa-se numa aferição de essência dramática sobre a vida. “A beleza, o talento, a riqueza, são dons funestos: despertam cobiça e inveja, nunca simpatia e afeição.”

Leituras sugeridas

PEIXOTO, Afrânio. *Maria Bonita*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1974.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

Confinamentos da existência: um mergulho nas falhas subterrâneas da consciência humana no universo ficcional de Ana Paula Maia

Flávia Amparo

Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. Professora Titular do Colégio Pedro II e Professora Associada da Universidade Federal Fluminense.

Ana Paula Maia recebeu, nos dois últimos anos, uma das mais prestigiadas premiações literárias brasileiras, o Prêmio São Paulo de Literatura, pelos seus romances *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) e *Enterre seus mortos* (2018), coroando uma carreira ficcional iniciada em 2003, com o livro *O habitante das falhas subterrâneas*. Embora a consolidação da carreira tenha sido alcançada a partir das obras da maturidade, o primeiro romance da escritora traz elementos de grande relevância para a compreensão de traços primordiais da sua criação literária.

Desde sua estreia nas letras, a autora vem construindo uma carreira ascendente, migrando da área do teatro, especificamente da escrita de roteiros, para o campo da ficção, dedicando-se a compor obras marcantes sob a perspectiva da brutalidade. A força de seus personagens reside na capacidade de resiliência e resistência, especialmente no desempenho de funções consideradas pela sociedade como atividades degradantes, arriscadas ou sem prestígio social. Seus protagonistas são homens que vivenciam a ferocidade da vida, as misérias

humanas, a violência e a morte e, de certo modo, precisam se embrutecer para poderem sobreviver em ambientes subumanos.

Em entrevistas, tanto na imprensa quanto em plataformas virtuais, a escritora afirma que há um divisor de águas em sua obra, de modo que o projeto literário concebido no primeiro livro veio a sofrer, segundo ela, uma mudança radical a partir da publicação de seu segundo romance, quando passou a adotar uma perspectiva singular de escrita, com mais autonomia criativa e contundência narrativa.

Assim, tomando *A guerra dos bastardos* (2007) como referência dessa nova fase, Maia daria início à trilogia denominada pela crítica de “A saga dos brutos”, completada pelo terceiro livro *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009), que inclui duas novelas, sendo a primeira a que dá título ao livro e a segunda *O trabalho sujo dos outros*.

O primeiro livro de Maia, *O habitante das falhas subterrâneas* (2003), foi inserido na linhagem dos romances de formação, cujo núcleo narrativo se concentra nas desventuras de um adolescente de classe média alta de São Paulo, que não consegue se

sentir pertencente ao seu estrato social e à sua família. Sob forte influência de J. D. Salinger, especificamente de *O apanhador no campo de centeio*, o livro de estreia de Maia caminha no mesmo passo do romance do escritor norte-americano, com muitos episódios que guardam um paralelismo quase unívoco com os do autor, mudando apenas os cenários e acrescentando um ou outro elemento mais original à trama.

A partir de *A guerra dos bastardos*, Ana Paula Maia acabou por enveredar-se num polo oposto ao da primeira obra, aprimorando-se na criação de personagens condicionados pelo mundo do trabalho. Como a própria autora designa, esses indivíduos brutalizados executam o “trabalho sujo” rejeitado pelos demais, sendo moldados, sob uma perspectiva um tanto determinista, pelas tarefas que realizam e pelos ambientes que frequentam. Suas ações – desempenhadas em condições subumanas em porões, prisões, cavernas, necrotérios e subterrâneos – fazem mover a máquina do consumo longe das vistas de uma sociedade cínica e asséptica, que, para não comprometer a própria consciência, prefere se manter à distância dos rejeitos e dos cadáveres que costuma descartar.

A transposição do foco da autora, do universo dos indivíduos privilegiados para o submundo dos subalternizados, remete a um traço característico da prosa contemporânea, de desviar-se do centro hegemônico para dar protagonismo às figuras que povoam as margens da vida social. Linda Hutcheon, ao analisar os contextos da Pós-Modernidade, revela de que modo se constitui uma discussão acerca da noção de centralidade no discurso contemporâneo. Assim, desviando-se da ideia de um centro

fixo, imutável e legitimador dos discursos, essa nova visão seria construída de modo a repensar as margens e as fronteiras, a fim de abrir espaço à questão da alteridade:

O movimento no sentido de repensar as margens e as fronteiras é nitidamente um afastamento em relação à centralização juntamente com seus conceitos associados de origem, unidade e monumentalidade, que atuam no sentido de vincular o conceito de centro aos conceitos de eterno e universal. O local, o regional e o não totalizante são reafirmados à medida que o centro vai se tornando uma ficção – necessária, desejada, mas apesar disso uma ficção (HUTCHEON, 1991, p. 85).

Assim sendo, as figuras simples do mundo do trabalho tendem a assumir um novo protagonismo na literatura contemporânea. Embora já tivéssemos algumas dessas personagens periféricas elencadas em obras clássicas da literatura universal, não se podia afirmar que havia, em relação a elas, uma plena adesão do público da época. Jacques Rancière, ao analisar um conto de Flaubert sobre uma criada (“Um coração simples”), aponta essa tendência de captação do real no contexto da prosa, ao revelar como as personagens que representam um universo passivo podem ganhar destaque no enredo, corrompendo o modelo tradicional, que costumava dar ênfase apenas aos perfis ativos e aos heróis aristocráticos. Segundo ele, seria essa atitude uma abertura para o que chamou de “democracia literária”.

Essa nova capacidade de qualquer um viver qualquer vida arruína o modelo que unia organicidade do relato à separação de homens ativos e homens passivos, almas de elite e almas vulgares. Ela produz esse real novo, feito da própria destruição do antigo “possível”, esse real que não é mais um campo de operação para os heróis aristocráticos das

grandes ações ou dos sentimentos refinados, mas o entrelaçamento de uma multiplicidade de experiências individuais, o tecido vivido de um mundo no qual não é mais possível distinguir as grandes almas que pensam, sentem, sonham e agem, e os indivíduos presos na repetição da vida nua (RANCIÈRE, 2017, p. 27).

Embora o crítico tenha como modelo a prosa realista, que decidiu romper com o arcabouço romântico, podemos analisar de que modo esse processo tende a se transformar no contexto da prosa contemporânea, na medida em que essa “democracia literária” passa a ser corroída por dentro. O “tecido vivido do mundo” não é mais uniformemente formado pelo “entrelaçamento de uma multiplicidade de experiências individuais”, mas se constitui pela rotura, pela desconstrução e pela corrosão dos discursos, sem que haja um fio condutor ou alguma outra figura que adquira precedência nesse encadeamento de fios.

Remetendo mais uma vez ao contexto dos clássicos, o contraponto entre o mundo aristocrático e o mundo do trabalho aparece de maneira singular em alguns escritores. A rigor, eles parecem buscar contrastes narrativos quando deslocam seus personagens de um plano superior idealizado para uma realidade mais contundente do cotidiano. É o que percebemos num dos capítulos de *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, em que se verifica o confronto entre o que Rancière chamou de “almas da elite” e “almas vulgares”.

Em “Du côté de chez Swann”, há uma cena em que o refinado protagonista de Proust, tocado pelas memórias gustativas, resolve deixar o salão onde o banquete diário é servido para descer até o “reino” de sua empregada Françoise. De início,

sente-se maravilhado diante da visão de uma mesa da cozinha, onde cores texturadas e aromas dos alimentos são meticulosamente expostos e criam uma espécie de aura sagrada em torno da arte de cozer.

Contudo, ao chegar à área dos fundos (*arrière-cuisine*), o personagem de Proust escandaliza-se ao ver a criada, aos gritos e fora de si, matar com extrema violência e crueldade a ave que seria saborosamente servida no jantar (PROUST, 1913, p. 149). Marcel conclui, não sem pesar, que a beleza do banquete trazido ao centro da cena escondia dos olhos dos comensais a crueza essencial dos bastidores, a *dureté singulière* de Françoise. O choque, porém, não foi suficiente para pôr fim ao martírio das aves, tornando-se, afinal, só um detalhe a ser tolerado em nome do prazer à mesa.

De certo modo, desde o primeiro romance, Ana Paula Maia vinha esboçando um exercício de contraposição entre almas refinadas x almas brutas, de modo a trazer à superfície aquilo que a sociedade preferiria manter nos subterrâneos. Há, no livro de estreia, elementos que subjazem no fundo do quadro, mas que marcam a originalidade de Maia e o início de seu descolamento da literatura de Salinger. Essas marcas, ainda sutis, de sua personalidade literária assumiriam mais tarde a centralidade de seu método de composição.

Assim sendo, um dos elementos-chave de *O habitante das falhas subterrâneas* é a viagem de Ariel Esperanto, que funciona como um rito de passagem da adolescência, um atravessamento do protagonista, saindo dos umbrais de um apartamento de luxo em São Paulo para realizar uma súbita e vertiginosa descida às entranhas da sociedade carioca.

Esse caminho iniciático de Ariel – que abandona seu destino inicial na cidade, o bairro dos tios em Copacabana, para conhecer os inferninhos da zona boêmia do Rio –, terá um participante especial, o taxista Wandercidney, para guiar (ou desnor-tear) o protagonista nessa jornada. Desde a estranheza do nome, assinalando a origem humilde do personagem, até os desdobramentos do episódio no bar do primo Cuzcuz, na Lapa, o taxista é o protótipo dos “brutos” que Ana Paula Maia irá aperfeiçoar nos romances posteriores.

Outra grande diferença que vemos nesse romance de 2003 diz respeito à concepção estrutural da obra, já que o enredo se distende, como num *looping* de ações encadeadas, retomando alguns elementos específicos de roteiro cinematográfico. Além disso, o uso de uma linguagem tipicamente adolescente segue um fluxo de consciência vertiginoso e prolixo, que se alonga em parágrafos bem extensos, quase sem pausas. Nos romances posteriores, fugindo do estilo do primeiro, a autora investiria na economia de linguagem e na narração direta dos fatos, concedendo maior consistência narrativa e um ganho efetivo na construção de um texto mais enxuto e, sobretudo, de maior impacto sobre o leitor.

Para exemplificar as influências cinematográficas de Maia em *O habitante das falhas subterrâneas*, podemos retomar a cena do bar da Lapa, quando Ariel e Wandercidney são envolvidos por um conjunto de ações dignas de um filme de faroeste: álcool, briga, ganchos de direita, garrafadas na cabeça e sangue jorrando, uma versão adolescente dos filmes de Sergio Leone. Os personagens, ao saírem do local acompanhados por duas mulheres, Bárbara

e Elisa, cambiam completamente de ambiente. Na casa em que vão encenar mais uma sequência de peripécias, as cenas do livro ganham contornos de uma produção de Hitchcock, com direito a pássaros empalhados, fetiches, sedução, louras, sexo, traição, marido taxidermista e fuga (MAIA, 2003, p. 130-132).

Apesar de Ariel seguir como um sonâmbulo o *script* de suas desventuras, há sempre uma resistência interna, um asco ou um julgamento moral que o faz rejeitar, desde o início, as asperezas e brutalidades de um mundo que ele estranha por completo, tal como o Holden de Salinger. Mente e corpo aparecem claramente em desacordo, já que a mente julga, critica e resiste, enquanto o corpo se entrega, sem questionamento, a todo tipo de desejo que possa aliená-lo de sua melancolia primordial e de um vazio que o assombra.

Nos romances mais maduros de Maia, percebemos que essa ambivalência (resistência x alienação) vai ser construída de uma outra forma. Os contrastes são mais firmemente demarcados, assim como as fronteiras de cada território, que delimitam, quase sempre, dois espaços: o dos refinados e o dos confinados. Os limites de um e de outro apenas se tangenciam, num contato mínimo, quase sempre sem chance real de transposição.

Apesar da aparente isenção e distanciamento das classes abastadas, uma simples aproximação é suficiente para que sintam o impacto da realidade dos brutos, expondo-as às contradições e desajustes de sua própria condição. Retomando a cena de Proust, podemos dizer que a violência da cozinheira Françoise e o asco do dândi Marcel alinham-se, de modo que a catarse furiosa

de um se transforme no súbito choque de consciência do outro.

É nesse espaço de ambivalências que a ficção de Maia realiza o desvelamento das engrenagens da crueldade que mantêm a máquina social girando. Esses contrastes já estavam assinalados desde o primeiro romance, mas são as obras posteriores que vão trazê-los para o centro da cena. Ainda que os indivíduos do topo da pirâmide social prefiram mascarar o “trabalho sujo dos outros”, dos que vivem à margem, a literatura de Maia arremessa no rosto do público os dejetos dos subterrâneos. São as cenas de *arrière-cuisine* que vão tornar aqueles do topo cúmplices da brutalidade diariamente multiplicada no submundo dos invisibilizados.

Em *De gados e homens* (2013), por exemplo, a oposição entre esses dois polos ocorre na visita de estudantes de colégio a um abatedouro de gado. Os alunos vão ter um encontro com um dos personagens preferidos de Ana Paula Maia, Edgar Wilson, que irá se consolidar como um dos brutos recorrentes da obra, aparecendo em vários romances da autora. Wilson é o atordoador, funcionário responsável por desferir um golpe de marreta, no momento do abate, na cabeça do gado. O trabalho braçal exigia determinação e força física, mas também uma conexão com o animal, de modo a fazê-lo, se é que é possível, sem prolongar-lhe o sofrimento.

O encontro entre Wilson e os estudantes evidencia o contraste entre os rudes e os cultos, mas por um panorama invertido, em que estes figuram como um gado dócil, alienado de seu próprio papel no mundo, e aquele exerce uma função mais doutrinária, ao propor um aprendizado por meio do choque de realidade:

Quando sai do banheiro, [Edgar Wilson] depara-se com o grupo de estudantes enfileirado, caminhando pelos corredores do mata-douro. A maioria tem dificuldade para respirar e por isso eles colocam um lenço sobre a boca e o nariz. Alguns decidiram recuar quando avançavam para área de sangria, só em imaginar o que estariam prestes a ver. Estar diante de bois e vacas pendurados de cabeça para baixo pelas patas traseiras e com os pescoços cortados jorrando litros de sangue em tonéis fétidos, misturado a vômito e outros excrementos, não era o que eles tinham em mente. Ninguém sairá impune. Este pensamento deixa Edgar satisfeito (...) (MAIA, 2013, p. 69).

Como o dândi de Proust, os consumidores de hambúrguer se defrontam com o processamento inicial da carne que consomem, tornando-se cúmplices do sofrimento e da morte dos animais. O trabalho sujo dos brutos causa incômodo aos olhos e aos narizes refinados dos estudantes da cidade. Uma das alunas tenta usar o discurso para intimidar Edgar Wilson e se dispõe a julgá-lo moralmente pela truculência de sua função no abatedouro: “O senhor não acha que sacrificar esses animais é crime? (...) O senhor não se envergonha disso?” (MAIA, 2013, p. 70).

A lacônica resposta de Wilson também vem em forma de pergunta: “A senhora já comeu um hambúrguer? (...) E como a senhora acha que ele foi parar lá?” (MAIA, 2013, p. 72). Wilson entrega a marreta de atordoar gado para a moça, que, exposta à cumplicidade do crime, sucumbe aos prantos. De fato, são os rudes que vão ensinar lições práticas de sobrevivência; afinal, embora com papéis distintos, todos os indivíduos são participantes, de uma forma ou de outra, desse violento jogo do qual “ninguém sairá impune” (MAIA, 2013, p. 69).

Outro aspecto que merece destaque na ficção de Maia é tomado de empréstimo da obra de Salinger, que é a imagem do “Catcher”, que seria essencialmente um apanhador/coletor/caçador. Seguindo essa linha, os protagonistas de Maia se enquadram no perfil de caçadores-coletores, aqueles que quase sempre estão sobrevivendo num dos dois extremos: na caça/abate de animais ou no recolhimento de objetos ou dejetos humanos. Inevitavelmente, num mundo cão, os que não são caçadores acabam se tornando a caça.

Nessa perspectiva, sob o olhar de uma nova teoria de seleção das espécies, Maia se debruça sobre a vida dos fortes, dos rudes, dos sobreviventes do mundo cão. Talvez possamos pensar que essa obsessão da autora pelos “Catchers”, caçadores-coletores, possa ter se inspirado na obra do biólogo norte-americano Edward O. Wilson, cujo nome se assemelha muito ao do principal personagem criado pela autora para povoar alguns de seus romances, Edgar Wilson. Além dele, há vários personagens correspondentes na obra, todos começados com as mesmas iniciais: Ernesto Wesley, Elvis Wanderley e Erasmo Wagner.

Em *O sentido da existência humana*, Edward O. Wilson compara o homem a outras espécies que desenvolveram a eussocialidade, que seria a capacidade humana de construir uma estrutura social organizada e funcional como a das abelhas e cupins. O biólogo, fazendo uma releitura de Darwin, conclui que a mudança brusca de dieta da espécie humana, passando de herbívora para carnívora, possa tê-la feito dar o salto evolutivo e se distanciar dos demais primatas:

Há mais ou menos 2 milhões de anos, na África, uma espécie de australopithecíneos

primariamente vegetariana começou a variar a dieta, evidentemente, e passou a depender muito mais de carne. Para o grupo obter essa fonte de alimento tão energética e tão dispersa, não compensava vagar como um bando pouco organizado de adultos e crianças, qual os atuais chimpanzés e bonobos. Era mais eficiente ocupar um acampamento (daí o ninho) e despachar caçadores que pudessem trazer carne, caçada ou coletada, para dividir com os outros. Em troca, os caçadores recebiam a proteção do acampamento e de sua prole. A partir de estudos sobre humanos modernos – incluindo os caçadores-coletores, cujas vidas nos dizem sobre as origens humanas – psicólogos sociais deduziram o crescimento mental iniciado com a caça e os acampamentos. Relacionamentos interpessoais atrelados à competição e à cooperação eram vantajosos. O processo era incessantemente dinâmico e exigente (WILSON, 2018, p.16-17).

Se seguirmos a hipótese biológica de Wilson, pavimentamos todo o processo evolutivo humano a partir de uma mudança na forma de alimentação, responsável por uma intensa transformação na estrutura social. Assim sendo, no instante em que esse homem descobriu em si a vontade e as vantagens de comer carne, passou a sustentar redes de caçadores-coletores que pudessem ir muito longe para buscar essa iguaria. Por essa hipótese evolutiva, tanto a competição quanto a cooperação nasceriam desse processo, assim como dele viriam todas as ambivalências que essa cadeia social precisou manter para sustentar o desejo ancestral pela caça.

Por esse viés biológico, o momento de evolução do *homo sapiens* e de criação de suas complexas redes cerebrais, paradoxalmente, é o instante também em que se determina a essencialidade dos brutos,

fixando seu lugar em atividades cujo uso da força e da violência remontam às raízes ancestrais de nossa sociedade. Assim, ao trazer essas hipóteses científicas para o campo literário, Maia parece nos dizer que, inevitavelmente, continuamos reproduzindo essa memória primitiva, a despeito de todo avanço científico atual. O desejo de consumo, cada vez mais voraz, por carne desnuda também a ferocidade da eussocialidade humana, que, entre cooperação e competição, pode tanto se unir diante de objetivos comuns, quanto mudar de alvo e passar a caçar os de sua própria espécie, como na sentença hobbesiana.

Talvez por isso as capas dos livros da autora reproduzam sempre imagens de animais: porcos, cães, bois, javalis e abutres. Algumas vezes, são também entremeadas a figuras humanas, como é o caso de *Entre rinhas de cachorro e porcos abatidos*. Há, ainda, em *O habitante das falhas subterrâneas*, a representação da figura do homem primitivo nos moldes das pinturas rupestres, relembrando simbolicamente nossas origens nas cavernas.

Seria possível, usando o tema como mote, remeter à alegoria platônica do mito da caverna, que propõe o racionalismo como saída do aprisionamento das ideias. Entretanto, parece haver um interesse de Maia em, partindo do mesmo tema, traçar caminho inverso e problematizar os instintos mais irracionais do homem, como os de sobrevivência. Esses instintos, a despeito de toda galvanização efetuada pela ciência e pela cultura, ainda se mantêm tão selvagens e impetuosos quanto no princípio, mesmo que a sociedade tente formatar os indivíduos dentro de determinados padrões éticos e morais.

Assim, interessa à autora explorar de que modo o homem, diante de situações-limite, encontra força e instinto suficientes para livrar-se, ainda que temporariamente, de tudo o que o ameaça e confrange. Enquanto o filósofo grego propõe que só a razão conduziria à plena luz, à libertação do cárcere, Maia investe sua verve literária na exploração desse veio mais obscuro do homem, descendo num nível mais profundo dessa caverna primitiva, onde a humanidade parece estar definitivamente confinada. Com incursões no campo da Filosofia, sua intenção estética consiste em explorar a escuridão e as falhas subterrâneas desse abismo da consciência humana.

Essa ideia de confinamento manifesta-se desde o primeiro romance da autora, estando frequentemente associada à melancolia e ao sentimento de clausura do indivíduo dentro de uma realidade da qual ele tenta, em vão, se desprender. Vale lembrar que, além do desenho rupestre da capa, *O habitante das falhas subterrâneas* evoca também a obra de Jules Verne, *Viagem ao centro da Terra*, romance narrado em primeira pessoa pelo jovem Axel, sobrinho e aprendiz do famoso cientista Otto Lidenbrock. O rapaz se sente literalmente aterrado pela ideia de vivenciar uma insólita expedição pelas profundezas da Terra, que o tio, intransigente e autoritário, irá obrigá-lo a fazer.

Além das semelhanças dos nomes dos narradores, Ariel e Axel, o título do romance de Ana Paula Maia foi inspirado num dos trechos da obra de Verne. Trata-se de um momento de desespero, em que Axel pega um caminho diferente do tio e do guia de viagem e se perde dentro dos subterrâneos do vulcão. Ao vagar pelo escuro, sem

lanterna e tateando a solidez das rochas, o rapaz sente toda dimensão do seu confinamento, como um enterrado vivo nas entranhas do abismo.

A escuridão absoluta fazia de mim um cego em toda a acepção da palavra. Então, perdi a cabeça. Ergui-me, os braços estendidos, tentando dolorosamente tatear. Peguei-me a correr, precipitando meus passos ao acaso naquele inextrincável labirinto, sempre descendo, correndo pela crosta terrestre, como um habitante das falhas subterrâneas, chamando, gritando, urrando, já machucado pelas saliências das pedras, caindo e levantando-me ensanguentado, chegando a beber esse sangue que me inundava o rosto, sempre à espera de que alguma muralha imprevista viesse oferecer à minha cabeça um obstáculo para ali se chocar. Aonde me conduziria essa corrida sem sentido? Até hoje não sei. Após várias horas, sem dúvida no limite de minhas forças, eu caí como uma massa inerte ao longo da parede e perdi todo sentido de existência (VERNE, 1867, p.128 – grifo nosso).¹

Simbolicamente, a sensação claustrofóbica desse tipo de confinamento remete-se à trajetória errante de Ariel, à sensação de desnorтеio e sufocamento que o jovem experimenta em relação ao mundo à sua volta. O trecho aqui citado do livro de Verne

¹ No original: *L'ombre absolue faisait de moi un aveugle dans toute l'acception du mot. Alors ma tête se perdit. Je me relevai, les bras en avant, essayant les tâtonnements les plus douloureux. Je me pris à fuir, précipitant mes pas au hasard dans cet inextricable labyrinthe, descendant toujours, courant à travers la croûte terrestre, comme un habitant des failles souterraines, appelant, criant, hurlant, bientôt meurtri aux saillies des rocs, tombant et me relevant ensanglanté, cherchant à boire ce sang qui m'inondait le visage, et attendant toujours que quelque muraille imprévue vint offrir à ma tête un obstacle pour s'y briser! Où me conduisit cette course insensée? Je l'ignorerai toujours. Après plusieurs heures, sans doute à bout de forces, je tombait comme une masse inerte le long de la paroi, et je perdais tout sentiment d'existence!*

será posto *ipsis litteris* no romance de Maia, quando Ariel salva uma criança de um atropelamento e sente necessidade de receber das pessoas esse mesmo cuidado: “Eu precisava de mais atenção. Do mundo talvez. Ou de qualquer um” (MAIA, 2003, p.162).

O sentimento de solidão e desespero que o protagonista manifesta assemelha-se ao de Axel, só que funciona como metáfora de um aprisionamento psicológico, que o conduz a um desejo frequente de autodestruição:

Era assim que eu me sentia. Um habitante das falhas subterrâneas. Um maldito habitante das falhas subterrâneas todo ensanguentado esperando que aparecesse a primeira muralha para arrebentar a minha cabeça (Idem).

O tema, no entanto, será retomado num contexto mais literal em outra obra da autora, *Carvão animal* (2011), tratando de um confinamento físico que corrói a saúde e a humanidade dos trabalhadores de uma mina de carvão. Nesse caso, a opressão de fora é que abala o senso de existência e anula a dignidade dos sujeitos.

O local da mina de carvão é uma espécie de deserto. Isolado, abafado, muita poeira, e, mesmo com tantos trabalhadores, existe solidão. A imensidão das extensas proporções de terras ao redor pode esmagar a condição humana que existe até no mais bruto dos homens (Posição 638-639).

Mais uma vez Edgar Wilson aparece como personagem, e mesmo sendo o mais bruto dos homens, não escapa de vivenciar um desespero como o de Axel, ao se ver enterrado na mina após uma explosão de gás. Mesmo sem a lanterna, perdida nos escombros, ele tenta desesperadamente encontrar uma saída em meio aos corpos de outros mineiros. Será um dos poucos trabalhadores a escapar vivo do lugar do

acidente, prometendo a si mesmo nunca mais perder o sol de vista.

Edgar Wilson abre os olhos, mas está cego devido à extrema escuridão. Sua lanterna desapareceu quando foi arremessado para as profundezas da terra como um habitante das falhas subterrâneas. Sem nenhum vestígio mínimo de luz, levanta-se da grande poça de água e lama para a qual foi lançado (...). Apalpa dolorosamente as paredes. Está um pouco machucado e parece que foi só. Ele ouve gritos de socorro, gemidos abafados e apavora-se pela primeira vez em toda a sua vida (MAIA, 2011, posição 672-673 – grifo nosso).

Os assombros que mais desesperam o homem parecem estar no embate entre um subterrâneo físico e um psicológico. É possível perceber essa densidade na proposta de Maia, já que o pior não seria exatamente a morte, mas estar confinado vivo dentro da terra. Psicologicamente, esses subterrâneos também podem ser associados às raízes dos sujeitos, às suas origens, à memória do seio familiar que, normalmente, é permeada pela violência. Talvez por essa razão esses homens desterrados do útero materno nunca tenham uma figura feminina como base de apoio, sejam elas mães ou esposas, e tampouco geram filhos.

A obsessão da autora pela etimologia da terra replica-se em vários títulos de suas obras, nas epígrafes e no próprio enredo de seus romances. Numa simples apreciação dos dois livros mais recentes da autora – *Assim na terra como embaixo da terra* e *Enterre seus mortos* – vemos que os “subterrâneos” do primeiro livro continuam ecoando, especialmente por meio da reiteração do radical da palavra “terra”. Isso nos leva a refletir sobre a (co)incidência do tema original, presente desde o primeiro romance, e sua replicação na ficção de

Maia, tornando-se o *leitmotiv* de sua obra como um todo.

Seja na evocação do texto de Verne, que dá luz ao título do primeiro livro, seja na epígrafe retirada do Gênesis “Tu és pó, e ao pó retornarás”, que abre o romance *Carvão animal*, Maia, assim como a deusa mitológica de mesmo nome, ergue seu reino (ficcional) das entranhas da terra. Contudo, ao contrário desta divindade, sua criação não segue o curso natural das plantas, erguendo-se em direção à luz. Seus personagens são feitos de barro e devem regressar ao caminho original, ao pó da terra: “Daqui a algumas décadas ou uma centena de anos haverá mais corpos embaixo da terra do que sobre ela” (MAIA, 2011, posição 508).

Sendo, então, os homens as raízes dessa lavoura arcaica, eles precisam mergulhar nas profundezas do chão como um espelho invertido da árvore original, crescendo nos avessos da terra.

Apesar da própria autora defender um salto radical da sua obra após o primeiro romance, e de verificarmos muitas mudanças significativas no foco, na estrutura e no estilo dos livros posteriores, podemos afirmar, contudo, que a obsessão primordial da ficção de Maia está contida na alma da obra de estreia. Os protagonistas de seus romances serão, de certo modo, como “habitantes das falhas subterrâneas”, sujeitos que, mesmo sem saída ou diante da imutabilidade de sua condição, não vão ficar passivamente ajoelhados e amarrados assistindo à exibição platônica das sombras projetadas na parede.

Diante de um mundo formatado e formatador, fundado num racionalismo aparente, os inconformados vão continuar a se debater no escuro, a tatear as paredes, a correr em busca de uma saída, mesmo que

percam o sentido da existência ou mergulhem ainda mais fundo nesses subterrâneos. É nesse espaço onde nascem os brutos, sob o impacto das emoções mais primitivas, que a ficção de Ana Paula Maia se consolida como uma escrita de resistência, ainda que, para pintar o caráter de seus personagens, ela precise extrair a tinta dos escombros do desespero humano.

Referências bibliográficas

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. *Carvão animal*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2011. (e-book)

_____. *O habitante das falhas subterrâneas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu*. Du côté de chez Swann. Paris: Bernard Grasset, éditeur, 1913. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1049566j>. Acesso em: 29 maio 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*. Trad. Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

SALINGER, J.D. *O apanhador no campo de centeio*. Trad. Caetano Galindo. São Paulo: Todavia, 2019.

VERNE, Jules. *Voyage au centre de la terre*. Paris: J. Hetzel, 1867. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8600259v/f13>. Acesso em: 30 de maio 2020.

WILSON, Edward O. *O sentido da existência humana*. Trad. Érico Assis. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

Resumo da ópera

Lúcia Bettencourt

Nascida no Rio de Janeiro, formada em Letras, começou a publicar em 2006. Escreve ensaios, romances, contos e livros infantis. Recebeu alguns prêmios, entre os quais destaca-se o Prêmio ABL (ensaios) por *O banquete: uma degustação de textos e imagens* (Vermelho Marinho, 2012). Tem contos traduzidos para o inglês, francês e espanhol. Finaliza, no momento, um romance-ensaio sobre Anita Malfatti.

Em setembro de 2019 parti para uma aventura que deveria ser, nas palavras de Guimarães Rosa, “uma viagem inventada no feliz”. Iniciava um pós-doutorado na Sorbonne, pesquisando a vida da pintora brasileira Anita Malfatti. Um pequenino apartamento alugado no 6ème, vistos, seguros, toda a papelada necessária, muita disposição e inúmeros sonhos. Um ano inteiro à minha frente, na encantadora Paris, frequentando não apenas bibliotecas, mas galerias de arte, estúdios de pintura, museus e cursos de pintura e desenho. Cheguei na véspera de uma greve geral. No sábado seguinte, os coletes amarelos faziam sua manifestação semanal: algumas estações de metrô fechadas, agitações e passeatas. Pouco depois, uma longa greve dos transportes motivou uma greve estudantil em solidariedade e, em seguida, levou à suspensão das aulas na Sorbonne, à redução dos horários de funcionamento de bibliotecas e dos museus, pois os funcionários não conseguiam locomoção. Quando, finalmente, a greve se encerrou, apareceram as primeiras notícias de uma nova doença, originada na China. Mais de

metade dos turistas que visitam a França, e talvez 2/3 dos que invadem Paris são chineses. Todos sabiam que o vírus já devia ter chegado. Os franceses que estavam na China foram repatriados e quarentenados, mas aqui e ali já espoucavam casos do que passou a ser conhecido como Covid-19. Em fevereiro falava-se na possibilidade de uma quarentena, que começou numa versão branda no dia 8/3/2020, com o fechamento de lojas e restaurantes. Uma semana depois, era o confinamento. Senti-me em prisão domiciliar, e tudo me parecia injusto. Para tentar manter um pouco o equilíbrio, segui o conselho de uma amiga, de fazer uma espécie de diário, a que dei o nome de *Resumo da ópera*.

Resumo da ópera

7.1

A conselho de Maribel Baer Bahia, resolvi fazer um diário do confinamento. Como chego “atrasada” neste diário, minha primeira entrada é a 7.1, o que significa sétimo dia da primeira semana de quarentena. A França não entrou de sola nas restrições.

Recomendou, antes de fechar tudo. Mas a primavera não colaborou. No domingo 16/03, o dia estava lindo, a temperatura amena e os jardins franceses já estavam cobertos de flores. O governo havia determinado o fechamento de todas as lojas e restaurantes, mas Paris é linda, uma cidade que nos chama para flunar. E lá fui eu, para o Jardim do Luxemburgo. Andar me fez bem. Ver as flores me deixou encantada. Mas havia uma multidão no parque, o que me assustou. E, apesar da proibição, a barraquinha de cachorro-quente estava aberta e cheia de clientes. Voltei para casa, com planos de voltar todos os dias, tomando distância dos outros. Só que acordei com a notícia que Macron havia decretado o confinamento e proibido deslocamentos desnecessários.

1.2

Primeiro dia da segunda semana de quarentena, e parece que já não tenho mais nada que dizer. No entanto, sempre é possível comentar a beleza do dia gelado, que me impede de abrir a janela. Quero ficar aconchegada no quentinho. Não posso deixar de pensar no início de minha temporada em Paris. Cheguei animada, cheia de planos, para pesquisar a vida de Anita Malfatti e os “anos loucos”. Fui a exposições e academias de pintura, examinei galerias de arte, procurei conhecer recantos de Montmartre e Montparnasse. Tentei ir a restaurantes populares naquela época. E, no entanto, o destino foi caprichosamente me cortando essas opções, com greves de transportes e museus fechados, e, finalmente, com essa pandemia. De Anita e sua época efervescente, caí no isolamento e silêncio do quarto proustiano!

4.2

Quarto dia da segunda semana. Um dia lindo e com a promessa de chegar aos 14°C! Vinha esperando a sexta-feira com ansiedade para sair de casa. Vou imprimir minha declaração e ir às compras. E, como vou sair, lembrei-me da Helena, aos 100 anos e sempre faceira. Ela me ensinou muitas lições, uma das mais sérias (embora possa parecer fútil) foi o uso do batom. Ele contribui para a autoestima. Passamos o batom nos olhando, e é importante olhar para si mesma, olhar por si mesma. Além disso, depois de pintar os lábios, damos o famoso “beijo” no papel. Que importa se é um papel? Fixe no beijo. Um beijo é um beijo e é sempre bom. Finalmente, nossa tendência é dar um sorriso, para ver se há falhas na pintura. Querem coisa melhor que começar o dia com um beijo e um sorriso? Para os rapazes, talvez fazer a barba seja um equivalente. Olhar-se por um instante. Cuidar-se com atenção para não se ferir, acariciar o próprio rosto com uma loção... sempre começar o dia com um gesto gentil, seja beijo ou carícia. Vamos aos batons e aos barbeadores, amigas e amigos. Depois ao dia. Entre afazeres (nem sempre agradáveis), lembraremos do sorriso, do beijo, da carícia e poderemos oferecê-los virtual ou presencialmente, caso estejam quarentenando em companhia.

6.2

Sexto dia da segunda semana. Essa noite o vento me acordou diversas vezes. Fica difícil engrenar o dia quando não repousamos bem. Não é o meu corpo que está cansado, é a mente, que está exausta de pensar, que se confunde e se esforça para

calar os medos e as tristezas. Ontem dei um passeio lindo. Todos os passeios em Paris são lindos, é verdade. Não entendo como essa cidade consegue ser tão sedutora, não importa a circunstância. Chova ou faça sol, com ou sem greve, a pé ou de carro, cheia ou vazia, Paris é sedutora. Ontem tive a impressão que a cidade, coquete, se entregava, pedaço a pedaço, a meus olhos, como uma modelo diante das lentes do fotógrafo. Tirei algumas fotos de locais por onde sempre passava (todos a menos de 1km de minha casa), mas sem vê-los. Tudo mudado, tudo igual. Era como se a história mostrasse o que realmente é, uma construção, uma obra sem pressa de acabar e indiferente àqueles que a constroem. Tantos reis, tantos heróis, tantos poemas, tantas dores. Tantas pessoas humildes ocuparam os andaimes das fachadas e construções magníficas e foram esquecidas, pois o que fica é uma janela envidraçada, toda ferro e vidro, força e fragilidade, rebrilhando ao sol (dizem, aqui, que quando vemos o sol se refletindo numa janela, é que anjos nos observam e abençoam). As pessoas que já não passam pelas ruas dão lugar a todos os que passaram antes de nós. Somos efêmeros. Mas sonhamos, e os sonhos são eternos. Parafraseando Drummond, esse vento, essa solidão, botam a gente filosófica pra chuchu...

7.2

Sétimo dia da segunda semana. Ainda não expliquei o nome que escolhi para cabeçalho destas publicações. Li, mas depois nunca mais consegui encontrar onde, a frase que vou citar imperfeitamente e sem conhecer o autor: “Ópera é o teatro encenado num manicômio”. Tenho a sensação de

estar vivendo num delírio, e de presenciar as personagens mais inverossímeis solando árias incoerentes, daí fazer este resumo, macunaímico, sem caráter, mas revelando o mosaico em que se transforma o pensamento em uma vida confinada. Estou em Paris, mas sem vista para a cidade. Tenho, porém, a luz parisiense que, desde que comecei a fazer aulas de arte, descobri ser uma luz propícia às aquarelas. Olho para o pedacinho do céu que me cabe e penso no que chamam aqui de “lavis” e eu traduzo como aguadas, sem ter certeza do termo, pois nunca tive aulas de aquarela no Brasil. Quando bem jovem, tive umas aulas no Parque Lage. Só que o professor ensinava desenho a carvão, e eu detesto sujar mãos e pés. O carvão sujava muito os meus dedos, que sujavam meu rosto, minha roupa, e o mundo! Felizmente, o professor tinha um filho que devia ter a mesma idade que eu e, apesar de se chamar Pedro Paulo Rubens, não se interessava nada por desenho, mas conhecia todos os caminhos do Parque. Passamos a percorrê-lo juntos, à caça de framboesas e jambos e outros tesouros. Uma tarde, encontramos os destroços de um monomotor e uma loura vestida com uma pele de onça acudindo um pobre piloto desacordado, mas depois fugindo dele. Era um set de filmagem, que acompanhamos com interesse e uma certa desilusão. Era isso? Uma história que não progredia? Que se repetia e repetia, tediosa como uma quarentena? Eu, que sempre detestei sujar pés e mãos, descobri o truque das atrizes de Hollywood, obrigadas a representar descargas nas “inóspitas selvas brasileiras”, dentre as quais a do Parque Lage se destacava pela ferocidade dos mosquitos e maribondos. Elas usavam esparadrapo cor da pele

cobrindo a sola de seus mimosos pezinhos de estrelas! Só que eram esparadrapos importados, os nacionais eram brancos e grudavam de tal maneira na nossa pele que, para retirar a cola, era necessário esfregar até que esta saísse junto. Fim de mais uma outra carreira artística: nem desenhista nem artista de cinema. No entanto, quando já estava no Clássico, tivemos aulas de artes cênicas. Minha dolorosa experiência cinematográfica me fez optar pelo teatro (e o teatro era tudo de bom naqueles tempos de *Roda viva* a *Macunaíma*; de *A moreninha* a *Hair*). A mim me coube o monólogo de mãe de uma criança excepcional, trecho de uma peça cujo nome não lembro, de Pedro Bloch. Nosso projeto era uma colagem de vários textos, dentre os quais cobiçava apaixonadamente o pedacinho de *Bodas de sangue*, que ainda lembro de cor: “Mas a culpa, a culpa é da terra e do cheiro que desprendem teus peitos e tuas tranças”. Não, eu não queria dizer estes versos. O que queria era ouvi-los, dirigidos a mim, adolescente casta e tímida, mas que poderia viver as turbulências da paixão sem fazer “porcarias”, como aquela criada de *O primo Basílio* se referia ao sexo. (São Google me socorreu e me lembrou que seu nome era Juliana.) Resumindo a ópera, apesar de fazer parte do elenco teatral, fui convidada pela equipe de cinema para gravar uma cena, pois o diretor, que também era o diretor de teatro, achou que eu tinha olhos expressivos. Gravei na antiga igreja do Forte de Copacabana. Outra vez cenas repetidas até a insensibilidade. Uma cena muda. Era só o meu olhar, o que queriam registrar. Nunca representamos a peça nem exibimos o filme. Uma desgraça cancelou as festas de fim de ano: a morte da adorável

Madre Xavier. Mais outro inglório final de carreira. Para terminar, soube que o professor, que idolatrávamos, estava no elenco de uma peça no centro da cidade, naquele teatrinho que fica numa “não rua” que desemboca na Avenida Rio Branco, ali nas alturas do Castelo. Era um papel secundário, eu sabia, mas era um palco profissional onde veria meu mentor representar. Lá fui eu. Descobri que ele atravessava o palco numa fantasia de burro. E nunca quis saber qual a metade do burro lhe cabia. Desinteressei-me da carreira. Mas conservo meu amor pelo teatro.

4.3

Quarto dia da terceira semana. Nestes dias tão iguais a si mesmos, só encontro novidades nas nuvens, que voltaram para encobrir o céu que me cabe nesta quarentena. Olho para cima e lá estão elas, não muito escuras, mas prateando a luz que entra pela janela. Diz a canção que cariocas não gostam de dias nublados, e acho que sei o porquê: os dias nublados nos roubam as cores da cidade vibrante que é o Rio. Em Paris, porém, as cores existem em outra intensidade. A cidade é acinzentada. Paredes recobertas de fuligem ou de andaimes, numa eterna manutenção do Patrimônio. Não lhe faltam cores, mas educadamente discretas, deixando que os canteiros possam se destacar e que os frisos de árvores de algumas de suas avenidas se exibam como coristas de um espetáculo sempre em construção. Paris fotografa bem, por causa disso. Sua luz não agride, não sublinha defeitos, antes os desmancha em suave imprecisão. Os telhados da cidade, que antes me pareciam feitos de ardósia, mas que agora se revelam de algum metal possivelmente proibido

em outros países, deixam os prédios com a aparência grisalha de cidadãos respeitáveis. Os dos palácios demonstram sua *finesse* ostentando uma pátina verde, plúmbea. Neste desfile de modas antigas, destacam-se construções modernas, nem sempre belas. Na verdade, algumas são horrendas, me fazem fechar os olhos ao passar por elas. Vidros tingidos de amarelo gema ou de azul chiclete me fazem perguntar como foram parar à beira do Sena, desfigurando-o. Uma das construções modernas de que gosto é a Fundação Louis Vuitton. Relutei em ir conhecê-la, mas, quando fui, me deixei levar pela estranheza de seus vazios. Uma arquitetura feita de espaços, de ventos e de passagens. Penso sempre no fato de que Proust nunca mencionou a Torre Eiffel nos milhares de páginas de seu romance, onde toda a história da França se apresenta, e todas as invenções modernas se destacam. Nem sequer uma palavra sobre a torre, imensa. Impossível de ser ignorada, ela sempre foi, mas ele se manteve irredutível. Ela não existe em sua Paris sobre a qual até os aviões passeiam, assimilados a anjos de Giotto. Noutro dia, antes da quarentena, obviamente, uma das minhas *flâneries*, vulgarmente conhecidas como voltinhas, me levou a uma avenida e, de repente, numa esquina, lá estava ela, onde eu menos esperava, e os prédios elegantes, todos da mesma altura, pareciam prestes a serem esmagados pelas patas gigantescas, acinzentadas, de um inseto desmesurado. Nesse momento tive um vislumbre do que poderia ter sido aquela construção para o olhar de esteta que Proust gostava de lançar à sua volta. Nada explicava aquela Babel moderna, sem outra função que a glorificação da lógica. Naqueles tempos, julgava-se

que a torre seria temporária, desarmada após servir de entrada para mais uma das exposições universais, glórias da burguesia e de seus empreendimentos. Tal como a máquina do mundo, que se revelou para o poeta, foi uma visão rápida, uma breve, brevíssima epifania. Lastimei a revelação, feita a alguém como eu, incapaz de transformar essa dádiva em poema, lição ou máxima. Meus olhos já nasceram num mundo onde a Torre Eiffel é sinônimo de beleza e encanto. Esqueci os prédios esmagados, levantei os olhos para a torre e minha alma voou. Paris tem dessas coisas, em qualquer esquina você pode se descobrir alada.

6.3

Sexto dia da terceira semana. Saí hoje de manhã. Isso é uma grande novidade: depois de 9 dias em casa, fui ao supermercado. Acontece que, ao voltar, me perdi! Acreditem ou não, consegui me perder sem nem sequer reparar que estava perdida. Desci a rua *du Dragon*, parei para fotografar a maçaneta de um restaurante que nunca havia notado antes. Trata-se de um restaurante chinês, que deve ter achado aquela localização muito auspiciosa, pois o dragão é um dos signos de sorte, segundo o horóscopo chinês. Depois da parada para a foto, fui descendo a rua, namorando um sapatinho azul de uma vitrine, estranhando as madeiras que começam a cobrir as vidraças de outras lojas. Atravessei a rua no sinal, saudando o centauro da esquina do *Carrefour de la Croix-Rouge*. Meus olhos gulosos de “quarentenada” vão tentando se alimentar de imagens para ruminar mais tarde. E creio que foi neste momento que enveredei por uma outra rua, que não a minha. As pessoas que me conhecem pessoalmente sabem

que sou mesmo desligada. Fui caminhando, surpreendida com as novidades, mas sem perceber que estava num caminho trocado. Quando cheguei na esquina seguinte e não vi a rua de *Rennes* nem as torres familiares da igreja de *Saint-Sulpice*, fiquei admirada. Tinha entrado pela rua do *Cherche-Midi* e custei a entender onde estava. Rua *d'Assas*?! Talvez meu inconsciente tenha me carregado para longe, para prolongar um pouco mais o passeio. Talvez meu corpo tenha se sentido tão bem caminhando que desviou minha atenção. O fato é que, com isso, perdi minha hora. Mas o que importa a hora perdida numa quarentena?

1.4

Quarta semana se iniciando neste dia 7 de abril. Hoje, ao acordar, os pássaros gargalhavam, soltos no céu. São gaivotas. Não entendo o que fazem aqui, tão longe do mar. Suspeito que Paris tenha um mar “interior” que permita a aclimação de aves marinhas como eu. Sempre disse que não poderia viver longe do mar, pois preciso de seu cheiro, da hipnose de suas ondas, de seus recados que me fazem sonhar. E, aqui, como estas gaivotas perdidas, sobrevivo bem, o mar dentro de mim, com suas marés altas e baixas, suas ondas de entusiasmo ou desespero. E penso nos animais nos zoológicos, distantes de seus habitats, longe de seus companheiros de espécie. Há quanto tempo obrigamos os animais a essas quarentenas? E, no entanto, como apreciei conhecer os elefantes e águias, as serpentes e os tigres, até o patético urso polar, de pelo esverdeado pelo limo das águas em que vivia constantemente mergulhado, no nosso eterno verão. Como adorava as desajeitadas girafas, que precisavam perder sua

graciosidade e elegância para alimentarem-se em cochos baixos demais. Como invejei a Emília, olhando para os míopes rinoceron-tes, estáticos, resistindo como estátuas de sal, voltados para o passado. Como me desapontei com os hipopótamos tímidos, que só emergiam para lançar-nos um bocejo de tédio infinito.

Recebo notícias de animais silvestres que vão tomando conta de ruas e quintais, nesta quarentena. Cabras descem de suas montanhas e vão visitar as cidades, transformadas em “viroológicos”. Caminham, espantadas, observando as pessoas empilhadas em jaulas/apartamentos, caminhando incessantemente de um lado para o outro. Desviam-se de onças pardas adormecidas entre jasmíneos, como num poema. Outras notícias anunciam patos desfilando pelas ruas de Paris, e eu me espanto. Pois esperava que fossem os ratos, os que tomassem a cidade de assalto, desesperados com a falta da comida abundante que os turistas e os próprios parisienses espalhavam por todos os cantos da cidade. Já as gaivotas... Estas riem, gargalham, voando pelos céus abandonados pelos aviões e outras aves. Nem mesmo as pombas soltam seus arrulhos tristonhos. Só as gaivotas cruzam os céus trazendo, em seus gritos, os ecos do mar.

3.4

Escrevo sorrindo. Que razões pode ter alguém para sorrir no terceiro dia da quarta semana de quarentena?! Pois eu lhes digo: ir à rua, sair às 8h30 para “fazer exercício”, caminhar pela cidade nunca inteiramente deserta, com o coração meio temeroso, sem saber se vai conseguir andar depois de tanto tempo parada dentro de um *studio*. Surpreendentemente meu programa de

exercícios físicos: dança com o aspirador de pó, ioga na cozinha e alongamento ao sol no solo mostraram que estão dando resultado. Fui e voltei, com a máscara (caseira) cobrindo meu rosto e meio que me sufocando, sem cansar, e ao chegar ainda tive fôlego para subir os quatro andares a pé!

O exercício de hoje me levou até a pracinha Christine, e fiquei feliz de ver as árvores já com suas copas completas. Depois atravessei a rua e lá do outro extremo da ponte saudei a Torre Eiffel, com a alegria de quem reencontra uma velha amiga. Voltei pela rua *de Buci*, para comprar uma *baguette*, que infelizmente não estava quentinha. Uma para mim e outra para o mendigo que estava sentado ali perto. Só consegui ver flores bem ao longe. Sinto muita pena de não estar acompanhando o desabrochar dos canteiros e a floração das árvores. No domingo, antes da quarentena, as magnólias ainda estavam em botão lá no *Luco* (Jardim do Luxemburgo). Agora devem estar no auge, lindas. Florescem para si mesmas, para os pássaros, para os sortudos moradores à volta, pois de suas janelas podem ver os canteiros e árvores lá dentro. O parque está fechado, as únicas aberturas são as grades das portas que dão para as aleias desertas, bordadas de árvores de sombra, não de flores. Por enquanto vou esquecendo minha difícil condição de quarentenada e tratando de aproveitar esses minutos roubados ao isolamento. O preço a pagar é alto: um protocolo de limpeza cansativo ao chegar, incluindo a lavagem imediata de roupas e, depois, os dias sem saber se essa saída selou o meu destino ou não. Ao sol, esses fantasmas deixam de existir porém, e o dia transcorre com maior alegria e entusiasmo. E assim vamos sobrevivendo e nos adaptando.

5.4

Um telefone toca e ninguém atende. No meu prédio são muitos os apartamentos vazios, pode ser que seja por isso que ninguém pressiona o botão e diz “alô”. O telefone segue tocando sua urgência... O que será que se esconde atrás desse toque? Como se não bastasse minha porção de angústia, lá fico eu presa ao toque do telefone, à indiferença ou incapacidade da pessoa chamada, à apreensão de quem chama. Quanto mais me afastos das angústias políticas, mais profundamente mergulho na solidão inerente a cada pessoa. Por mais sociáveis e alegres, por mais belicosos e agressivos, tendemos a nos definir como grupos. Procuramos a interação, a diversão em conjunto, o amigo, a mãe. Acontece que nada disso nos salva de nossa condição: somos sós. Estamos sós num universo imenso onde, mesmo que a vida pulule, intensa, está tão distante que jamais fará diferença para nós. E levamos, dentro de nós, a certeza da finitude. No entanto, somos a formulação da imortalidade: DNA. Sou tão ignorante que nem saberia precisar se esta fórmula pertence à matemática, à física, à química. Em minha limitação, creio que pertence a todas elas, e ainda a mais uma – para mim a mais importante – à linguagem, uma que ainda não decodificamos, que não conseguimos traduzir senão com muitas imperfeições e enganos. Talvez seja a usada por Deus, e cada um de nós seja apenas uma palavra, ou menos ainda, uma letra, pequena parte do livro da vida. Podemos até ter a capacidade de reconhecer essa linguagem, mas somente nossa vaidade acha que podemos traduzi-la. Pois, como palavras divinas (criados à imagem e semelhança de Deus), somos o Verbo.

Sozinhos não somos mais que uma simples consoante, cujo segredo está na companhia – “com”. Se conseguirmos entender isso, talvez deixemos de ser sós, talvez deixemos de nos dar importância em demasia e talvez desapareçam todas as angústias e aflições. O telefone parou de tocar. Uma criança chorou e foi consolada. Os ruídos da manhã de sábado me asseguram que a vida, como a conheci, ainda pode continuar, apesar de tantas elucubrações (no sentido irônico da palavra, por favor!)

3.5

Terceiro dia da quinta semana. Esta maneira nova de contar o tempo às vezes me deixa um pouco desorientada. Mas, seja do jeito que for, os dias vão passando e passam rápido. Ontem me perguntava se o mundo lá fora ainda existirá quando sair daqui. Pessoas morrem, a cada dia sabemos de mais mortes. Pessoas que amamos e admiramos morrem. Quem sobrará ao final? E que cicatrizes carregaremos, depois de termos amputado tantos dias de nossas vidas? Quem contará os beijos que deixamos de dar? [Lembro do trechinho de Proust que está em “Um amor de Swann” (*No caminho de Swann*), e que fala do início de sua relação com Odette. Lá o autor diz que, no começo de uma paixão, teremos mais dificuldades em contar os beijos dos amantes do que teríamos em contar as flores de um jardim no mês de maio...]. Esse é tempo sem beijos e de muitas lágrimas. Será que as lágrimas que chorarmos marcarão nossas faces? Perco-me em pensamentos, que me trazem à lembrança uma terrível arma que foi inventada lá pelos anos 70, a bomba de nêutrons. Uma arma que só destruiria gente, e preservaria armamentos e construções.

Imaginem uma cidade atingida por uma bomba dessas, imaginem Paris, assim. Nas duas saídas para “exercício físico”, que fiz durante o tempo em que estou quarentenando, não pude deixar de pensar nessa bomba e de me perguntar por que teria sobrevivido. Ou estaria eu morta, meu corpo físico desintegrado pelos nêutrons, enquanto minha consciência continua vagando, perdida? Sou muito dada a estas misturas de sonho e realidade. Sairei daqui, caso saia, para um mundo onde já não existe mais nem a alegria exuberante de um Moraes Moreira nem o olhar fundo e faminto de Rubem Fonseca. Para um mundo que viu o colapso de países onde os mortos se acumularam insepultos, onde os médicos se viram obrigados a escolher quem tinha direito à vida ou não. Para um mundo em que se falou muito dos mortos famosos, mas onde ninguém ficou sabendo do nome dos milhares de mortos sacrificados à sua condição de gente humilde. Que desânimo!

5.5

Quinto dia da quinta semana. Estou resignada a não sair, mas confesso que, em manhãs como a de hoje, maldigo a sorte. Estou perdendo a primavera. Céus doces, temperaturas amenas, mas, de vez em quando, um ventinho frio, que nos faz correr para longe da sombra e procurar um raio de sol entre as árvores, que ainda não fecharam integralmente suas copas. Paris é a cidade que sabe acolher as estações, e valorizá-las, dando a cada uma seu destaque, como uma boa dona de casa recebendo convidados. Paris, portanto, é a civilização festejando a natureza. Uma natureza acomodada, disciplinada, ao gosto francês. Ao mesmo tempo em que responde, e muito

bem, aos cuidados que recebe. Sinto falta dos lindos jardins públicos e privados. Sinto falta de ficar parada em frente a prédios, espreitando seus pátios floridos, namorando as esculturas aprisionadas para deleite exclusivo dos proprietários. Sinto vontade de flunar, e flunar é um andar diferente, poético, onde nossos passos acontecem ligeiramente acima do chão. Vamos caminhando sem sentirmos o cansaço, olhos descobrindo tesouros onde outros veem apenas uma tabuleta, ou uma porta. Desviamos dos caminhos diretos para seguir os meandros de um rio imaginário e surpreender flores, e escutar pássaros, ou encontrar gente que dança nas ruas, ao som de um saxofone e de um violão. Visitamos diferentes épocas históricas, de um lado da rua, o medieval, de outro, o ultramoderno. Sorrimos das ironias que aproximam inimigos e afastam os amantes em esquinas incongruentes. E, surpresos, escutamos nosso próprio coração, quando o sol nos paralisa com seu raio e nos fixa como agulha de um gnômon, de um relógio de sol. Ontem fui à procura de máscaras. Não as encontrei, mas encontrei lilases florindo. Ganhei (perdi) meu dia. E viva a poesia!

1.6

Mais uma semana de quarentena. Sigo lamentando a cidade que perdi. Tenho este meu cantinho parisiense, mas a cidade não está aqui dentro. Aqui dentro há saudade. Saudade do “lá fora”, saudade do “lá longe”. Tem dias que o lá fora predomina no meu desejo de escape. Outros é o lá longe, e nem sei dizer a qual dos “lá longe” me refiro, pois tenho filhos no Rio e no Texas. Hoje creio que os dois “lá longe” me preocupam igualmente. A situação não parece

animadora em nenhuma das localidades. Afinal, com insensatez e impulsividade não chegaremos muito além do cemitério, em minha opinião. Mas deixem minhas opiniões para lá. Elas valem menos que notas de cruzeiro velho! E, já que falamos em notas, descobri que as de euros reverenciam estilos arquitetônicos. Nunca tinha reparado nisso, pois, infelizmente, os euros não se multiplicam entre meus dedos. Segundo o informe, a nota de 5 euros refere-se ao estilo clássico, a de 10 remete ao românico. A nota de 20 euros homenageia o gótico, e a de 50 é renascentista. Quem tiver a sorte de ter uma nota de 100, vai ver o barroco. A nota de 200, que não é fácil de encontrar, é dedicada ao estilo moderno. Fiquei sabendo, no informe, que a nota de 500 euros (nem sabia que existia!) tem como motivo o estilo contemporâneo. Viva a Europa, que sabe valorizar seu patrimônio. Mas, a cada saída de casa, mesmo essas rápidas corridas à farmácia e aos correios, mais me convenço que o “lá fora”, tão lindo, sem as pessoas que o animavam, vai perdendo a nitidez, tal como fotografias antigas. O que nos consola é irmos colocando, em cada bairro, por trás das portas fechadas, o nome dos amigos, as lembranças do que vivemos naqueles tempos em que ainda não éramos confinados.

6.6

Quarenta e um dias de quarentena. Na noite passada os moradores do 18ème se insurgiram e fizeram um baile popular no meio da rua. Era ao anoitecer, as pessoas começaram a sair espontaneamente de suas casas e a se reunir, uns trouxeram seus instrumentos, outros apenas chegaram. Elas e eles se enlaçaram e festejaram,

alegres, como se não houvesse amanhã. Aí chegou a polícia e acabou com a festa. Mas já dá para ter uma ideia de como será o dia 11/05, o programado fim do confinamento. Acredito que a festa começará à meia-noite. Ao contrário da Cinderela, as pessoas, já quase totalmente transformadas em abóboras, verão suas formas retornarem, reencontrarão seus sorrisos e calçarão seus sapatos mais lindos e suas roupas mais alegres, abrirão o frasco de perfume em vez de usarem o álcool em gel, e dançarão a noite inteira. Brindarão, se darão as mãos e voltarão a se beijar. Pais e filhos se reencontrarão, amantes separados se reunirão. “Vai ser bonita a festa, pá!” Quando soube da notícia, até me entristeci um pouquinho com minha tomada de decisão de voltar para o Rio. Mas agora entendo que não teria com quem celebrar se ficasse por aqui. Estarei no Rio no final da quarentena de lá (que oficialmente nunca existiu), e faremos uma ciranda, daquelas lindas, como um dia fiz em Recife, ao som de Lia de Itamaracá. Todos numa roda, os corações batendo em uníssono, os olhos voltados para o céu, e depois descendo para contemplar o rosto das pessoas queridas, das pessoas estranhas, das crianças e dos velhos, amando cada traço, sorrindo com olhos e bocas descobertas, o corpo totalmente integrado na roda que se estreita e amplia, como um coração. Quero isso, minha gente. Meu chão, minhas memórias, nossos ritmos, nossos afetos.

7.6

Paris surpreende, mesmo nos últimos instantes de minha permanência. Ontem conheci, por acaso, um taxista “famoso”,

o Nabil. Ele veio me atender quando precisei levar algumas coisas que estou deixando na casa de uma amiga, e foi logo me mostrando sua foto no *Le Monde Weekend*: era uma reportagem sobre pessoas que continuam trabalhando durante a quarentena. A foto merece destaque, pois é a do reflexo dele sobre o capô do táxi, um trabalho verdadeiramente interessante. Tiramos um retrato juntos. Ele, com a revista aberta e eu, com essa máscara artesanal que aprendi a fazer na internet. Assim que Nabil soube que eu era brasileira, animou-se, como se fosse um amigo que estivesse me reencontrando depois de algum tempo distante. Contou-me sobre sua ida ao Brasil, onde passou três semanas durante o Carnaval. Adotou-me imediatamente, disse que me levaria ao aeroporto e cumpriu sua palavra. Fez ainda mais, me acompanhou até o *check-in*, carregou minhas malas, e me fez prometer que não desistiria de Paris! Essa cidade é mesmo especial, não acham? Eu acho. Em vez da melancólica despedida para a qual estava preparada, tive companhia e alegria, histórias para me alimentar e distrair. E, assim, vou encerrando esta temporada em Paris. Com chave que, se não é de ouro, é, pelo menos, brilhante. Meu coração, tão apreensivo ainda ontem, hoje está cheio de alegria, já planejando a próxima viagem. E, daqui a pouco, embarco. Portanto, vou tratando de encerrar esta sessão, fechar o computador e dizer mais uma vez “*Au revoir*”. Até qualquer dia, minha linda cidade! E aqui vou eu, minha outra linda cidade, capaz de encantar também, com outro charme, mas com a mesma intensidade. Até já, meu Rio de Janeiro.

A Poesia de Carlos Nejar no site da Academia Brasileira de Letras

Glauber de Oliveira

Formado em Ciências Sociais e Filosofia (Bacharelado/Licenciatura)
na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Resolveu-se fazer estudo em torno da poesia do grande poeta brasileiro Carlos Nejar. O estudo não é tão ambicioso, mas tem bom efeito de mostruário, afinal trabalha o autor destas linhas com a produção poética do poeta gaúcho apresentada no *site* da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual o poeta discorrido é membro com mérito altaneiro.

Pensou-se inicialmente em comentar os poemas que fazem parte dos livros *Sélesis* e *Danações*, isto porque estes dois livros mais alguns outros compõem o que concretamente é a primeira reunião de livros de poesia do poeta Carlos Nejar, mas se pesou a obrigação do ensaio e se achou melhor escrever sobre todos os poemas que estão presentes no *site* da Academia Brasileira de Letras (incluindo assim poemas do livro *Ordenações*).

Fez-se percuciência deveras considerável sobre os poemas do, como já citado, honroso membro da Academia Brasileira de Letras e agora se parte para uma ressalva: não é que destacar a produção do poeta Carlos Nejar apresentada no *site* da Academia Brasileira de Letras é tarefa, sem dúvida,

interessante? O poeta de *Miguel Pampa* é ilustre membro da instituição citada e tem como primeira forma de contato oficial com seu trabalho, além dos seus livros, a página internética da Academia Brasileira de Letras. É a primeira aproximação, oficial, na internet com o trabalho poético deste autor. Assim a empresa deste ensaio razoabiliza sua viabilização. De tal forma que se passa agora para a lavra poética propriamente falando.

Começamos com “Lunalva”, poema de *Sélesis*. Este poema é um poema feito de paralelismos e tem evidente caracterização profético-religiosa. Este é único poema, no *site*, do livro “*Sélesis*”, mas muito significativo.

O poema seguinte é este, de *Danações*, que merece ser citado inteiro:

Qualificação

*Não venham com razões
e palavras estreitas.*

*O que sou sustenta
o que não sou.*

*Por mais grave a doença,
a dor já me curou.*

*E levo no bordão,
o campo, a cerca,
as passadas que vão,
o rosto que se acerca
na rudeza do chão.*

*O que sou
é dar socos
contra facas quotidianas.
E é pouco.*

Junto com o poema “Apreensão”, também de *Danações*, eles reforçam características apresentadas em “Lunalva”, já comentado.

Ainda de *Danações*, há “No tribunal”, no qual temos uma poesia claramente metafórica, ilustrada em versos como estes: “o rosto girando em mim, / farândola.” Inelutavelmente intensa riqueza verbal.

“Do trato com a morte”, que não está discriminado a que livro pertence, trata-se de um poema longo, enumerado e que traz um procedimento bastante evidente na poesia ocidental: o das paralelísticas encadeadas. Sempre se pede a leitura de um poema, ele explica muito mais do que qualquer exegese. Especialmente neste caso de se entender o que são as paralelísticas encadeadas.

Entramos nos poemas de *Ordenações*, supostamente, já que não foi revelado a que livro pertence o poema “Do trato com

a morte”. Temos uma forte oposição de imagens e de ideias. Tanto no poema citado como também no poema “A paz”, este nitidamente um poema coligido em *Ordenações*.

Para terminar temos o poema “Das medidas”, também de *Ordenações*, que nos apresenta uma poesia de resignação. A título de curiosidade apresenta-se uma anotação feita em torno do livro *Danações*, apesar de já se ter falado sobre o mesmo, que é a de tratar esse livro de uma poesia de asseveramento, de conclusão.

Esta foi a tentativa, modesta, de falar do poeta Carlos Nejar. Poeta de obra gigantesca, já toda (ou quase toda) compilada, fazer este ensaio foi algo melífluo. Homenagem ao autor falado, o texto tem sua missão cumprida em introduzir leitores a este enorme poeta. E se teve como canal o *site* da Academia Brasileira de Letras, mostrando-nos este poeta por volta dos seus 30 anos de idade, já que os poemas são de livros da década de 1960 e o primeiro publicado na década de 1970 (mais precisamente em 1971).

P.S.: uma faceta que não se consegue deixar de falar e que ficou fora do ensaio é a faceta gaúcha do autor. Ao que parece inevitável deixar de lembrar.

Em torno do romance carioca

Alcmeno Bastos

Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (aposentado), Membro Efetivo da Academia Carioca de Letras, do PEN Clube do Brasil e da UBE-RJ – União Brasileira de Escritores-RJ. Autor de inúmeros trabalhos na área de Literatura Brasileira, o mais recente dos quais, *Machado de Assis: a poética da moderação* (Rio de Janeiro: Batel, 2018).

É comum citar como indiscutíveis romancistas “cariocas”, por ordem cronológica de aparecimento na cena literária: Manuel Antônio de Almeida (1830-1861), Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922). De fato, os três são cariocas por nascimento, cresceram, viveram e morreram na cidade do Rio de Janeiro, cariocas “da gema”, portanto, ainda que o designativo adotado na época fosse “fluminense”. Não sendo desprezível essa circunstância de “berço”, afinal de contas esses autores sempre respiraram o Rio de Janeiro, não carregavam memória de outras plagas, e mesmo pouco se afastaram da cidade (nenhum deles saiu do Brasil uma vez que fosse), os estudiosos não a tomam em sentido radical, como se fora ela a única marca de autenticidade. Manuel Antônio de Almeida ocupa o posto de iniciador da “linhagem”, credenciado por um único romance, *Memórias de um sargento de milícias*, o que se explica, talvez, pela brevidade de sua vida. Não cabe especular se a continuação de sua obra teria o mesmo acento “carioca”. Já de Machado de Assis e Lima Barreto pode ser dito que a totalidade de

seus romances o são, e neles o Rio de Janeiro pulsa em sua realidade urbana, com seus tipos sociais, suas instituições públicas e/ou privadas, sua topografia peculiar. Sendo assim, é indiscutível o pertencimento dos três ao conjunto romance “carioca”.

É comum também acrescentar a essa lista o nome de Marques Rebelo (pseudônimo de Eddy Dias da Cruz, 1907-1973), igualmente carioca “da gema”, especialmente por conta de seus romances *Mara-fa* (1935) e *A estrela sobe* (1939), representativos das transformações observáveis na paisagem físico-social do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, então capital da República, como o crescente prestígio do rádio, mas também pelo inacabado ciclo *O espelho partido* [*O trapicheiro*] (1959), *A mudança* (1962) e *A guerra está entre nós* (1968), suposto diário de um escritor, Eduardo, que abrange os anos de 1936 a 1944 e mostra um Rio de Janeiro imerso na ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945) e um mundo conflagrado na Segunda Guerra Mundial (1939-45). Nos dois primeiros romances aqui citados, os protagonistas, Jorge e Leniza, são de classe média

baixa e tentam ascender socialmente, com a correspondente melhoria financeira, no mundo viciado das lutas de boxe arranjadas (Jorge) e dos percalços da carreira de uma cantora de rádio (Leniza). Para tanto, ambos deixam-se levar pelas circunstâncias e pagam alto preço moral por isso:

(...) Enquanto dividia sua atividade entre o escritório e o ringue, a maior parte do tempo no escritório, a realidade passara-lhe quase despercebida. Depois, porém, o meio apareceu-lhe claramente tal qual era e envergonhava-o. (...) Fechava os olhos e os ouvidos, continuava. Mantinha, contudo, novos planos. Mal se apanhasse com uma maquia [comissão], que lhe permitisse enfrentar os acontecimentos, abandonaria as luvas e lançaria a sua vida para outro rumo. No boxe é que não poderia ficar.¹

O contrato do Cassino não veio, a venda dos discos não lhe deu grandes lucros, mas a Continental estava lhe pagando direitinho quinhentos mil-réis por mês. Suas despesas atingiam agora a um mínimo de um conto e quinhentos. Só em cabeleireiro iam uns vinte mil-réis por semana. Era incapaz de fazer as unhas, viciara em manicure. Cinema todos os dias. Não dispensava lanches na cidade. Chapéus era um por mês, de cem mil-réis para cima. Sapatos, tinha um batalhão, mas também Amaro tinha uma sapataria de luxo... E era ele que entrava com a diferença. Aliás, tolerava-o mais agora. (...) ²

Em ambos os casos, a condescendência moral e o peso da engrenagem trazida à cena pelas novidades urbanas.

E mais recentemente, na segunda metade do século XX, um quarto nome: o de Rubem Fonseca (1925-2020), nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, mas de ampla e rica

vivência na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu desde os oito anos de idade. Para a expressividade ficcional de seus romances e contos, desde a estreia em 1963, com *A coleira do cão* (contos), muito contribui a ambientação físico-social de suas histórias nesta cidade do Rio de Janeiro, com seu cortejo de personagens, tanto do “baixo” quanto do “alto” mundo social, quase sempre vivendo situação-limite. Vamo-nos servir de dois exemplos: o romance *Agosto* (1990) e o conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” (de *Romance negro e outras histórias*, 1992). Neste último caso, temos uma espécie de texto-ícone, pois o leitor “percorre” suas páginas do mesmo modo, quase errático, com que Augusto, o protagonista, vai de um lado a outro da cidade (limitado embora ao centro), sem que a narrativa evolua para um desfecho.

Em suas andanças pelo centro da cidade, desde que começara a escrever o livro, Augusto olha com atenção tudo o que pode ser visto, fachadas, telhados, portas, cartazes pregados nas paredes, letreiros comerciais luminosos ou não, buracos nas calçadas, latas de lixo, bueiros, o chão que pisa, passarinhos bebendo água nas poças, veículos e principalmente pessoas.³

Augusto é, portanto, um olhar atento e integrador dos elementos da paisagem urbana, perceptíveis especialmente por quem “anda” pelas ruas da cidade. E no final de Agosto, lê-se:

A cidade teve um dia calmo. O movimento do comércio foi considerado muito bom pelo Sindicato dos Lojistas do Distrito Federal. Também as repartições públicas, os bancos, as fábricas e os escritórios funcionaram

¹ REBELO, Marques. *Marafa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1947, pp. 127-128.

² REBELO, Marques. *A estrela sobe*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d, p. 96.

³ FONSECA, Rubem. “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”. In: —. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 9-50.

normalmente. Os cinemas tiveram grande afluência de espectadores, acima do comum para uma quinta-feira.

Os mil e quinhentos turistas que haviam desembarcado do navio Santa Maria visitaram os principais pontos turísticos da cidade e todos disseram entusiasmados que o Rio merece o título de Cidade Maravilhosa.

(...)

Foi um dia ameno, de sol. À noite, a temperatura caiu um pouco. A máxima foi de 30,6 e a mínima 17,2. Ventos de sul a leste moderados.⁴

Sendo *Agosto* uma narrativa engenhosa, que enlaça dois planos: o da crise política que culmina com o suicídio de Getúlio Vargas e o da trama policial que vitima o comissário Matos, esse final surpreende, pois é possível dizer que a cidade do Rio de Janeiro é verdadeiramente personagem, e não apenas ambiente, já que o texto não diz respeito à sorte das personagens, mas sim a como estava o Rio de Janeiro naquele 26 de agosto de 1954, dois dias após a morte de Getúlio Vargas e um dia passado da morte do comissário Matos, o protagonista de *Agosto*.

De volta à fundamentação possível da carioquice do romance carioca, por imperativo lógico, como já dito, não basta a certidão de nascimento do autor para atestar essa condição peculiar, dada a evidência de que muitos outros autores, cariocas de batismo, não integram esse cânone. E se não basta essa circunstância de batismo, cabe ainda perguntar se um romance “carioca” pode ter sido escrito por um romancista não carioca, de nascimento ou de vivência prolongada. Em que consiste, portanto, a carioquice do romance “carioca”? Por partes, então: romance carioca não é uma especificação técnica com a

mesma nitidez taxonômica de romance urbano, romance regionalista, romance histórico, romance de tese, romance indianista, romance político, por exemplo. Mas não é difícil imaginar que um romance, para merecer o designativo “carioca”, deva representar ficcionalmente, com suficiente carga de tipicidade, a vida social na cidade do Rio de Janeiro, em algum momento histórico. É o que acontece no romance tido como iniciador dessa “linhagem”, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, que se abre deste modo:

Era no tempo do rei.

Uma das quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda, cortando-se mutuamente, chamava-se nesse tempo – O canto dos meirinhos –; e bem lhe assentava o nome, porque era aí o lugar de encontro favorito de todos os indivíduos dessa classe (que gozava então de não pequena consideração). Os meirinhos de hoje não são mais do que a sombra caricata dos meirinhos do tempo do rei; esses eram gente temível e temida, respeitável e respeitada; formavam um dos extremos da formidável cadeia judiciária que envolvia todo o Rio de Janeiro no tempo em que a demanda era entre nós um elemento de vida: o extremo oposto eram os desembargadores. Ora, os extremos se tocam, e estes, tocando-se, fechavam o círculo dentro do qual se passavam os terríveis combates das citações, provarás, razões principais e finais, e todos esses trejeitos judiciais que se chamava o processo.

*Daí sua influência moral.*⁵

Em diálogo direto com o leitor supostamente seu contemporâneo (o romance foi publicado originalmente em folhetins no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, entre 1852 e 1853, anonimamente, e em livro

⁴ _____. *Agosto: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁵ ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição preparada por Terezinha Martinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – MEC, 1969, p. 107.

em 1854, com a indicação de ser de autoria de “um brasileiro”), o narrador situa a ação num tempo histórico, “o tempo do rei”, presumivelmente entre 1808, data de chegada da família real portuguesa ao Brasil, e 1821, data de regresso de D. João VI, o “rei”, a Portugal; num espaço físico demarcado, as “quatro esquinas que formam as ruas do Ouvidor e da Quitanda”; e caracteriza um tipo social: o “meirinho”, importante na época, a ponto de o narrador dizer que os “meirinhos de hoje” (itálicos nossos) não eram mais do que “a sombra caricata” dos de antigamente. Observe-se a consciência demonstrada pelo narrador de que recupera um tempo e um espaço que não são contemporâneos do seu leitor de eleição, daí a necessidade de bem explicar o que eram, “no tempo do rei”, os “meirinhos”.

Dada a condição privilegiada do Rio de Janeiro no cenário das cidades brasileiras, capital do país desde a segunda metade do século XVIII (1763) até o ano de 1960, quando perdeu essa condição para Brasília, a cidade foi o centro de irradiação das decisões políticas, econômicas, culturais; sede das embaixadas dos países com os quais o Brasil mantinha relações diplomáticas; em resumo, polo natural da vida brasileira, o Rio de Janeiro foi sempre um centro essencialmente urbano, mesmo quando tinha uma face ainda colonial, antes das grandes reformas promovidas no início do século XX. Deste modo, o romance carioca foi sempre, inevitavelmente, romance urbano.

Assim sendo, muitos romances escritos por outros autores que não os acima elencados, e que provieram de outros lugares, tomaram o Rio de Janeiro como objeto de representação ficcional e são, portanto, por esse aspecto, romances “cariocas”. Uma

parte considerável da obra de José de Alencar (1829-1877), por exemplo, especialmente a trilogia dos “perfis de mulheres” (*Diva* – 1862, *Lucíola* – 1864, e *Senhora* – 1875), se enquadra nessa categoria, pois a ação se passa no Rio de Janeiro, os tipos sociais são contraditórios na realidade social da cidade, como Aurélia Camargo, a heroína do terceiro livro da trilogia, de quem diz o narrador, na abertura:

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e famosa.

Duas opulências, que se realçavam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

*Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com afeição informações acerca da grande novidade do dia.*⁶

As situações nas quais se envolvem as personagens são perfeitamente reconhecíveis na crônica da vida citadina do Rio de Janeiro (os bailes nos quais brilhou a estrela de Aurélia Camargo, como no exemplo acima). Também a obra de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), especialmente seu romance de estreia, *A moreninha* (1844), com seu elenco de jovens estudantes e moças casadoiras, em namoros inocentes na paradisíaca ilha de Paquetá, rapazes

⁶ ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, p. 953. Volume I da Obra completa.

cientes de sua inteireza sentimental, mas inevitáveis vítimas dos encantos de alguma “moreninha”:

– *E eu afirmo que segunda-feira voltarás da ilha de... loucamente apaixonado de alguma de minhas primas.*

– *Pode bem suceder que de ambas.*

– *E que todo o resto do ano letivo passará pela rua de... duas e três vezes por dia, somente com o fim de vê-la.*

– *Assevero que não.*

– *Assevero que sim.*⁷

E numa chave de brutal realismo naturalista, *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913), focaliza um espaço de habitação promíscuo para pessoas de condição social e financeira baixa – o capoeira, o imigrante português, a mulata sedutora, as lavadeiras –, realidade urbana típica do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do século XX, assim descrito:

E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante, formando com a continuação da casa deste um grande quadrilongo, espécie de pátio de quartel, onde podia formar um batalhão.

Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

*Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia: “Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”.*⁸

⁷ MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d, p. 16.

⁸ AZEVEDO, Aluísio; *O cortiço*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 452. Volume II de Aluísio Azevedo: ficção completa em dois volumes.

Romance urbano, representação ficcional da vida na cidade do Rio de Janeiro em certo momento histórico, com indicações da topografia da cidade (ruas, avenidas, morros, praias etc.), de sua efervescência sociocultural (carnaval, botecos, cinemas, teatros, escolas de samba, futebol etc.), de seus tipos característicos (o capoeira, o malandro, o operário, o estudante, a normalista, o burguês endinheirado ou o morador de rua, o policial, o político etc.), enfim, do complexo reduzido à denominação “carioca”, o que dá ao romance carioca sua indiscutível carioquice?

Em artigo publicado no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* de “sábado 1, e domingo, 2 de agosto de 1959”, com o título de “O romance carioca 1”, Carlos Heitor Cony (1926-2018)⁹ discorre sobre o assunto e é taxativo: “Dizer romance carioca, pra encurtar a conversa, é dizer Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto.” E se são esses os representantes do “gênero”, em que consistiria, afinal, o romance “carioca”? Descartando algumas hipóteses, sugere que sejam “certos tiques, certo aristocracismo, certa visão superior dos fatos e dos homens e, sobretudo, muito humor”. Cony esclarece estar usando o termo “aristocracismo” de preferência a “cosmopolitismo”, tanto porque não caberia falar de cosmopolitismo em relação à cidade, que antes da gestão Pereira Passos “era uma aldeia suja e nauseante, uma grande vala cortando a cidade, hábitos

⁹ CONY, Carlos Heitor. “O romance carioca 1”. In: *Jornal do Brasil*. Suplemento Dominical, sábado 1, e domingo 2 de agosto de 1959. Em 2011, a *Folha de São Paulo* do dia 18 de março, decorridos cinquenta e dois anos, republicou a parte inicial deste artigo, sem alteração de texto ou de conceitos. Ignoramos se em edições posteriores foi completada a publicação.

coloniais, sujos também”, e porque os três autores citados não eram “viajantes”, pouco tendo se afastado do Rio de Janeiro. Destes traços, destaca o último como o mais importante: “Mas é sobretudo no humor, na ironia controlada, que vamos encontrar o traço principal do romance carioca.” Por isso mesmo, Cony descarta todos os outros romancistas importantes do século XIX, e se diz impressionado com a falta de humor em autores como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Aluísio Azevedo: “são completamente falhos no humor e quando tentam fazer rir caem numa vulgaridade de fazer pena”. Por lhes faltar humor e ironia “controlada”, não podem ser autênticos romancistas “cariocas”.

E em conferência pronunciada em 2015, na Academia Brasileira de Letras, decorridos cinquenta e sete anos do artigo do *Jornal do Brasil*, reafirma essa linha de argumentação nos seus pontos essenciais, o que nos permite supor que o artigo seja a melhor fonte para conhecimento das ideias do autor sobre o assunto. Talvez possam ser consideradas novidades a admissão de que ele mesmo, Cony, possa ser considerado também um romancista “carioca” e a referência a Rubem Fonseca, de cuja obra, obviamente, não tinha conhecimento, dado que, como já dito, Fonseca estreia em livro em 1963. Um desses pontos essenciais reafirmados na conferência da ABL é a recusa (enfática, aliás) de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Aluísio Azevedo no cânone, por conta da falta de humor em seus romances.

Ainda no que diz respeito a Marques Rebelo, para Fausto Cunha, em artigo intitulado “Nascimento, apogeu e fim do romance urbano carioca”, publicado em 1973 no

Caderno Ideias do *Jornal do Brasil*,¹⁰ quando da morte do autor de *Marafa*, Marques Rebelo não só integra, sem reservas, o cânone dos romancistas cariocas como foi o seu último representante, de modo que sua morte marcaria o “encerramento de uma linhagem novelística que começa idealmente, e no seu caso específico, com o autor das *Memórias de um sargento de milícias*, esse Manuel Antônio de Almeida que ele [Marques Rebelo] amou e biografou”.

Fausto Cunha decreta o fim do romance carioca dessa “linhagem” inaugurada por Manuel Antônio de Almeida “por uma razão muito simples”: a ficção de Manuel e a de Marques (e os outros romancistas “cariocas”?) estavam “encerradas como ciclo e não permitem sequer a imitação”. Contudo, segundo Fausto Cunha, nada impediria que surgisse “um novo tipo de romance carioca”, o que coloca novas questões. O fim do romance carioca da “linhagem” consagrada se deveria ao mero esgotamento da fórmula, ao desaparecimento de seus cultores mais representativos, ou à mudança na própria realidade físico-social que lhes serviria de matéria, isto é, a cidade do Rio de Janeiro? Decorridos quase cinquenta anos do artigo de Fausto Cunha, fica a provocação: existe um “novo” romance carioca?

De volta ao “humor” e a “ironia controlada”, que Cony, aliás, não mencionara antes, é fácil concluir que não são privativos do romance “carioca”. Na verdade, esses atributos cabem melhor no caso da crônica, modalidade por excelência receptiva à leveza discursiva, tal qual praticada por autores cariocas ou que aqui viveram

¹⁰ CUNHA, Fausto. “Nascimento, apogeu e fim do romance urbano carioca”. In: *Jornal do Brasil*, Caderno Ideias, 22 de setembro de 1973, p. 5.

como, exemplarmente, Rubem Braga (1913-1990), Fernando Sabino (1924-2004), José Carlos Oliveira (1934-1986), entre outros. No que diz respeito a Lima Barreto, visceralmente crítico, sanguíneo, sem meios-termos, o que menos se pode encontrar em seus romances é “ironia controlada”. Veja-se, por exemplo, o retrato de Floriano Peixoto (1839-1895), o “Marechal de Ferro” do registro oficial, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), pelos olhos decepcionados do protagonista:

*Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarra uma grande “mosca”; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso – parecia não ter nervos.*¹¹

A descrição acima, se bem que, em princípio, seja feita do ponto de vista da personagem (“Quaresma pôde então ver melhor a fisionomia do homem”), desnuda o partidarismo do narrador, contrapondo a imagem ígnea da consagração oficial à metáfora redutora: “todo ele era gelatinoso”. E nem de longe cabe fala de “ironia controlada” nesse ataque frontal.

Em Machado de Assis, sim, podemos falar de “humor”, sobretudo, e de “ironia controlada”, se bem que é necessário distinguir uma coisa da outra, e aqui recorremos à definição de humor e ironia feita por Henri Bergson (1859-1941) em *O riso: a ironia* é o enunciado daquilo que “deveria ser, fingindo crer que assim é em realidade”, enquanto o *humor* seria “uma descrição minuciosa do

que é, afetando crer que efetivamente assim deveriam ser as coisas”,¹² como em incontáveis exemplos fáceis de ser encontrados na obra machadiana. Em Manuel Antônio de Almeida, apesar do retrato “realista” da vida na cidade “no tempo do rei”, isto é, no início do século XIX, temos uma certa bonomia com relação às personagens, mesmo aquelas que poderiam ser consideradas negativas, como o temido Major Vidigal, que se amanteigava no trato com Maria Regalada, antiga amante dele, quando esta se engaja na defesa de Leonardo, preso pelo major. O major, aliás, no fim das contas, não só não prende mais Leonardo como o transforma no “sargento de milícias” do título do romance. E em Marques Rebelo, que Cony aceita com reticências no cânone do romance carioca (“até certo ponto, merece ser enquadrado” na categoria de romancista carioca), essa ironia “controlada” pode ser observada já no primeiro parágrafo de *A estrela sobe*, quando o narrador comenta a morte da que seria a irmã mais velha de Leniza, com apenas quatro meses de vida: a gastroenterite que a vitimou “zombou tanto da homeopatia e alopatia dos médicos como do empirismo solícito dos vizinhos”.

Pelo acima exposto, temos que convir em que o único critério válido para classificar um romance como “carioca” é ser ele a representação ficcional da vida em sociedade no Rio de Janeiro de um determinado momento histórico, contemporâneo ou não do autor, com toda a sua reconhecível tipicidade. Que em muitos desses romances o “retrato” venha envolvido em “humor e ironia controlada” é pouco para

¹¹ BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983, p. 114.

¹² BERGSON, Henri. *La risa*. Traduzido para o espanhol por Amália Haydeé Raggio. Buenos Aires: Editorial Losada, 1943, p. 96.

singularizá-los em sua carioquice, porque o Rio de Janeiro não é apenas a solaridade jovial dominante em *A moreninha*, mas guarda dimensões do viver nem sempre amenas, nem sempre viciadas e promíscuas (*O cortiço*), nem sempre amargas e saudosas (*O Ateneu*), nem sempre cruas e até violentas (na obra de Rubem Fonseca, por exemplo), nem sempre clamorosamente injustas e preconceituosas (*Clara dos Anjos*, de Lima Barreto), mas um composto de todas essas circunstâncias. E se o romance carioca pode ser assim tão diverso, também os romancistas cariocas o serão, e bastaria olhar de perto a obra dos três “fundadores” da linhagem – Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto – para concluir que a invariante é o olhar crítico e compreensivo lançado sobre a realidade social da cidade do Rio de Janeiro, em sua tipicidade “carioca”.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Senhora*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. Volume I da Obra completa.
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Edição preparada por Terezinha Martinho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro – MEC, 1969.
- AZEVEDO, Aluísio; *O cortiço*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 452. Volume II de Aluísio Azevedo: ficção completa em dois volumes.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983.
- BERGSON, Henri. *La risa*. Traduzido para o espanhol por Amália Haydeé Raggio. Buenos Aires: Editorial Losada, 1943.
- CONY, Carlos Heitor. “O romance carioca 1”. In: *Jornal do Brasil*. Suplemento Dominical, sábado 1, e domingo 2 de agosto de 1959.
- _____. “O romance carioca”. In: *Folha de São Paulo*, 18 de março de 2011, disponível em <https://www1.folha.uol.com.br>, acesso em 30/10/2020.
- CUNHA, Fausto. “Nascimento, apogeu e fim do romance urbano carioca”. In: *Jornal do Brasil*, Caderno Ideias, 22 de setembro de 1973, p. 5.
- FONSECA, Rubem. “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”. In: —. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- REBELO, Marques. *Marafa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1947.
- _____. *A estrela sobe*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

Os professores do Colégio Pedro II e a institucionalização acadêmica da Literatura brasileira *

Roberto Acízelo de Souza

Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estudos de pós-doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor titular de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e ex-professor de Teoria da Literatura da Universidade Federal Fluminense.

O Imperial Colégio de Pedro II foi fundado a 2 de dezembro de 1837, dia do aniversário de doze anos de seu patrono – o príncipe Pedro de Alcântara –, começando efetivamente a funcionar no ano letivo subsequente. Concebido com o objetivo de servir como modelo para um sistema próprio de educação nacional, a ser progressivamente implantado no país no período pós-independência, em substituição ao que vigorara na época colonial – monopolizado por ordens religiosas ou, a partir da reforma pombalina da educação em Portugal e seus domínios, baseado nas chamadas aulas régias –,¹ ministrava formação acadêmica de nível secundário, numa seriação que ia do primeiro ao sétimo

¹ Licenças do estado a pessoas que, requerendo-a e submetendo-se a seleção pelas autoridades competentes, obtinham concessão especial para lecionar determinada disciplina, em geral em suas próprias casas, como atividade secundária e mediante remuneração simbólica ou pouco mais que isso. No Brasil, a primeira aula régia, para a qual foi nomeado o advogado e poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), instalou-se no Rio de Janeiro em 1782, e se destinava ao ensino de retórica e poética. Na mesma cidade, no início do século XIX, funcionaram, na área das letras, pelo menos outras três aulas régias, dedicadas respectivamente a gramática latina, língua grega e retórica. (Cf. Duran, 2010, p. 63.)

ano. Como não havia cursos superiores de letras no Brasil, seu currículo correspondia à cúpula dos estudos linguísticos e literários entre nós, e assim o colégio fazia as vezes de uma faculdade de letras, outorgando a seus egressos o título de bacharel em letras.

Os programas escolares do estabelecimento, a partir de 1850, passaram a ser publicados em plaquetes, a maioria das quais conservadas nos seus arquivos. No que diz respeito às matérias literárias, observa-se, nas sucessivas reformas curriculares, um retraimento progressivo das antigas disciplinas clássicas e de proposição universalista – retórica e poética –, que vão sendo gradualmente substituídas por conteúdos programáticos centrados na cultura literária especificamente brasileira. Assim, se na década de 1850 só constam do currículo as disciplinas retórica e poética, em cujos programas quase nada há de literatura brasileira, no ano de 1860 cria-se uma disciplina dita *literatura nacional*. Desde então, o espaço curricular reservado às letras do Brasil só faz expandir-se, a ponto de, a partir de 1892, o ensino literário concentrar-se numa

* Aproveitam-se neste ensaio passagens da caracterização biobibliográfica dos autores estudados constantes de trabalho nosso anterior: *Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)*. Rio de Janeiro: Caetés, 2014. 2 v.

única matéria – história da literatura nacional –, com a supressão de retórica e poética.

Ora, a caracterização de uma literatura nacional própria, distinta em primeiro lugar da portuguesa, e cumulativamente de todas as outras, constituía uma declaração de independência cultural, reflexo e ao mesmo tempo reforço da independência política recém-proclamada. O Colégio Pedro II, por sua vez também decorrência do empenho de consolidar a nacionalidade – pretendia ser a independência educacional –, naturalmente forneceu um apoio imprescindível para a concretização desse projeto: acolheu-o nas suas diretrizes pedagógicas, reconhecendo-o como matéria de ensino, dando assim *status* institucional aos conceitos correlativos de literatura brasileira e sua historiografia, transformando-os desse modo em disciplina acadêmica: história da literatura brasileira, ou, por abreviação, literatura brasileira.

Influíram nesse processo diversos professores do colégio, e não só com suas aulas – mesmo porque nem todos eles lecionaram matérias propriamente literárias –, mas também com publicações que figuram entre as pioneiras para o estabelecimento da historiografia da nossa literatura. Assim, o Pedro II se inscreveu nessa trajetória como instituição, e também mediante intervenções pessoais de vários integrantes de seu corpo docente.

Vejamos então o papel desses antigos mestres do colégio em cujo espólio literário, em alguma medida, encontram-se contribuições inaugurais para a configuração do campo disciplinar referido.

I

Domingos José **Gonçalves de Magalhães** (1811-1882), quando já era reconhe-

cido, no dizer de seus contemporâneos, como “chefe da escola romântica”, foi nomeado em 1838 professor do colégio.² Na verdade, porém, quase não exerceu o magistério na instituição, pois logo no ano seguinte foi investido na função de secretário do então coronel Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880) – o futuro Duque de Caxias – nas suas missões político-militares – ditas “pacificadoras” pela história oficial –, primeiro no Maranhão, na repressão à Balaiada, e depois no Rio Grande do Sul, na Guerra dos Farrapos. Terminado o conflito no Sul, elegeu-se deputado geral pela província gaúcha e, após o exercício do mandato durante uma legislatura, foi requisitado para o serviço diplomático, assumindo várias e sucessivas missões no exterior.

Sua passagem pelo Pedro II e sua atuação como professor acabou sendo, pois, breve. Assim, no conjunto de sua obra vasta e heterogênea – compreendendo, como se sabe, poesia, dramaturgia, prosa de ficção, filosofia e história –, a pequena parte dedicada aos estudos literários nada tem a ver com a prática docente. Aliás, suas contribuições nesse campo são quase todas anteriores ao vínculo que manteve com o colégio, e nenhuma delas se destinava propriamente à comunidade escolar, embora, com exceção de um ensaio teórico datado de 1859 (“Influência da poesia na ordem

² Segundo a prosa confusa e errática de Eschagnolle Dória (1869-1948), o memorialista do colégio, Magalhães teria sido nomeado para ensinar desenho (cf. Dória, 1997 [1937], p. 32), o que é plausível, considerando que, antes de cursar medicina, ele iniciara um curso de belas-arts. No entanto, é certo que em algum momento sua disciplina passou a ser filosofia, conforme informação da mesma fonte, que, de resto, registra que, consultado pelo reitor, ele teria recusado a regência da cadeira de desenho, admitindo apenas que, além da sua matéria – filosofia –, poderia encarregar-se do ensino de história. (Cf. *ibid.*, p. 35.)

social”), participem do empenho típico de sua época no sentido de trabalhar pela consolidação da ideia de literatura brasileira. Desse modo, um desses textos tinha por propósito divulgar a produção cultural brasileira na Europa – a sumária notícia de seu projeto de escrever uma história literária do Brasil, seguida de referência ao seu livro de estreia (*Poesias*, de 1832), parte de sua lavra no “Resumo da história da literatura, das ciências e das artes no Brasil”, comunicação que assinou com Torres Homem e Araújo Porto Alegre, lida no Instituto Histórico de Paris no ano de 1834; outros dois – o prólogo ao volume *Suspiros poéticos e saudades* (1836), intitulado “Lede”,³ e o manifesto romântico “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil” (1836)⁴ – dirigiram-se a leitores mais especificamente interessados em poesia e problemas literários; e um terceiro – o ensaio “Literatura brasileira”, publicado em duas partes no *Jornal dos Debates Políticos e Literários*, no ano de 1837 – visava ao público amplo e diversificado constituído por leitores dos então populares periódicos de variedades.

³ Antonio Carlos Secchin, em pronunciamento durante recente evento acadêmico, chamou atenção para um fato geralmente ignorado: a obra de Gonçalves de Magalhães publicada em 1836 e tida como marco inaugural do romantismo brasileiro, referida por nossas histórias literárias pelo título *Suspiros poéticos e saudades*, na verdade constitui um volume que reúne duas obras autônomas – “Suspiros poéticos” e “Saudades” –, dado que não só correspondem elas a partes específicas do volume, mas também se acham caracterizadas como tal pela tipologia usada na folha de rosto da primeira edição. Pela organização da edição por nós consultada – a quinta, de 1986 –, parece que o prólogo mencionado diz respeito a ambas essas obras.

⁴ Republicado em 1865, em versão um tanto alterada e com o título mudado para “Discurso sobre a história da literatura do Brasil”.

2

Francisco de **Paula Meneses** (1811-1857) era médico, o que não impediu que o governo imperial o nomeasse, em 1844, lente de retórica do município da corte (a cidade do Rio de Janeiro) e, em 1848, catedrático de retórica e poética do Colégio Pedro II.⁵ Seus escritos – estudos de medicina, memórias históricas, alguns poemas – acham-se dispersos em periódicos ou permaneceram inéditos, caso de uma tragédia e de uma comédia. Interessam para os estudos literários sua tradução/adaptação de um manual didático de retórica, ao que parece de autoria do publicista e político francês Jean-Théophile-Victor Leclerc⁶ (1771-1820), bem como duas peças oratórias proferidas *ex-officio*⁷ em solenidades acadêmicas: *Discurso recitado na augusta presença de sua majestade o imperador Pedro II, por ocasião da distribuição dos prêmios e colação do grau de bacharel em letras, no Imperial Colégio de Pedro II* (1848); *Discurso recitado na augusta presença de suas majestades, por ocasião da distribuição dos prêmios e colação do grau de bacharel em letras, no Imperial Colégio*

⁵ No Brasil oitocentista, o magistério não era propriamente uma profissão, sendo exercido por diplomados em carreiras que pressupunham formação acadêmica de nível superior, como padres, médicos, advogados e, menos comumente, engenheiros.

⁶ Na obra, que teve sua única edição em 1856, achase abreviada a indicação do autor: J. Vict. Le Clerc. O manual figura como livro adotado para a disciplina de retórica no programa de ensino do colégio do ano de 1858, e como livro alternativo no de 1860, “na falta” – diz o documento – do compêndio adotado naquele ano, *Nova retórica brasileira*, de Antônio Marciano da Silva Pontes (1836-c. 1880).

⁷ Segundo regulamentos do Pedro II, o orador nas cerimônias de formatura deveria ser o catedrático de retórica e poética. (Cf. Dória, 1997 [1937], p. 55; Silva, 2002 [1859], p. 61.)

de *Pedro II* (1853). Não obstante o caráter protocolar e cerimonial dessas falas, no primeiro desses discursos Paula Meneses disserta sobre a importância das letras na vida de uma nação, enquanto no segundo faz o elogio do que chama “método histórico”, cuja adoção, em detrimento do “método dogmático”, ele recomenda para o ensino das literaturas modernas em geral e da nossa em particular, o que lhe fornece ocasião para considerações crítico-historiográficas sobre escritores brasileiros da época colonial, com relevo para Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Além desses trabalhos, há notícias de que escreveu uns “Quadros da literatura brasileira”, obra que, no entanto, parece ter ficado incompleta e inédita, a proceder informação de Sacramento Blake (1895, v. 3, p. 78) a seu respeito: “Sei que é um trabalho importante e o autor concluiu a última parte quando faleceu.” Incompleta, inédita e – acrescentamos – perdida, ao que tudo indica, pelo resultado negativo das pesquisas que fizemos nos locais onde mais provavelmente poderia ser encontrada.⁸

E consta ainda, conforme Joaquim Norberto (Silva, 2002 [1859], p. 61-62), que Paula Meneses tenha desenvolvido, na condição de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, segundo praxe da época naquela instituição, um tema de pesquisa proposto por D. Pedro II: “O estudo e a imitação dos poetas românticos promove ou impede o desenvolvimento da poesia nacional?”. A glosa desse mote imperial teria sido lida em sucessivas sessões do Instituto Histórico do ano de 1850 (cf.

Machado, 2001, p. 90), mas, lamenta o mesmo Norberto (*ibid.*), o texto não chegou a ser publicado, tendo-se perdido, pois, na efemeridade de sua apresentação oral.

3

Justiniano José da Rocha (1812-1862), não obstante suas origens humildes e, numa sociedade escravocrata, sua condição de mestiço, formou-se em direito e teve uma vida de intensa atuação intelectual e política: exerceu a advocacia, militou no jornalismo, foi deputado, professor, ficcionista, tradutor. No Colégio Pedro II, foi docente de história e geografia, desde quando a instituição começou efetivamente a funcionar, no ano de 1838.

Sua obra consta de livros didáticos de geografia e história, mas também, embora sem conexão com sua atividade no magistério, inclui um dos textos pioneiros na trajetória que levou à constituição de uma historiografia da literatura do Brasil. Trata-se de “Ensaio crítico sobre a coleção de poesias do Sr. D.J.G. de Magalhães”, publicado em 1833, no qual, além de considerações críticas sobre o livro de estreia de Gonçalves de Magalhães (*Poesias*, 1832), então recém-lançado, esboça um panorama da poesia brasileira a partir da segunda metade do século XVIII, ao mesmo tempo que propõe um programa para seu desenvolvimento, com vistas à apuração crescente do que chama “princípio nacional”.

4

Antônio Francisco **Dutra e Melo** (1823-1846), também de origem humilde, foi admitido como professor de inglês no Colégio

⁸ Biblioteca Nacional (Setor de Manuscritos), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arquivo Nacional, Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II.

Pedro II quando contava apenas dezessete anos, em 1840, portanto. Sua produção poética, salvo umas poucas inserções em antologias, permanece inédita em livro, achando-se dispersa em periódicos do seu tempo, particularmente na revista *Minerva Brasiliense*. É autor de um livro didático da matéria que lecionava, e consta que também deixou inéditas algumas páginas em prosa. Como crítico, apesar de mínima sua contribuição nesse campo – dois ensaios, um dos quais perdido –, teve seus méritos exaltados por Sílvio Romero (1954 [1888], p. 946-947). Desses textos, aquele que nos chegou – o estudo analítico “*A moreninha*, por Joaquim Manuel de Macedo”, datado de 1844 – constitui seu vínculo com a nascente historiografia literária brasileira, pois nele o autor, depois de rapidamente caracterizar o romance como gênero literário novo e promissor, destacando alguns dos seus cultores europeus, saúda o livro de Macedo, publicado naquele mesmo ano, como representante inaugural daquela espécie de prosa narrativa em terras brasileiras.

5

Antônio **Gonçalves Dias** (1823-1864) tornou-se professor de latim e história no Pedro II em 1849, nomeado certamente pelo prestígio intelectual que adquirira principalmente com a publicação dos seus *Primeiros cantos* (1846). No entanto, levando uma vida de viagens e comissões de estudo, pela Europa e pelo norte do Brasil, seus dados biográficos revelam que terá sido breve o período durante o qual efetivamente exerceu o magistério.

Sua produção como crítico é mínima e sem maior importância: uns poucos artigos

publicados em jornais do Rio de Janeiro nos anos de 1848 e 1849, aos quais se podem acrescentar os prólogos que escreveu respectivamente para seu livro de estreia (*Primeiros cantos*) e para o drama *Leonor de Mendonça* (1847). Um documento circunstancial – uma carta a seu amigo Pedro Nunes Leal (1823-1901), datada de 1857 –, contudo, no qual ele trata do problema da língua literária que deveria ser adotada por nossos escritores, acabou configurando sua contribuição aos debates então candentes sobre a constituição de uma literatura genuinamente brasileira.

6

Santiago Nunes Ribeiro (c. 1820-1847), de biografia obscura, teria nascido no Chile e, órfão, teria sido trazido para o Brasil ainda menino por um tio sacerdote, foragido por questões políticas com as quais se envolvera no seu país. O certo é que, apesar de um início de vida que deve ter sido de muito sacrifício (seu tio morreu logo depois de chegar ao Brasil), e sobre o qual pouco se sabe, em 1843 já o encontramos professor no prestigioso Colégio Pedro II. Pois nesse ano, por sua condição de catedrático de retórica – o primeiro da instituição, aliás –,⁹

⁹ Segundo Escragnoille Dória (cf. 1997 [1937], p. 32), no entanto, o primeiro professor da disciplina no colégio, integrante do grupo de mestres que, no início do ano letivo de 1838, assumiu a primeira turma de alunos admitidos no estabelecimento, teria sido Joaquim Caetano da Silva (1810-1873), o qual, segundo a mesma fonte, foi “[...] interinamente encarregado de lecionar Gramática Portuguesa e Grego” (cf. *ibid.*). Parece, contudo, que essa interinidade se estendia também à outra matéria ensinada por ele nesses primeiros tempos do Pedro II – retórica –, pois seu magistério deve posteriormente ter-se limitado ao grego, dado que, em outro ponto de seu livro (p. 73), Dória o dá como docente exclusivamente desta disciplina. Além disso, nomeado reitor já em 1839 – o segundo a ocupar o cargo, que exerceria até 1851 –, dificilmente poderia ter acumulado, além da função

vemo-lo proferindo o discurso de abertura da cerimônia de colação de grau da primeira turma formada no estabelecimento, na presença de sua majestade, o imperador D. Pedro II, em praxe que se estabeleceria desde então (cf. Dória, 1997 [1937], p. 55). Jovem Brasil aquele, por sinal: o estado nacional contava vinte e um anos; o catedrático orador, pouco mais de vinte; e o imperador, dezoito.¹⁰

De sua obra crítica destaca-se um longo ensaio diretamente ocupado com a questão que aqui nos interessa – “Da nacionalidade da literatura brasileira” –, publicado em duas partes em dois números sucessivos da revista *Minerva Brasiliense*, no fim do ano de 1843. Sem importância como poeta, o valor de sua produção como crítico, apesar da pouca extensão, é destacado tanto por Afrânio Coutinho como por Antônio Cândido. Coutinho assinala que poucos compreenderam tão bem quanto ele a questão do caráter nacional da literatura brasileira, que seria verificável não como mera evidência exterior – a representação da paisagem, por exemplo –, mas, segundo as próprias expressões do autor, como certo “sentido oculto”

administrativa, o magistério de duas disciplinas. Se procede a hipótese, Nunes Ribeiro é que teria sido mesmo o primeiro professor efetivo de retórica no colégio.

¹⁰ Quanto à idade que então teria Nunes Ribeiro, juntando algumas pontas talvez seja possível deduzir. Vejamos: ele foi o primeiro professor de retórica do colégio, e, portanto, é plausível que tenha sido admitido nos primeiros anos de funcionamento efetivo da instituição, isto é, 1838 ou 1839. Como vimos, a admissão de professores muito jovens não devia ser tão excepcional, haja vista o antes citado caso de Dutra e Melo, professor da casa aos dezessete anos. Ora, Nunes Ribeiro, morto em 1847 – “na quadra dos vinte anos”, no dizer de Antônio Cândido (1971 [1959], p. 337) –, se tivesse, digamos, vinte e sete anos – para lidarmos com um número redondo – quando de seu falecimento, teria nascido em 1820, e, assim, teria dezoito ou dezenove anos quando se tornou professor no Pedro II, e vinte e três quando discursou naquela primeira formatura de alunos.

ou “intimidade”, reflexão de resto coincidente com a ideia machadiana exposta no ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, formulada, porém, apenas em 1873 (cf. Coutinho: 1968 [1956], p. 307; 1968, p. 43 e 187; 1980, p. 42), e – acrescentamos nós – num contexto já pós-romântico e por assim dizer também pós-nacionalista. E Cândido, lamentando-lhe a morte prematura, “[...] quando apenas começava a escrever e a ordenar as ideias” (1971 [1959], p. 337), chega a afirmar que Nunes Ribeiro “[...] morreu cedo demais para confirmar o que sugerem seus poucos escritos, isto é, que seria talvez o melhor crítico de sua geração” (*ibid.*, p. 334).¹¹

7

Joaquim Caetano **Fernandes Pinheiro** (1825-1876) era padre e doutor em teologia. Foi admitido como catedrático de retórica e poética no Colégio Pedro II no ano de 1857, sucedendo na cadeira a Paula Meneeses, por sua vez sucessor de Nunes Ribeiro. Autor de obra múltipla – poesia, livros didáticos e religiosos, memórias históricas, uma antologia de poesia, estudos literários –,

¹¹ Um ex-aluno de Nunes Ribeiro – e de Gonçalves de Magalhães –, bacharel da turma formada pelo colégio em 1847, também inscreveria seu nome entre os pioneiros da historiografia literária nacional: Manuel Antônio **Álvares de Azevedo** (1831-1852), com o seu extenso ensaio “Literatura e civilização em Portugal”, escrito provavelmente no início de 1850 e publicado postumamente em 1855. Como os bons professores costumam gostar dos discípulos que deles discordam, Álvares de Azevedo deve ter sido aluno dileto de seu mestre Nunes Ribeiro, pois dele divergiu quanto à tese segundo a qual duas literaturas nacionais distintas podem compartilhar a mesma língua – caso das literaturas portuguesa e brasileira –, afirmando, ao contrário, a impossibilidade de distinguir-se entre as letras do Brasil e as de Portugal, convicto de que “[...] sem língua à parte não há literatura à parte” (Azevedo, in Souza, v. 1, p. 386).

há muito só é lembrado como um dos pioneiros da historiografia literária nacional. Nesse setor de sua produção, destacam-se os livros que escreveu diretamente em função de seu magistério: *Curso elementar de literatura nacional* (1862), *Postilas de retórica e poética* (1872), *Resumo de história literária* (1873).¹² O primeiro desses livros, aliás, de certa forma pode ser considerado, salvo pela circunstância de ocupar-se também com a história da literatura portuguesa (apesar do adjetivo *nacional* constante no título), a primeira apresentação historiográfica sistemática da literatura brasileira.¹³

8

Antônio Henriques Leal (1828-1885)

era médico e militou na política, elegendo-se vereador e deputado. Foi diretor do internato do Imperial Colégio de Pedro II,

¹² O vínculo dessas obras com a vida escolar do Pedro II acha-se bem documentado, nos programas de ensino que se conservaram, hoje parte do acervo do seu Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM): o *Curso* foi livro adotado nos anos letivos de 1862, 1863 e 1870; o *Resumo*, nos anos de 1892 e 1898; e as *Postilas*, embora, na documentação disponível, não conste como livro adotado, têm como subtítulo de suas três edições (1872, 1877 e 1885): “ditadas aos alunos do Imperial Colégio de Pedro II, pelo respectivo professor, cônego dr. J.C. Fernandes Pinheiro”. Se esse “ditadas aos alunos [...] pelo [...] professor” deve interpretar-se literalmente, podemos imaginar a monotonia das aulas de então. No entanto, conforme um memorialista do Pedro II (Dória, 1997 [1937], p. 93), esse mestre que talvez ditava as suas aulas, não deixava de ser estimado pelos estudantes: “Nas colações de grau, como de estilo, discursava o professor de retórica, lendo peças cheias de considerações históricas ou literárias de conselhos e advertências aos bacharelados. Em 1858 orou o lente de retórica, cônego Fernandes Pinheiro, desfavorecido de voz, mas muito querido de alunos.”

¹³ Podem disputar-lhe a precedência, contudo, a incompleta *História da literatura brasileira* de Joaquim Norberto (1820-1891), cujas partes que chegaram a ser escritas foram publicadas na *Revista Popular* de 1859 a 1862, e *O Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne*, de Ferdinand Wolf (1796-1866), datado de 1863 e dedicado exclusivamente à literatura brasileira.

mas não sabemos se, além desse cargo administrativo, terá efetivamente exercido o magistério na instituição. Sua obra inclui estudos de medicina, história, biografias, traduções e ensaios. No seu livro *Lucubrações* (1870), que contém estudos sobre ciências e letras distribuídos em duas partes respectivamente assim intituladas, reuniu, na seção relativa às letras, os artigos que escreveu criticando a língua de José de Alencar, nela figurando ainda o ensaio “A literatura brasileira contemporânea”, trabalho que o inscreve no grupo de docentes do Pedro II de que estamos tratando, pois nele o autor empreende uma síntese historiográfica da literatura brasileira – que, aliás, acaba incorporando as realizações nos campos da ciência, da música e das artes plásticas –, visando a ressaltar o seu caráter nacional e a demonstrar a tese de sua diferenciação relativamente à literatura portuguesa.

9

Francisco Inácio Marcondes **Homem de Melo** (1837-1918), bacharel em direito e político (foi presidente das províncias de São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul e Bahia), destacou-se como historiador e geógrafo, tendo exercido o magistério de história no Pedro II. Sua contribuição para o nascente conceito de literatura brasileira e sua historiografia, que na verdade constitui um desvio em relação aos temas sobre os quais escreveu, restringe-se ao pequeno ensaio “As letras no Brasil”, publicado em 1860, na *Revista Popular*, periódico que se constituiu num dos principais órgãos divulgadores das ideias românticas entre nós. Peça de feito flagrantemente retórico, o texto revela claramente a vocação de seu autor para a oratória política.

IO

Manuel da **Costa Honorato** (1838-1891), também bacharel em direito, bem como padre, foi admitido no Colégio Pedro II como professor substituto da cadeira de retórica, poética e literatura nacional no ano de 1879, muito provavelmente na vaga de Fernandes Pinheiro, que falecera em 1876. Publicou várias obras, sobre temas de religião, direito, história, geografia, na verdade irrelevantes mesmo na sua época, além de um livro de leitura para o ensino primário e uma súmula didática de gramática do inglês. Na área dos estudos literários, além da modestíssima tese que apresentara no concurso para o magistério – *O poema épico: “Colombo” e “Os Timbiras”*; *poesias líricas: Bernardo Guimarães e Fagundes Varela* –, escreveu um manual escolar de sua disciplina, que teve sucessivas edições, alteradas no conteúdo e no título, até uma versão que se pode considerar a mais completa e definitiva: *Sinopse de poética nacional* (1859); *Sinopse de eloquência e poética nacional* (1861); *Sinopses de eloquência e poética nacional acompanhadas de algumas noções de crítica extraídas de vários autores e adaptadas ao ensino da mocidade brasileira* (1870); *Compêndio de retórica e poética* (1879).

Na edição de 1879, certamente não por acaso publicada justo no ano do início de seu magistério no Pedro II, a matéria se apresenta organizada de acordo com os programas de ensino então vigentes na instituição. Assim, conforme esquemas historicistas colegiais típicos do século XIX, em cada “ponto” (designação de extração escolar para os capítulos da obra) se apresenta um sumário histórico do gênero em

apreço, que começa pela Antiguidade, passa pelas principais literaturas modernas e se encerra com a brasileira. O *Compêndio*, desse modo, documenta claramente o contraponto, tão marcante no Oitocentos, entre o universalismo da retórica-poética e o nacionalismo da história literária: baseia sua organização nos conceitos retórico-poéticos de gêneros, mas faz concessões ao historicismo, ao narrar a evolução de cada gênero no quadro das diversas literaturas nacionais (sem excluir as “literaturas” bíblica e antigas), embora, no caso da obra em questão, as assim chamadas “noções de desenvolvimento histórico” não passem de simplórias listas de autores, provavelmente para desesporo de alunos obrigados a decorá-las.

II

Benjamin Franklin **Ramiz Galvão** (1846-1938) foi médico e professor catedrático de medicina. Seu vínculo com o Pedro II é duplo: aluno do colégio, posteriormente, em 1869, se tornou seu professor, primeiro de grego, e depois de retórica, poética e literatura nacional. Publicou trabalhos de medicina e ciência, filologia, tradução, história literária, além de relatórios e catálogos bibliográficos elaborados durante o período em que ocupou o cargo de bibliotecário (diretor) da Biblioteca Nacional.

Sua contribuição no campo da nossa nascente historiografia literária, contrariando concepção largamente acatada na época, desenvolve o argumento de que a literatura produzida no Brasil só se torna *brasileira* após a independência, mais precisamente a partir da então chamada “reforma do Sr. Magalhães”, de 1836; antes, portanto, durante todo o período colonial,

e até alguns anos após a independência, a produção letrada do Brasil se inscrevia na literatura de Portugal.¹⁴ Esse ponto de vista é defendido no estudo intitulado “Literatura”, publicado na *Revista Mensal da Sociedade Ensaos Literários*, no ano de 1863, quando o autor, por conseguinte, contava dezessete anos, provavelmente ainda aluno do Pedro II, ou então bacharel recém-formado na instituição em que mais tarde seria professor.

12

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos **Romero** (1851-1914) entra para o quadro de professores do Colégio Pedro II em 1880, como docente de filosofia. De suas numerosas publicações, que se espalham por diversas áreas – filosofia, política, direito, história, etnografia, folclore, literatura, sem falar de suas tentativas malsucedidas no domínio da poesia –, cabe destacar aqui a *História da literatura brasileira*. Datada de 1888, trata-se de obra que, beneficiária de uma longa série de trabalhos pioneiros, que vinham sendo produzidos desde a década da independência,¹⁵ como que realiza o projeto de definir plenamente os conceitos correlativos de literatura brasileira e sua sistematização historiográfica. Sua *História*, por mais datada que seja, constitui a única do gênero que não só sobreviveu ao século

XIX,¹⁶ como também se tornou o protótipo – se não o único, certamente o principal – dos vários projetos de história literária brasileira realizados no século XX.¹⁷

13

João **Capistrano de Abreu** (1853-1927) dedicou-se inicialmente aos estudos literários, mas, a partir de meados da década de 1870, reorienta seus interesses intelectuais para o campo da história. Assim, no início dos anos 1880, é aprovado em concurso para o cargo de professor catedrático de corografia (geografia) e história do Colégio Pedro II. É autor do extenso ensaio “A literatura brasileira contemporânea” (1870), no qual, com preocupações teóricas e metodológicas ainda pouco comuns em sua época, e que ele utiliza para o estudo do caso brasileiro, retoma a ideia romântica de natureza, interpretando-a, porém, como meio físico-geográfico capaz de determinar

¹⁶ Além da edição de 1888, a obra teve quatro edições no século XX e uma no XXI, datadas respectivamente de 1902-1903, 1943, 1949, 1954 e 2001.

¹⁷ A obra, por suas dimensões, bem como por seu caráter digressivo e sua inclinação para a defesa partidária de teses polêmicas, não foi concebida para servir de livro-texto escolar. No entanto, a partir de 1892 é adotada no Pedro II, substituindo o livro de apoio ao ensino de literatura brasileira que vinha sendo adotado desde 1879: *Le Brésil littéraire: histoire de la littérature brésilienne* (1863), do historiador austríaco Ferdinand Wolf (1796-1866). Assinale-se que a adoção do livro de Wolf – escrito em alemão por um austríaco, traduzido para o francês e publicado em Berlim, e, não obstante tudo isso, usado por mais de uma década como manual escolar no principal colégio do país – é sinal claro da escassez de materiais de apoio para o ensino sistemático de literatura brasileira disponíveis no século XIX. (Em complemento à nota: *Le Brésil littéraire* só viria a ser traduzido para o português em edição de 1955, não mais, naturalmente, por interessar como obra didática, mas por sua condição de contribuição pioneira para a historiografia da literatura brasileira devida a um autor estrangeiro.)

¹⁴ Fernandes Pinheiro, no antes referido *Curso elementar de literatura nacional*, sustenta essa mesma opinião.

¹⁵ Pode-se considerar como ponto de partida do processo aqui referido uma carta de José Bonifácio (1763-1838) datada de 1825, na qual, salvo novas descobertas, emprega-se pela primeira vez a expressão “história literária do Brasil” (cf. Souza, 2014, v. 1, p. 19), ou então o início da publicação da antologia *Parnaso brasileiro*, organizada por Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), que saiu em fascículos de 1829 a 1832.

a fisionomia de uma sociedade nacional e, pois, do caráter particular da literatura que constitui sua expressão.

I4

José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916), como Ramiz Galvão, antes de ser professor de história e português do Pedro II, foi aluno do colégio, e depois seu reitor. Como aluno, frequentou a instituição na década de 1870, retornando na condição de docente no início dos anos 1890. Autor de obra vasta, constante de alguma ficção e sobretudo de trabalhos nas áreas de etnografia, educação, filosofia e literatura, firmou sua reputação principalmente no âmbito dos estudos literários. Sua *História da literatura brasileira*, publicada em 1916, constitui o ponto culminante de sua importante contribuição no processo de definição da disciplina. Nesse livro, em que se afasta do ponto de vista sociológico adotado por Sílvio Romero em sua obra homônima de 1888, ao situar em perspectiva estética o estudo da cultura literária brasileira, parece discretamente sintetizar as divergências que manteve por longos anos com aquele seu colega e contemporâneo, divergências

que, como se sabe, se expressaram algumas vezes de modo tão áspero que entraram para o folclore da vida literária nacional no Oitocentos.

Referências

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 v.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1971 [1959]. V. 2.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969 [1956]. V. 2.
- . *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- (Org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Pallas; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980. V. 1.
- DORIA, Escragnoille. *Memória histórica do Colégio de Pedro II: 1837-1937*. [2. ed.]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Pedagógicas, 1997. [1937].
- DURAN, Maria Renata da Cruz. *Ecoss do púlpito: oratória sagrada no tempo de D. João VI*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 5. ed. Organizada e prefaciada por Nelson Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954 [1888]. V. 3.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira: e outros ensaios*. Organização, apresentação e notas de Roberto Acízelo de Souza. Rio de Janeiro: Zé Mário Ed.; Fundação Biblioteca Nacional, 2002 [1843-1862].
- SOUZA, Roberto Acízelo de (Org.). *Historiografia da literatura brasileira: textos fundadores (1825-1888)*. Rio de Janeiro: Caetés, 2014. 2 v.
- . *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Eduerj; Niterói, RJ: Eduff, 1999.

José Américo de Almeida e o seu tributo a Alceu Amoroso Lima

Leandro Garcia Rodrigues

Leandro Garcia Rodrigues é doutor e pós-doutor em Estudos Literários pela PUC-Rio. Professor de Teoria Literária da UFMG e pesquisador do Museu Imperial. É especialista na obra de Alceu Amoroso Lima.

O arquivo de Alceu Amoroso Lima, atualmente salvaguardado no Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (CAALL), é rico e diversificado nas mais diversas tipologias documentais. Com imenso destaque, tenho pesquisado especialmente a sua imensa correspondência com os mais diferentes missivistas e interlocutores. Deste imenso volume, quero aqui refletir um pouco acerca da amizade entre Alceu e José Américo de Almeida, autor de uma importante obra, cujo destaque é sempre *A bagaceira*, publicado em 1928, que teve de Alceu não apenas a sua leitura de crítico literário, mas uma entusiasta divulgação no meio cultural da época.

Infelizmente, por conta do atual estado da pandemia da Covid-19, foi impossível acessar o arquivo de José Américo de Almeida, a fim de buscar as cartas que ele recebeu de Alceu. Assim, este ensaio foi escrito levando em consideração apenas a parcela que Alceu recebeu do escritor paraibano, bem como artigos do crítico sobre José Américo publicados na imprensa

da época.¹ Também exploramos algumas cartas já publicadas de Alceu com Mário de Andrade, as quais falam e refletem a obra de José Américo, tudo no sentido de completar um pouco a dimensão que nos foi impossível investigar pelas razões expostas.

I – O lançamento

O romance *A bagaceira*, publicado em 1928, pela Imprensa Oficial da Paraíba, é sempre lembrado como o marco inicial do nosso modernismo regionalista, especialmente na perspectiva nordestina deste mesmo regionalismo, uma vez que tivemos várias experiências desta proposta estética que refletiram diferentes espaços geográficos do país. Na crônica “Raquel”, publicada

¹Em razão de outras pesquisas já realizadas no arquivo de Alceu, possuía algumas cartas de José Américo já transcritas, bem como utilizei – e muito – o acervo digital do site www.alceuamorosolima.com.br, que disponibiliza sua correspondência passiva, uma preciosa ajuda em tempos de pandemia, quando o nosso acesso aos arquivos físicos ficou totalmente impossibilitado. Para acessar os artigos de Alceu publicados na imprensa da época, recorri ao mesmo site e também ao conteúdo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, bem como coletâneas de textos críticos já publicados.

em *O Jornal*, em 4/5/1958, Alceu Amoroso Lima não apenas fez uma revisão acerca da obra de Raquel de Queirós, mas também refletiu criticamente acerca de outros importantes escritores nordestinos, dentre eles José Américo de Almeida:

O romancista paraibano, enfim – que iria tornar-se depois de 30 um dos homens públicos mais representativos do Brasil moderno – vinha abrir para as nossas letras contemporâneas um capítulo novo, reintroduzindo a literatura das secas que já vinha do século XIX, mas com um novo vigor e restaurando entre o Norte e o Modernismo os laços que, em 1923, Gilberto Freyre tinha evitado, quando opôs o tradicionalismo nordestino às exigências, em parte cosmopolitas, de Graça Aranha e dos modernistas de São Paulo e do Rio (Lima, 1969, p. 110).

A bem da verdade, em fevereiro de 1928, José Américo enviou a sua primeira carta a Alceu Amoroso Lima, junto dela ia também um exemplar de *A bagaceira*,² com uma bela dedicatória – que também é uma carta – na qual se lê:

É um ciclo literário que perdura e durará enquanto persistir nos espíritos a repercussão do fenômeno que o provoca. / Tristão de Athayde, Affonso Arinos, p. 163.

Tristão de Athayde:

Se nem mesmo a epopeia admirável de Euclides da Cunha pode ainda traduzir o “horror da realidade”, eu, bicho do mato, não alcançaria exprimi-lo. Mas senti-lo como ninguém.

No mais, invoco (em minha gíria forense) os doutos suplementos de sua crítica de adivinhão.

José Américo de Almeida

Paraíba do Norte, 1928.

De fato, ele não foi o único a se aproximar de Alceu por conta da atividade crítica

deste. Desde 1919, Alceu vinha exercendo um verdadeiro apostolado na crítica literária brasileira, semanalmente, analisando e divulgando escritores dos mais diferentes rincões do Brasil. De norte a sul, autores jovens e/ou consagrados enviavam-lhe os seus lançamentos na esperança de ter uma análise e, se possível, alguma menção nas suas crônicas publicadas em diferentes jornais, mas especialmente em *O Jornal*. Havia mesmo uma espécie de “fé” na práxis crítica amorosiana, como se percebe na dedicatória que o poeta Raul de Leoni escreveu na folha de rosto do seu *Luz mediterrânea*, enviado a Alceu em novembro de 1922: “a Tristão de Athayde, / a quem entrego este livro / com tranqüila confiança / na lealdade da sua nobre / crítica construtiva”.³ Esta “tranqüila confiança” de Leoni era igualmente sentida e compartilhada por outros autores, e alguns ressaltavam a “crítica construtiva” de Alceu, até mesmo quando este discordava e avaliava negativamente o exemplar analisado.

Avaliando este exemplar do livro, lido e anotado por Alceu, deparamo-nos com diversas anotações que o crítico fez no sentido de orientar o seu futuro artigo, no qual apresentaria ao público as suas impressões d’*A bagaceira*. Felizmente, para nós pesquisadores, Alceu tinha o bom hábito de rabis-car os seus exemplares, sublinhar determinadas passagens, anotar às margens, registrar asteriscos nas laterais, sinais de exclamação e/ou interrogação em diversos trechos, enfim, não era uma leitura passiva – mas um verdadeiro debate (ou embate) com o que estava lendo e analisando. Transcrevo, a seguir, os registros feitos pelo crítico no verso da folha de rosto deste volume:

²Transcrevo estes textos manuscritos – todos inéditos – diretamente deste mesmo exemplar, atualmente na biblioteca Tristão de Athayde, no CAALL.

³Idem à situação da nota anterior.

p. 3 – muito bom
 p. 26 – autorreflexão
 p. 90 – descrição do sertanejo
 p. 172 – 1.^a decaída
 p. 182 – citar
 p. 214 – perplexo
 p. 227 – descrição admirável em três linhas – citar
 p. 245/246 – descrição admirável – citar
 p. 249 – citar antepassado da mãe preta
 p. 251 – reflexões sutis

Ao longo de outras páginas do livro, Alceu também registrou as suas marcas de leitura, suas opiniões, como na introdução, página 3, na qual sublinhou a passagem *“Um romance brasileiro sem paisagem seria como Eva expulsa do paraíso. O ponto é suprimir os lugares comuns da natureza”* e registrou ao lado: “Muito bom”. Na página 11, sublinhou o trecho *“A solidão entretinha intimidades desiguais”* e escreveu acima: “Este livro me está parecendo notável”; e no fim deste mesmo capítulo, anotou: “capítulo admirável”.

Continuo folheando este exemplar, quando encontro sublinhado, na página 30, o seguinte fragmento *“em sua cópia organização moral, em sua sensibilidade contraditória, ria-se e comovia-se”*, o que levou Alceu a anotar: “Admirável, que coisa trágica!”. Já na página 58, o crítico sublinhou o fragmento

O sertão é pra nós como homem malvado pra mulher: quanto mais maltrata, mais se quer bem. [...] Porque saber sofrer, moço, isso é que é ter coragem

e fez a seguinte observação: “Esplêndido e terrivelmente verdadeiro”.

Mais adiante, na página 105, Alceu ressaltou a seguinte passagem: *“E foi ver Soledade que estava queimada... com Pironga,*

porque a carregara nos braços”, escrevendo bem ao lado: “A linguagem é de uma riqueza extraordinária de termos e de um sabor local esplêndido.” Já na página 206, assinalou o trecho:

De noite, rebojava-se na cama. Não se lembrava dele, mas sentia que lhe faltava alguma coisa, como alguém que dormisse sem travesseiro,

e deu a sua opinião de crítico: “É admirável nas expressões, sempre original e saboroso.”

Particularmente, o último capítulo foi fartamente sublinhado e demarcado por Alceu – quer com asteriscos, quer com linhas verticais às margens direita e esquerda – no sentido de ressaltar a importância da conclusão deste romance. Na última folha, à página 331, Alceu esboçou o começo do seu futuro texto crítico a ser publicado na imprensa, onde lemos:

Eu afirmo sem hesitar que este livrinho de um desconhecido pode ser explorado com vantagem, ao lado, senão acima, dos maiores romances brasileiros. Pois não é apenas um grande livro novo: é um grande livro humano.

Em 11/3/1928, Alceu Amoroso Lima publicou, em *O Jornal*, o texto “Uma revelação”, no qual apresentava ao público *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.⁴ Tratou-se de uma análise verdadeiramente apaixonada feita pelo crítico, ocupando ¾ da página daquele periódico, demonstrando a robustez do seu escrito, com diversas citações de passagens do romance. Destaco alguns momentos desta análise, como esta:

Pois esse livro é um romance da seca, e embora a considerando apenas em suas repercussões e não diretamente – talvez o

⁴Alceu tinha o costume de, numa mesma crônica, apresentar dois ou três lançamentos literários, analisando ambos. Todavia, nesta ocasião, usou todo o seu artigo para refletir apenas *A bagaceira*.

grande romance do Nordeste pelo qual há tanto tempo eu esperava. Senão completo, ao menos intenso. [...] Nem apenas um romance social; nem apenas um romance de instintos, embora exagerando um pouco esta face em prejuízo daquela. Ambas as coisas, ao mesmo tempo, e ambas com tal originalidade, tal firmeza de traço, tal angústia de sentimentos profundos, bárbaros, primitivos, e ao mesmo tempo tal requinte de psicologia em recolher a cada passo gotas de verdade profunda, que acabei o livro sentindo que nascera realmente alguém para exprimir não apenas o horror do inexprimível daquela terra do Nordeste, mas um pouco de todo o homem brasileiro de hoje. E dizê-lo duramente, mas sem grosseria. Asperamente, mas sem brutalidade. Dizê-lo com o coração ferido e ao mesmo tempo com a alma apaixonada e uma inteligência extraordinariamente penetrante. [...] Há, portanto, nesse livro, a síntese em que eu vejo o que já pode haver de realmente nosso, de realmente novo em nossa arte literária: a inteligência e o instinto, a natureza bárbara da terra e dos homens do interior da terra, e a natureza civilizada, requintada do espírito que vai transformando essa terra, que se vai fundindo com ela e transfigurando-a para uma unidade futura (Lima, 1930, pp. 138-140).

Devemos levar em consideração o entusiasmo – até um tanto ufanista – de Alceu em sua análise: ainda não tínhamos, no nosso modernismo, o que a historiografia literária batizou de Romance de 30, ou Regionalismo Nordestino, ou então Regionalismo de 30 e quaisquer outros nomes e expressões para esta práxis literária. De fato, os “clássicos” da literatura nordestina de 30 viriam algum tempo depois: *O quinze* (1930), *Menino de engenho* (1932), *Cacau* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Vidas secas* (1938), dentre tantos outros títulos. Daí certamente se compreender o entusiasmo de Alceu enquanto crítico e analista d’A bagaceira,

pois certamente ele sentia neste romance o irromper de algo novo na nossa literatura; em suas palavras: “talvez o grande romance do Nordeste pelo qual há tanto tempo eu esperava”. Por isso, há de se ressaltar o caráter realmente fundador de José Américo de Almeida – deslocando àquela região a produção modernista ainda muito concentrada no sudeste brasileiro, especialmente entre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Mais adiante, na conclusão do seu artigo, assim Alceu afirmou:

Não posso entrar em mais detalhes. Não quero privar o leitor do gosto de desvendar a trama angustiosa, esse entrecocar de instintos bárbaros e primitivos que o autor sabe fazer viver com tanta paixão e tanta sutileza. [...] Só noto um defeito sério, além de certa parcialidade no realismo dos sentidos: a falta de impressão de “tempo”. O livro se passa entre 1898 e 1915, os dois períodos da seca. E, no entanto, não se sente bem a passagem do tempo. Talvez que a narrativa pedisse mais de um volume. Como teve de fazer Proust para colocar o leitor no tempo vivo. Eu afirmo sem hesitar: este livrinho de um desconhecido pode ser colocado, com vantagem, ao lado dos maiores romances brasileiros. Pois não é apenas um grande livro nosso: é um grande livro humano (Idem, pp. 150-151).

Percebam que Alceu termina o seu artigo usando – embora com poucas modificações – o pensamento que ele manuscreeu no seu exemplar, e que transcrevi anteriormente. Tal fato reafirma a importância da interdisciplinaridade ao tratarmos de arquivo, biblioteca e produção intelectual de um determinado escritor – são saberes cruzados, uma polifonia de textos, ideias e linguagens que se entrecruzam no nosso fazer investigativo. Não sem razão que Alfredo Bosi afirmou, na sua *História concisa da Literatura Brasileira*:

De qualquer modo, A bagaceira, escrito nos fins da década de 20, momento em que o Modernismo começava a tomar no Nordeste uma coloração original, oferecia elementos que iriam ficar no melhor romance da década seguinte: um tratamento mais coerente da linguagem coloquial, traços impressionistas na técnica da descrição e, no nível dos significados, uma atitude reivindicatória que o clima de decadência da região propiciava. O romance, saudado pelo principal crítico da época, Tristão de Athayde, vinha também ao encontro dos novos estudos sociais que, sob a inspiração de Gilberto Freyre, começaram a assumir feição mais sistemática a partir do Congresso Regionalista do Recife, em 1926 (Bosi, 1994, p. 395).

Realmente, Alceu Amoroso Lima se empolgou com *A bagaceira*, e não satisfeito de tê-lo lançado nos meios literários da antiga capital federal, tratou igualmente de divulgá-lo alhures, enviando volumes a determinados amigos de outros estados, no sentido mesmo de promover a obra de José Américo de Almeida – esta “novidade bárbara” que vinha da Paraíba. Assim, dentre os seus importantes correspondentes, Alceu enviou um exemplar a Mário de Andrade, em São Paulo, em 9/4/1928, ressaltando:

Meu caro Mário

Agradeço sua última carta. Junto, isto é, pelo correio de hoje, mando a você o exemplar de um romance do Norte que me parece conter coisas admiráveis. Foi para mim uma revelação. Como o livro não se encontra nas livrarias, lembrei-me de mandar a v. um dos exemplares que recebi do autor (Rodrigues, 2018, p. 106).

Era o início de um riquíssimo intercâmbio hermenêutico-epistolar entre Mário e Alceu, tendo *A bagaceira* como o centro deste debate: ora com o entusiasmo da novidade (para o crítico literário), ora com reconhecimento,

mas seguido de um certo ceticismo (para o polígrafo paulista). Respondendo a Alceu Amoroso Lima, em carta de 22/4/1928, assim afirmou Mário de Andrade:

E recebi a Bagaceira.⁵ Já conhecia. Acho de fato um livro muito bom, mas muito irregular. O assunto geral sobretudo tem um ar de coisa já sabida, já lida, que água bem o livro. Mas esse paraibano é de força.⁶ Quanto a você falar que o livro não é regional, discordo. É regionalíssimo. O vocabulário nem é paraibano sequer porque segundo me informaram está cheio de localismos que requeriam mesmo na Paraíba um glossário pro livro.⁷ O caso também é regional: só possível de suceder no extremo Nordeste. Até o sentimento do caso. Amores daqueles, contrastes de pais e filhos daqueles, eram possíveis só mesmo num Brasil de dantes. Cheira: “mostraram-me um dia na

⁵Pela afirmação de Mário, percebe-se que José Américo de Almeida remeteu seu romance a diversas personalidades do meio literário do Rio e de São Paulo, tanto que há dois exemplares na biblioteca do escritor paulista: um dedicado (provavelmente enviado por José Américo) e outro analisado e comentado por Mário, o seu “exemplar de trabalho”, como ele gostava de dizer, enviado por Alceu. No primeiro, temos a seguinte dedicatória: “A você Mário de Andrade, criador / da beleza brasileira e crítico / adivinhão, com a condição de ler até / o fim atrás de alguma coisa de / seu apetite de Brasil. / José Américo de Almeida / Paraíba do Norte / 1928.” Na mesma folha, logo abaixo, Mário assim escreveu, a lápis: “Redação d’A União / Direção José Américo de Almeida / Trincadeiras / Paraíba do Norte” (IEB, Biblioteca, Fundo Mário de Andrade).

⁶Dois anos depois, em 16 de novembro de 1930, na sua coluna do *Diário Nacional*, Mário publicou a crônica “José Américo de Almeida”, na qual fez uma interessante análise da dimensão política do autor paraibano, motivado pela elevação de José Américo à condição de governador do estado da Paraíba. (Cf. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976, pp. 275-276).

⁷No seu exemplar de *A bagaceira*, Mário não escreveu nenhuma nota marginal. Todavia, é sintomática a quantidade de palavras que ele sublinhou ao longo do livro, todas de caráter regionalista e comuns no interior nordestino, ressaltando uma espécie de pesquisa sociolinguística feita por Mário. Cito algumas: esgalepada, moamboiro, encostão, remanchado, chambão, tope, pegadio, estrompa, estrovinhado, afutrique, cambiteiro, empacho, azucrim etc.

roça dançando mestiça formosa” etc. Hoje, só mesmo em regiões atrasadíssimas repisando fenômenos fazendológicos (!) da monarquia. Isso até me parece que regionaliza tanto o livro, tornando-o tão de possibilidade esporádica em algum lugar do Norte (nem em Mato Grosso é possível porque os criadores de lá vivem em S. Paulo, nem em Minas, onde o guzerate é mesmo pura questão de patriotismo... mineiro, nem no Amazonas, onde a língua corrente é o... inglês) regionaliza tanto o livro que o localiza e portanto... o desregionaliza (Idem, pp. 108-109).

Alceu recebeu a carta de Mário e não tardou em respondê-la, discordando frontalmente da opinião do autor de *Macunaíma*. Semanas depois, em 10/5/1928, o crítico enviou longa carta ao polígrafo, reservando a metade final dela apenas para tratar do “caso José Américo de Almeida”, e afirmou:

Não creio que v. tenha razão em acusar o livro de regionalismo. Quando eu digo que ele não é regionalista, não digo que não seja um livro enraizado. Nunca. Ao contrário. Sustentei que o livro era “o romance do Nordeste”, “o romance da seca”. Agora, o que eu nego é que ele seja regionalista, isto é, que restrinja o seu significado à região de onde veio. V. diz que o problema, a luta do pai e do filho, em torno da mesma mulher, é um caso que só se podia dar na fazenda. Não compreendo bem o que v. quer dizer. Pois a evidência do contrário está, por ex., em toda a literatura francesa. Fort comme la Mort⁸ de Maupassant é a luta de mãe e filha em torno do mesmo homem. E creio que o Vieil Homme⁹ de Porto-Riche é o

mesmo caso entre pai e filho. E há inúmeros casos a citar.

Eu acho justamente que esse ato do Lúcio e do Dagoberto universalizam o romance da Bagaceira.

Em primeiro lugar, é visível o caráter simbólico que tem essa dissidência. Não são apenas dois homens que se defrontam ali. Muito mais do que isso. São duas gerações. E mais ainda – são dois Brasis. É o Brasil de ontem, semibárbaro, empírico, instintivo, e o Brasil de hoje – ideólogo, cerebral, hesitante. Dagoberto e Lúcio, além de serem duas criaturas de carne e osso (e o são de verdade), são dois símbolos.

Ora, isso dá ao romance uma significação nacional, muito além dos limites do Marzagão ou do Bondó. É toda a tragédia do Brasil de hoje que passa naquele episódio tão localizado de fatos, tão regionalizado de ambiente (Idem, p. 112).

Parece que nada abalava o entusiasmo e a admiração de Alceu pelo lançamento de José Américo de Almeida, mesmo o ceticismo de Mário de Andrade, cuja opinião era muito respeitada pelo crítico carioca. E repito: A bagaceira era lançada com um ar de novidade, como algo novo, um experimentalismo literário que trazia a realidade nordestina à baila do mundo literário do nosso modernismo. Pelo olhar analítico amorosiano, tal fato deveria ser valorizado, pois isso era uma demonstração da vitalidade da nossa literatura, a comprovação da sua diversidade expressiva e, por que não dizer, uma certa chance de se fazer justiça ao Nordeste, incluí-lo de vez na produção literária da época. Tal orientação de Alceu fica clara quando analisamos a sua correspondência com Jorge de Lima, ora em processo de organização para futura publicação: em várias cartas, ele admoesta Jorge de Lima a publicar em editoras do Rio de Janeiro, no sentido de dar visibilidade à sua poesia e à

⁸Quinto romance de Guy de Maupassant (1850-1893), publicado em 1889. O título foi tirado do livro bíblico *Cântico dos Cânticos*, no qual se lê: “O amor é forte como a morte, o ciúme é duro como a sepultura”.

⁹Peça teatral de Porto-Riche (1849-1930), publicada em 1911. Como bem afirmou Alceu, o enredo tematiza o triângulo amoroso entre pai, filho e uma amante, tal como já fora explorado em outras peças de vulto, como *Amoureuse* (1891) e *Le Passé* (1897).

sua obra nos meios culturais da então capital federal. E como sabemos, Mário de Andrade não deixava uma carta sem resposta, não fugia ao embate que a epistolografia suscitava, e então conclui a sua opinião acerca d'A *bagaceira*, nesta carta enviada a Alceu Amoroso Lima, em 19/5/1928:

Tempo está passando e inda não respondi ao caso que você vinha discutindo na última carta. Fui besta em não especificar de que antagonismo entre pai e filho eu falava. Não é no caso de amor, coisa possível, está claro, em todas as épocas e países. Falei, mas era no antagonismo de ideias de modernização prática entre os dois. Pai atrasadão e filho inovador isso é que com o caráter em que está na Bagaceira é regionalíssimo. Existe sempre entre pai e filho aquele antagonismo fatal de progresso ou que nome tenha, que distingue uma geração da seguinte, porém não com o caráter que isso tem na Bagaceira (Idem, p. 118).

Com este debate crítico, encerro minha análise a respeito das opiniões suscitadas pelo lançamento deste romance de José Américo de Almeida, no sentido de demonstrar a não unanimidade crítica em relação a este livro e o seu lançamento. Entretanto, é notória a defesa saudável de opiniões diferentes que ajudam a compreender a obra em questão. Passo para as reações do autor.

II – O tributo de José Américo

Desde o momento que Alceu decide ajudar na divulgação d'A *bagaceira*, como era de se esperar, José Américo de Almeida não se conteve em alegria e reconhecimento ao amigo por este feito, por esta colaboração em apresentar ao grande público o seu novo romance. Dias após ter saído a crônica de Alceu, em 13/3/1928, José Américo enviou

a este o seguinte telegrama: “Desvanecido seu interesse meu romance. Remeti correio. Saudações. José Américo de Almeida.” Era o início de uma série de cartas, todas saindo de João Pessoa rumo ao Rio de Janeiro, mantendo Alceu informado acerca das encomendas, do interesse da imprensa em diversos estados brasileiros pelo livro etc. Nesta carta de 2/4/1928, José Américo nos fornece as suas primeiras explicações:

Paraíba do Norte, 2 de abril de 1928.

Meu generoso confrade e amigo:

Acabo de receber a sua carta que é mais um documento de estímulo para o obscuro escritor provinciano.

Eu escrevi o romance A bagaceira do nordeste e para o nordeste. Certo de que somente as sensibilidades impregnadas das mesmas impressões imediatas poderiam compreendê-lo. E por aqui não houve quem não o sentisse, porque todos estavam acostumados a observá-lo na realidade de nossa vida dramática. Posso dizer que cheguei a criar a crítica indígena: não faltou homem de imprensa que não viesse dar o seu juízo comprobatório.

Mas sempre me pareceu que no sul o ambiente físico e a paisagem social da tragédia seriam considerados falsos. É tudo tão diverso por aí!

E eu tinha medo também da incompreensão cultural: seria recusada minha arte bárbara que reage em fórmulas novas contra o academicismo pé de boi...

Mas – digo-lhe com a maior sinceridade – sempre confiei no seu extraordinário discernimento crítico e, principalmente, na orientação da sua inteligência brasileira que não se desvirtua e, antes, se define com mais vigor pelo grande conhecimento comparativo das literaturas estrangeiras.

Crítica de adivinhação – foi o que lhe disse na dedicatória, porque vinha surpreendendo em seus estudos essa agudíssima penetração de quem sente toda a obra antes de

compreendê-la. Crítica de adivinhação – repito agora, depois que me virou a alma pelo avesso.

Basta-me, pois, ter sido revelado pelo mais prestigioso dos paraninfos.

É tamanha [a] sua autoridade, que de toda parte me chegam pedidos do romance, de literatos, de pessoas desconhecidas e de livrarias.

A primeira edição limitada de 500 exemplares tinha-se esgotado aqui e no Recife. A segunda, saída há dois dias, pelo que vejo, não chega para nada.

Eu não quero mercantilizar minhas emoções acumuladas, mas desejo ser lido para divulgar estas coisas do nordeste.

Enviei-lhe em duas remessas 19 volumes e ponho à sua disposição outros tantos que ache por bem distribuir pelos seus amigos. São os leitores que mais me convêm.

Agora, nós temos que ser camaradas. Mando-lhe, por isso, desde já, o retrato do “desconhecido”: 41 anos com um princípio de calvície correspondente aos cabelos que preferem cair a ficar brancos; 3 anos de seminário, a pulso, com sonhos frequentes de que volta a ser seminarista; 14 anos de recolhimento com a inteligência entupida da poeira dos clássicos; vida ao ar livre, nos últimos tempos, com um grande estrago de sensibilidade no fórum; bibliografia: uma conferência sobre poetas da abolição, uma caricatura de novela e um volume de mais de 600 páginas sobre problemas econômicos e sociais, que não figuram como obras do mesmo autor; péssimo conversador; língua solta nas indesejáveis emoções da oratória; ex-especialista em polêmicas estereis; um tanto ou quanto sorumbático; exageradamente míope; só sabe assinar o nome, sendo o mais feito à máquina de escrever e mais não diz...

Creia na minha gratidão, porque o que A bagaceira vale hoje é a sua crítica. E aqui fico como seu maior admirador,

Confrade e amigo

José Américo de Almeida

Desta forma, mesmo sem tê-lo planejado, Alceu Amoroso Lima se tornou uma

espécie de “padrinho literário” d’*A bagaceira*. A carta é deveras interessante por diversas razões, exploro algumas: a) a correspondência como espaço de debate sobre literatura, isto é, a carta apresentando aspectos críticos da criação, os bastidores do fazer literário, as primeiras motivações do autor, sua ideia primaz e central; b) neste caso bem específico, o intercâmbio epistolar entre Nordeste e Sudeste brasileiros deflagrando distâncias e incompreensões mútuas, especialmente uma espécie de vácuo cultural entre estes dois Brasis, entre os diferentes projetos modernistas ora em desenvolvimento. Tudo isso deve ser percebido numa correspondência como esta, que não foi a única neste sentido e com este objetivo, ao contrário, o fluxo epistolar naqueles tempo e espaço propiciou aproximações e denunciou sintomáticos distanciamentos, difíceis incompreensões. A seguir, pela importância do seu conteúdo, opto em transcrever integralmente esta carta de José Américo a Alceu, datada de 10/6/1928, pois se trata de um verdadeiro documento para a nossa crítica e para a historiografia da literatura brasileira:

Paraíba, 10 de junho de 1928.

Caro amigo Tristão de Athayde:

Recebi com muita alegria a sua impressão sobre a minha réplica ao Agripino.¹⁰ Tem-me chegado de toda parte, até dos cafundós de Minas, palavras de solidariedade e de aplausos a essa desprestenciosa defesa; mas, só sua aprovação me convinha.

¹⁰No sentido de “dar voz” a José Américo de Almeida, frontalmente atacado pelo crítico Agripino Grieco quando do lançamento de *A bagaceira*, Alceu “cedeu” a sua coluna “Vida Literária”, em *O Jornal*, no dia 5 de maio, 1928. Nela, José Américo escreveu um longo artigo de título “Crítica de Bagaceira – Carta Aberta a Agripino Grieco”, defendendo-se das incompreensões do crítico e explicando as motivações do seu romance.

A referência à nova Escola do Recife foi uma ironia com que visei certo grupo que exagera os méritos de Gilberto Freyre. Um desses fanáticos chegou a escrever que o tema d'A bagaceira relativo à desorganização da família em consequência da seca foi inspirado num estudo desse escritor em livro comemorativo do centenário do Diário de Pernambuco, esquecido de que A Paraíba e seus problemas¹¹ é anterior ao mesmo estudo e de que o "jovem pensador nordestino" se apoiou na minha humilde autoridade em longas citações.

A tréplica do Grieco não merece atenção. Ele revelou até falta de espírito, aludindo aos termos secos da dedicatória ("crítico que desejo e temo"), sem compreender a razão desse temor que se justificou...

O que me diz sobre o juízo do Alberto de Faria,¹² nome de meu grande apreço depois do Mauá, é muito interessante.

Não sei se já lhe falei nessa "3.ª edição com glossário". O contrato foi estipulado por meus amigos deputados Oscar Soares e Pereira de Carvalho: 5 mil exemplares e mais 100 para distribuição gratuita.

O glossário foi pedido com urgência por telegrama e organizado de afogadilho. Resultado: escaparam muitos brasileirismos e foram registrados outros desnecessários. O pior, porém, é que não foi feita a revisão. Saiu tudo truncado, uma palavra por outra, etc. Imagine que deram olhar como sinônimo de ver, em vez de vir: olhe aqui que corresponde a venha cá.

O livro não está menos defeituoso. Arranjaram até solecismo.

Outra coisa: o Castilho não espalhou o romance pelo norte. De forma que vivo importunado por constantes pedidos do Piauí, do Ceará, de Alagoas etc. Só esta semana uma livraria daqui conseguiu obter os volumes encomendados com urgência por telegrama.

Parece que a saída no sul tem sido grande. O Pereira de Carvalho mandou me dizer que o livreiro já fala em outra edição. Um meu amigo, Waldemar Leite, vindo de Florianópolis, contou-me que sua passagem em Santos coincidiu com a chegada da A bagaceira. E viu venderem-se 150 exemplares em menos de duas horas.

Tudo isso é obra do seu extraordinário prestígio de crítico.

A Companhia Editora de S. Paulo interessou-se também pelo contrato, mandou pedir meu endereço etc.; mas já havia compromisso com o Castilho. A Editora tem a vantagem de difundir livros para todo o Brasil. As livrarias daqui recebem grandes consignações.

Voltando ao caso de Corisco, só o "cavalo de sela" do senhor de engenho é mantido na estrebaria. Os outros ficam soltos na bagaceira. Dagoberto disse à Xinane, no 2.º cap.: "estrebaria é para cavalo de sela; você nasceu foi pra cangalha". E Pirunga pediu licença a Dagoberto para acabar de matar o animal moribundo. Aliás, um paraibano, jornalista em Belém, também incidiu nesse equívoco.

Agora, as confidências que me pede. Faça uma confissão fiel. Como no tempo em que eu era seminarista.

Comecei como jornalista político, principalmente em campanhas de oposição. Nesse exercício diário, adquiri certa facilidade de redação. Cheguei a ditar os artigos ou, por outra, a encher o jornal de trabalhos ditados.

Depois li muito. Lia tudo quanto alcançava, sem nenhuma sistematização. Fui, assim, adquirindo fumos de letrado.

Tornei-me cronista da revista Era Nova, de muita circulação no nordeste. Os diretores dessa revista resolveram publicar minhas crônicas em volume a que dei o título de Sem me rir, sem chorar.

Mas, quando a composição já ia em meio, impliquei com esse gênero literário. E sacrifiquei tudo, inclusive algumas conferências enfeixadas.

Surgiu, então, A novela, edição paraibana. Carlos D. Fernandes deu "Branca Dias". E eu

¹¹ Publicado em 1923, pela Imprensa Oficial da Paraíba.

¹² Alberto de Faria (1965-1931) – advogado e intelectual que, no séc. 19, foi filiado aos diversos grupos republicanos e abolicionistas. Publicou, em 1902, a biografia Mauá (Pongetti & Cia.); em 1928, foi eleito para a cadeira 39 da ABL. Era sogro de Alceu Amoroso Lima.

que nesse tempo já andava descontente com o ficcionismo nacional, fiz uma brincadeira: dei Reflexões de uma cabra.¹³ Uma caricatura perpetrada em menos de 8 dias. É localíssima e de mau gosto. Não presta para nada: representa, apenas, um documento de reação contra os modelos consagrados.

Voltei-me para estudos mais sérios, com algum método.

Fui, daí a pouco, incumbido de escrever A Paraíba e seus problemas. Aproveitando-me das noções acumuladas, preparei esse livro, dia a dia, à medida da composição. Ia, simultaneamente, consultando as fontes, redigindo e emendando as provas.

Concebi, afinal, em 1924, o plano da A bagaceira. Primeiro, as teses. E meu maior esforço foi procurar diluí-las na ação para que o romance não tivesse o caráter de um ensaio. O enredo devia ficar apenas impregnado dessas intenções sociais e humanas; não devia anunciá-las em fórmulas expressas.

Modificou-se, então, meu sistema de vida: deixei o cargo de procurador-geral do Estado, lugar sedentário, passando a advogar. E, absorvido por essa nova atividade, tive quase que renunciar à literatura. Mas fiquei pensando; não me esquecia da A bagaceira. E, assim, fui, pouco a pouco, disciplinando o entrecho e fazendo o trabalho de discriminação das cenas.

Consegui, desse modo, a distribuição em capítulos. Feito isso, organizei um caderno com as respectivas epígrafes e entrei a anotar tudo que me ocorria em observações de atitudes, de emoções e de particularidades de linguagem popular.

Pude reconstituir as minhas impressões de duas secas. E fui passar uma estação de repouso no “brejo”, de cuja vida rural guardava vivas reminiscências.

Aí já ia começando a redigir com grandes pausas. Com intervalos de meses a fio. Mas, quando tornava, tinha a vantagem da autocrítica: emendava o que já me parecia ruim.

Do que nunca deixei foi de registrar flagrantes do interior em minhas escapadas por lá.

Essa elaboração não vinha sofrendo nenhuma influência porque eu não tinha tempo de ler.

A preocupação com o romance prejudicava-me, às vezes, o trabalho forense, porque eu não deixava de pensar nele. Resolvi, assim, em maio do ano passado, acabá-lo, fosse como fosse.

Havia muito material informe acumulado. Entrei a condensá-lo. Tenho horror à “continuidade da narrativa” de que falou o Grieco. Detesto também a minúcia. Daí o processo de eliminação. Procurei reduzir tudo a flagrantes, manchas e sugestões. O que parece “detalhe” ao Agripino é uma intervenção das coisas que compõem a tragédia.

Fiz tudo também para suprimir a ênfase e a sensibilidade própria. Minha sentimentalidade é fácil. Mas eu queria que a tragédia se manifestasse por si mesma e não por minha exaltação verbal.

Só não tive coragem de adoçar as realidades. A bagaceira é quase toda sentida. Feita de emoções reconstituídas. Teria sido uma traição ao meu sentimento da terra e do momento humano sacrificar à pureza acadêmica as fealdades e as asperezas da verdade interpretada.

A construção dos primeiros capítulos foi lenta. Depois, já não fui muito senhor de mim; o romance passou a dominar-me. Escrevi mais de um capítulo desprezando o subsídio preparado e modificando o plano preconcebido. Muitas cenas e descrições, das mais aplaudidas pela crítica, como a serenata de cigarras, ocorreram-me nesse turbilhão.

Os nomes dos personagens e dos lugares são todos de minha Areia. Uns tipos são símbolos de mentalidades dominantes em cada meio; outros, como João Troçulho, são de carne e osso. As paisagens são todas do natural.

Que mais direi?

Eu não podia fazer A bagaceira em 25 noites de convulsões. Triturei-a: ela já estava no meu sangue; saiu com um pouco de mim.

¹³ Publicado em 1922, pela Editora A União.

É uma confissão que me desmerece perante os romancistas de partos duplos.

Permita-se, agora, que lhe fale um pouquinho de seus estudos.

Feliz é o crítico que pode enfeixar seus trabalhos com essa unidade fundamental. José Veríssimo, com tantos defeitos, era um tipo desse censor igual, dentro da mesma concepção da literatura. Depois, só vejo a sua obra. Grande obra de intérprete e de orientador que, apesar da atual confusão de valores, já consegue firmar todo o seu prestígio. Crítica de sugestões, que parece um pretexto pra descarregar ideias. Que aplaudindo ou divergindo, é sempre construtiva. Não se restringe às impressões da leitura: disciplina dentro de sua ordem de conhecimentos, mas com uma probidade exemplar. É o modelo que convém às correntes literárias imbuídas de pensamento que subsistem a arte pela palavra.

O livro não é, apenas, interpretado com extraordinária penetração: é julgado como uma parcela da inteligência geral.

Só uma cultura bem aparelhada como a sua é capaz desses estudos. (Não poderia ser outro o título). E o que mais me admira é você com essa visão de conjunto não perder o sentimento de brasilidade. Ao contrário: cada vez mais o revigora como nos ensaios sobre a língua brasileira, os poetas de hoje e como [eles] nos veem. Com toda a minha franqueza, chego a dizer-lhe que os seus últimos trabalhos estão ganhando em consistência e limpidez na colheita desses sentidos.

E é tão forte o seu poder de apreensão dos temas brasileiros, a ponto de nas referidas crônicas ter vindo ao encontro de peculiaridades do nordeste que já estavam no meu plano de revelações. (Em outra carta tratarei deste ponto para satisfazer também à sua generosa curiosidade sobre meus projetos de futuro).

Já pareço suspeito para julgá-lo. Queria dizer tudo o que penso de sua função de crítico sem nenhuma autoridade, mas de formas que todos sentissem o que eu dissesse. Mas, já que anuncia a edição da 2.^a série e talvez a

reedição da 1.^a para o próximo mês de julho, aguardo essa oportunidade. Farei com que as livrarias daqui façam pedidos em conta firme.

Não precisa devolver os artigos. Quando sai qualquer coisa, mandam-me às dúzias como pretexto para pedir o livro.

Remeto agora outros escritos que, por mais modestos que sejam, não deixam de ter alguma novidade. Vai o do escritor que também considerou Corisco liquidado na estrebalaria. Ele é do sertão paraibano.

De José Lins do Rego só tem mesmo maior interesse o 4.º Os outros são resumos do enredo com ligeiros comentários. O 5.º tem algum sabor local.

Vão A Paraíba e seus problemas e as Reflexões para esconder na estante.

Aceite um afetuoso abraço do grande admirador

José Américo de Almeida

Esta carta se explica. E explica muito a respeito do romance A bagaceira.

Temos aqui uma das melhores demonstrações acerca da flexibilidade do gênero epistolar: um verdadeiro laboratório de ideias, uma espécie de reflexo, o outro lado de uma obra. Ou seja, podemos afirmar, sem medo da hipérbole, que esta carta de José Américo pode ser considerada uma biografia d'A bagaceira, o relato das motivações e decisões que possibilitaram a sua gênese.

Interessante perceber a confiança do autor na crítica feita por Alceu Amoroso Lima que, na sua opinião, é a razão para o total sucesso editorial do seu romance. Pela carta, percebe-se a imensa diferença nas propostas de crítica literária exercidas por Alceu e Agripino Grieco – aquele conhecido pelo caráter construtivo e apaziguador na práxis hermenêutica; já este, sempre visto como demolidor e fomentador de polêmicas.

É a epistolografia possibilitando novas abordagens críticas, tecendo e revelando verdadeiras redes de sociabilidade, é o arquivo de um escritor trazendo a lume novidades a partir de documentos e textualidades antigas. Ressalto sempre a importância e a necessidade de salvaguardarmos os arquivos literários, pois estes revigoram e atualizam os estudos e pesquisas, possibilitam descobertas e novas abordagens que trazem frescor e ajudam na tarefa de historiografar e compreender o complexo processo da literatura brasileira.

III – Conclusão

Ao longo de toda a sua vida, sempre que lhe fosse possível, em livros, cartas, artigos e entrevistas, José Américo de Almeida relegava a Alceu Amoroso Lima o sucesso do seu principal romance, bem como agradecia ao crítico pela sua definitiva entrada nos meios literários da época. É importante entendermos este tributo de reconhecimento, pois o conceito de vida literária é construído, inclusive, com narrativas de amizades e inimizades, de grupos afins ou

contrários, confrarias, influências pessoais etc. Neste sentido, a amizade entre Alceu e José Américo é um importante capítulo na trajetória da nossa literatura modernista, especialmente ao aproximarem-se as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna, quando seremos levados a constantes (re)avaliações não apenas do nosso cânone, mas da nossa própria história literária.

Referências

- ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. João Pessoa: Imprensa Oficial da Paraíba, 1928.
- ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.
- ARQUIVO do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (CAALL). Petrópolis, Rio de Janeiro.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA USP (IEB-USP). Arquivo Mário de Andrade.
- _____. Biblioteca, Fundo Mário de Andrade.
- LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiros dos Santos, 1922.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos* – 3.ª série. Rio de Janeiro: A Ordem, 1930.
- _____. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.
- RODRIGUES, Leandro Garcia. *Alceu Amoroso Lima – cultura, religião e vida literária*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- _____. *Correspondência Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/EDUSP, 2018.

Disjecta membra – O que as partes dizem sobre a poesia de Drummond

Felipe Fortuna

Poeta, ensaísta, tradutor e diplomata

para Marlene de Castro Correia

No célebre “Poema de Sete Faces” – poema inaugural do primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade –, existe a seguinte terceira estrofe, a indicar a terceira face desse poema autobiográfico:

*O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta
[meu coração.
Porém meus olhos não perguntam nada.*

É a primeira manifestação (repito: logo no primeiro poema do primeiro livro) de um procedimento a ser repetido e muito utilizado em outros poemas do modernista mineiro, com fundas repercussões em sua obra: trata-se de uma tendência ao desmembramento e à fragmentação de elementos concretos, o que também caracterizou a poesia de alguns poetas de vanguarda.¹ Esse procedimento deve ser examinado com atenção

¹ Um desses poetas é Pablo Neruda, admirado por Carlos Drummond de Andrade e citado em “Consideração do Poema”, poema de abertura *A rosa do povo* (1945). Em *Poesia y estilo de Pablo Neruda* [1940], Amado Alonso dedica a seção “*Disjecta Membra y Objetos Heterogéneos*” à análise desse fenômeno nos livros iniciais

na poesia de Carlos Drummond de Andrade, que se valeu de um amplo espectro (da dissolução à erosão, do desaparecimento à anulação) para se referir às coisas e às pessoas.

Pernas, olhos e mesmo o coração (se não for tomado unicamente em seu sentido simbólico) são as partes destacadas e presentes na estrofe citada (e, na estrofe seguinte, o verso “o homem atrás dos óculos e do bigode” exhibe um desmembramento também de muita eloquência): com essas partes, mostra-se um mundo urbano e veloz, um mundo em agitação e já excessivo, que cala fundo no poeta: o sentimento do mundo (o coração) pergunta e questiona, porém os olhos seguem impassíveis, vendo, reconhecendo, separando as cores.

Persiste na poesia de Drummond a percepção de um mundo povoado e tumultuado, de um mundo que parece excessivo e numeroso, em contraposição ao mundo familiar e pacato do interior do país. O poeta se cala ao ver as partes desse mundo novo, que se orgulha do progresso e não das tradições,

do poeta chileno (Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1968, cuarta edición, p.312-326).

intuindo-lhe a vastidão e a sua dimensão descomunal, como que acuado e perplexo por se reconhecer, ele também, uma de suas partes. Esse mundo novo é urbano e acelerado, um mundo que se constrói na forma de cidades sem que seja possível compreender a sua finalidade e a ideia mesma de progresso. O progresso fará do poeta um permanente desconfiado, o que só intensificará a perplexidade com a fragmentação e com as partes disjuntas das pessoas e das coisas. A cidade é uma usina que gera pessoas em movimento – mas essas pessoas, de tão agitadas e velozes, perdem toda informação pessoal e são vistas, nas ruas, como pedaços e fragmentos, irreconhecíveis por inteiro: por isso mesmo, “o bonde passa cheio de pernas”, e o transporte urbano serve para conduzir os membros humanos que transportam o corpo.² Tanto quanto no “Poema de Sete Faces”, as

² Em uma análise sobre a representação da vida urbana nos romances, Robert Alter propõe que a representação do lixo produzido nas cidades exprime (como em *L'Éducation sentimentale*, de Gustave Flaubert) “a jumble of glimpsed fragments that do not hold together, (...) the fragments are kinetic expressions of human energies.” Essa representação, ele explica, é inovadora e antecipa a percepção modernista. Ao comentar *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, por exemplo, o ensaísta afirma que “fragmentation, as we have seen, is an essential element in the experience of the modern metropolis as an incessant shower of heterogeneous and largely unconnected stimuli rain down on the senses”. Por fim, em comentário sobre *Ulysses*, de James Joyce, o ensaísta trata, justamente, de um cena urbana em que Leopold Bloom observa uma elegante mulher subir no bonde, que começa a se mover, e salienta tanto “a fragmentação da experiência visual” quanto a percepção da figura humana não como um todo, mas como “partes disjuntas do corpo”: “We have had abundant occasions to observe the fragmentation of visual experience in urban novels from Flaubert onward, with the human figure often seen not as a coherent whole but through the traces it leaves in disjunct body parts.” (Cf. *Imagined cities – Urban Experience and the Language of the Novel*. New Haven: Yale University Press, 2005, p.17, p.111 e p.125).

pernas indicam, assim como em “Moça e Soldado”, a atividade dos corpos e sua mobilidade, pouco a pouco revelando impulsos que não são apenas físicos. Ainda nessa contemplação muda, o poeta espia em atitude obsessiva, atendo-se à descrição, agindo como observador discreto, mas sem que lhe escape qualquer opinião ou julgamento:

*Meus olhos espiam
as pernas que passam.
Nem todas são grossas...
Meus olhos espiam.
Passam soldados.
... mas todas são pernas.
Meus olhos espiam.
Tambores, clarins
e pernas que passam.
Meus olhos espiam
espiam espiam
soldados que marcham
moças bonitas
soldados barbudos
... para namorar,
para brigar.*

A repetição das palavras provoca. Nos versos “Meus olhos espiam / espiam espiam (...)” se estabelece, a par da obsessão, a paralisia do poeta, que, ao espiar tanto, não confessa seu sentimento. Porém, no poema “As Pernas”, já se percebe que o mesmo *leitmotiv* – as pernas – surge também de forma repetitiva, a indicar nova obsessão, dessa vez com o sinal incontornável do desejo. O poeta antecipa as “sonhadas pernas” que podem aparecer em zona não totalmente iluminada.

*Bato palmas. Na esperança
de ver as pernas no alto
da escada
as pernas sempre defesas
as sempre sonhadas pernas*

as pernas, aparição
no sombrio alto da escada.

Nesses poucos versos, a repetição surpreende: pernas, alto da escada e mesmo a semântica visual de “ver” e “aparição” constituem a força que antecipa o objeto de desejo do poeta. Esse objeto encontra-se, no entanto, ameaçado pela interdição, e por isso mesmo existe “esperança” de ver pernas “defesas” que estão em lugar inacessível e “sombrio”. A seu modo, dá-se continuidade à sequência de “pernas” e “olhos”, mas a presença das partes corporais destacadas permite concluir que outros elementos deverão inserir-se em uma lógica da composição.

No poema “Tarde de Maio”, com seu longo e inesquecível verso no qual surpreende o aparecimento de um fragmento de um corpo morto, o poeta vai ampliar o sentido das partes corporais, conferindo-lhe nova dimensão:

Como esses primitivos que carregam por toda
[parte o maxilar inferior de seus mortos,
assim te levo comigo, tarde de maio,
quando, ao rubor dos incêndios que
consumiam a terra,
outra chama, não perceptível, e tão mais
[devastadora,
surdamente lavrava sob meus traços cômicos,
e uma a uma, disjecta membra, deixava ainda
[palpitantes
e condenadas, no solo ardente, porções de
[minh'alma
nunca antes nem nunca mais aferidas em sua
[nobreza
sem fruto.

A ideia de *disjecta membra* está originalmente relacionada aos fragmentos poéticos e às partes de um *corpus* que poderiam ser ainda identificáveis, apesar de

separadas do todo a que pertenciam. O poeta Horácio, nas *Sátiras* (I, IV, 62), faz referência aos “membros despedaçados do poeta” (*disiecti membra poetae*), em breve exemplo sobre o poeta Lucílio.³ *Disjecta membra* também significam os fragmentos existentes de manuscritos e objetos culturais (como cerâmica ou metais), que permitam projetar, pela parte, um objeto original. Geralmente, a poesia de CDA vai privilegiar o fragmento como índice de uma percepção, buscando desestruturar o todo em partes significativas. Tratará assim do efêmero e da contradição, buscará ampliar a sensibilidade ao confundir-se com a fugacidade e a impermanência das coisas: tanto a relação amorosa quanto a experiência política estarão submetidas a essa constante desestruturação, núcleo de angústia e de maior fragmentação. Paralelamente, o fragmento servirá, nessa poesia, a um processo de composição e decomposição com características singulares.

Note-se que, no trecho citado de “Tarde de Maio”, o poeta trata de uma dimensão não corporal das *disjecta membra* ao escrever “porções de minh'alma”. É uma adição importante, que articula o concreto e o abstrato, e lhe permite ampliar, por meio da inserção de outras dimensões das partes, a simbologia dessas partes descartadas. No poema “A Boca”, por exemplo, o espaço mínimo entre duas bocas distantes é bem a indicação do que duas partes do corpo alcançam:

Boca: nunca te beijarei.
Boca de outro, que ris de mim,
no milímetro que nos separa,
cabem todos os abismos.

³ Cf. Horace, *Satires, epistles, ars poetica*. Tradução de H. Rushton Fairclough [1926]. London: William Heinemann, 1942, *The Loeb Classical Library*, p. 52 e 53.

Com a organização desses fragmentos (*disjecta membra* corporais e não corporais), logo se percebe que o poeta logra compor e decompor diversas dimensões de sua poesia: a glosa sobre o mundo, como bem se lê em “Canto Órfico”:

*Mundo desintegrado, tua essência
paíra talvez na luz, mas neutra aos olhos
desaprendidos de ver; (...)*

Também está presente quando se faz necessário tratar de si mesmo, em nota biográfica, como surge, por exemplo, em “Os Últimos Dias”:

*Uma parte de mim sofre, outra pede amor,
outra viaja, outra discute, uma última trabalha,
sou todas as comunicações, como posso ser
[triste?]*

Por fim, esse uso da fragmentação se faz de novo presente em importantes poemas de temática social e política, como será mostrado mais adiante, e ainda em alguns poemas de fatura erótica.

Todo o poema “Desdobramento de Adalgisa” transmite a voz de uma mulher – logo desdobrada em duas mulheres – que se dirige a um homem, por sua vez tratado de “meu rei” e a quem será prestada subserviência, não fosse o uso permanente da segunda pessoa do plural.⁴ Todo o poema é

⁴ “Desdobramento de Adalgisa” é poema publicado originalmente em jornal, no ano de 1933 e, em seguida, no segundo livro de Carlos Drummond de Andrade, *Brejo das Almas* (1934). Segundo Fernando Py, o poema foi inspirado em anúncio (até hoje não pesquisado) do jornal argentino *La Nación*, no qual aparecia um rosto ou um corpo de mulher várias vezes irradiado, não necessariamente, como afirmam automaticamente alguns críticos, a jornalista e poeta Adalgisa Nery (1905-1980) (cf. Fernando Py, “Edições dos Livros de Carlos Drummond de Andrade”, in *Lingua e literatura*, 16, 1987-1988, p.80). Esse desdobramento é também um desmembramento: Adalgisa “virou duas diferentes / para mais a adorardes”, ela é loura e morena, e

construído a partir da premissa emblemática que fulge já no primeiro verso: “Os homens preferem duas.” O desdobramento em apreço indica que Adalgisa “virou duas diferentes”, “Adalgisa e Adaljosa”, uma delas “loura, trêmula, blândula”, a outra “morena esfogueada”. Esse desdobramento não acontece sem precisão – e, por isso mesmo, indica-se que as duas mulheres não existem “como se as duas fossem uma”, mas sim na seguinte forma: “é uma que são duas”.

A *persona* desdobrada de Adalgisa tem consciência de sua duplicidade:

*Ando na rua a meu lado,
colho bocas, olhos, dedos
pela esquerda e pela direita.*

Existe, contudo, em meio à conveniente repartição dessa mulher, uma notável angústia: pois eis que Adalgisa, sabedora de que “os homens preferem duas”, também enfrenta a realidade de que “alguns mal sabem escolher”. É muito possível que esse *embarras de richesses* constitua, afinal, aquela mesma situação pioneira na qual o poeta se vê diante de tantas pernas que o induzem à paralisia: “porém meus olhos / não perguntam nada”. É bem o sintoma de perplexidade diante de um desdobramento múltiplo, de possibilidades amplas e infinitas, segundo um processo infernal e sucessivo:

costuma andar “na rua a meu lado”. Coincidentemente, a “Balada para as Três Mulheres do Sabonete Araxá”, de Manuel Bandeira, também teve por inspiração um anúncio publicado em jornal que, no caso, desdobrou em três a imagem da mulher: “São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá? / São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas? / São as três Marias?” O poema, escrito em Teresópolis, é datado de 1931, e publicado em 1936 no livro *Estrela da manhã*. Manuel Bandeira também teria escrito, ao fim, uma paródia do poema “As Três Irmãs”, do romântico Luís Delfino.

*Saberei multiplicar-me
e em cada praia tereis
dois, três, quatro, sete corpos (...)
numerosa qual Amor.*

A mítica Adalgisa é uma totalidade feita de suas partes contraditórias, “duas partes diferentes”, que ameaça e paralisa com sua voracidade. Ameaça e paralisação que, a propósito, permanecerão com o poeta de forma constante: pois, como bem se mostra em “As Contradições do Corpo”, existe duplicidade e desmembramento no próprio corpo do poeta, que ilude e força o encontro:

*Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta. (...)
Meu corpo ordena que eu saia
em busca do que não quero, (...)
Se tento dele afastar-me,
por abstração ignorá-lo,
volta a mim, como todo o peso (...)*

Um aspecto significativo das *disjecta membra* do poeta está relacionado à dimensão política: por meio de cortes, mutilações, enxertos e agregações, vai-se fazendo o caminho das opções e das escolhas. Como se sabe, é em *A rosa do povo* (1945) que se concentra e até se dramatiza a mais robusta eloquência política do poeta, observador engajado dos eventos da II Guerra Mundial e emocionado criador de uma irmandade espiritual e ideológica, cujo arco vai, como demonstra “Consideração do Poema”, de Vladímir Maiakóvski a Pablo Neruda, de Guillaume Apollinaire a Murilo Mendes e Vinicius de Moraes. Livro de aguda preocupação com a contingência e, ao mesmo tempo, com os recursos de que um poeta dispõe:

*Poeta do finito e da matéria,
cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas,
boca tão seca, mas ardor tão casto.*

No poema “América”, o homem minúsculo diante do seu continente (“um homem pequenino diante de um rio”) traz as partes do corpo para projetar imagens de fragilidade, da velhice e da ignorância, que convergem para a mudez do poeta, perplexo e paralisado:

*Passo a mão na cabeça que vai
embranquecer.
O rosto denuncia certa experiência.
A mão escreveu tanto, e não sabe contar!
A boca também não sabe.
Os olhos sabem — e calam-se.*

“América” é um poema longo no qual se forma uma colcha de retalhos – e cada um deles trata de um acidente geográfico e sentimental, uma recordação e o trânsito intenso das gentes, tudo isso que, visto em perspectiva – e a perspectiva é a ideia grandiosa da América – torna o lugar e o poeta ainda menores. Como se essas partes não formassem um todo – ou, formando-o, exibissem um todo menor. O resultado desse exame dos espaços e das gentes, onde as cidades crescem juntamente com os desertos, onde pessoas aparecem e desaparecem, deixa a impressão de que o conjunto busca articular-se a partir de *disjecta membra*, mas com sua conformação de impassível puzzle:

*Esses pedaços de ti, América, partiram-se na
[minha mão.*

*A criança espantada
não sabe juntá-los.*

A rosa do povo guarda um poema dos menos comentados na obra de Carlos Drummond de Andrade: “Noite na Repartição”. Para maior precisão, o poema se assemelha

a um *sketch* teatral, em que partes de um escritório, incluindo animais, respondem ou dialogam com um oficial administrativo. E é ele quem dá início a uma conversa tensa e infeliz com o papel, “única ambrosia” provada pelo oficial administrativo, e que ainda se faz presente no sabão que passa pelo corpo e na água que bebe. Repartição é, portanto, esse espaço de submissão e opressão que, finalmente, gerou revolta; repartição que também representa, no poema, partes isoladas de objetos e pequenos seres que participam da confusão geral de um lugar antes organizado e burocrático – e cada uma dessas partes poderá expressar-se, a partir de agora: cada uma delas repartirá a sua angústia. O escritório assim repartido, portanto, vem a ser um exemplo de eloquentes *disjecta membra* que terão voz sob uma chave algo surrealista e mesmo delirante, embora atrelada a uma experiência que, logo se desconfia, tem algo de autobiográfica e exasperante: expõe-se ali um burocrata que se preocupa com o amor, o prazer sexual, o prazer das viagens. E tem seu projeto iconoclasta:

(...) quero matar o DASP, quero incinerar os
[arquivos de amianto.
Sou um homem, ou pelo menos quero ser um
[deles!⁵

No poema, além do oficial administrativo e do papel, falarão ainda, pela ordem: a

⁵ O Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) foi criado em 30 de julho de 1938, estando previsto na Constituição de 1937 elaborada pelo Estado Novo. Getúlio Vargas o quis diretamente subordinado à Presidência da República e tinha por meta uma reforma administrativa capaz de organizar e racionalizar o serviço público no país. O DASP teve profunda influência na vida política do Brasil e impôs um Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis da União. Aqui interessa salientar o fato de que Carlos Drummond de Andrade foi, ele mesmo, funcionário público atuante no período e, por isso, com muita razão para protestar.

porta, a aranha, a garrafa de uísque, o garrafão de cachaça, o coquetel, todos os alcoois, a traça, a aranha, o telefone, a vassoura elétrica, a pomba, os processos, os cacos da garrafa (esses já transformados em *disjecta membra* de si mesmos). Assim se confirma o sentido primeiro de repartição, “ação de dividir em partes; partilha, reparte”: de fato, uma considerável alteração – mais corretamente, uma oposição – ao sentido seguinte da palavra, que denota o “serviço de organização”.⁶ Habilmente, o poeta consegue duas subversões ao serviço: primeiramente, por apresentar a repartição no horário noturno, quando o expediente está bem encerrado; em seguida, ao introduzir os elementos que trarão desordem, carnavalização e destempero à ordem burocrática, as bebidas alcoólicas; por fim, os pequenos animais, todos eles razoavelmente presentes em uma repartição – à exceção da pomba. E é a pomba, com seu simbolismo comum, que anunciará a mensagem de renascimento ao espaço agora caótico, ao trazer, como se palavra de ordem fosse, uma conclamação:

Quero que vos junteis e compreendais a vida.

A função dessa pomba é a de juntar partes, *membra conjuncta*, no espaço que, desordenando-se, se estilhou em *disjecta membra*. Caberá à ave ensinar o oficial administrativo a não desprezar o papel, dando-lhe novas funções, como escrever romances e cartas de suicídio... A pomba é a promotora de “uma coisa bela”, o que deverá surgir somente quando o oficial administrativo considerar o seu espaço de trabalho, a sua repartição, igualmente como

⁶ No poema “Madrilal Lúgubre”, contudo, o termo repartição é utilizado com sentido precipuamente erótico: “Dai-me vossa cama, princesa, vosso calor, / vosso corpo e suas repartições”.

espaço do sonho e do devaneio, o espaço da criação que parece faltar em detrimento da rotina.⁷

Na poesia de CDA, existe a *consciência da unidade perdida*: o contato feroz com a existência impõe ao poeta a admissão de que, após nascer, deve ser enfrentada “a dor de formas repartidas”, como escreveu no poema “Nascer de Novo”. Essa sensação de exibir “um eu todo retorcido” (título de uma das seções com que CDA organizou a sua *Antologia poética*) aguarda um renascimento, que possa atenuar a dureza do confronto com a vida. E esse renascimento, que o poeta acaba descobrindo, acontece na forma de um “segundo nascimento”, justificando-se o título do poema, que “resgata o sofrimento do primeiro”, anunciado pelo poeta não sem que se perceba o seu júbilo e o seu êxtase:

*Amor, este o seu nome.
Amor, a descoberta de sentido
no absurdo de existir.*

Talvez mais importante do que essa descoberta – afinal tão consagrada em numerosíssimos textos literários e religiosos – seria observar que a presença mesma do amor produz uma fragmentação que o poeta usufrui (em termos psicanalíticos, esquizofrenicamente), em seu novo nascimento:

*Não sou eu, sou o Outro
que em mim procurava seu destino.
Em outro alguém estou nascendo.*

Aqui se percebe que as *disjecta membra* possuem uma tensão de paradoxal força

⁷ Aqui não se pode omitir a rotunda afirmação de Carlos Drummond de Andrade na crônica “A Rotina e a Quimera”: “Observa-se que quase toda a literatura brasileira, no passado como no presente, é literatura de funcionários públicos.” Cf. *Passeios na ilha* (Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952), p.113.

reconstituente: pela via do amor, o poeta se descobre Outro e poderá, assim, gozar plenamente a existência que antes se lhe apresentava sem sentido ou absurda. Trata-se, portanto, de uma fragmentação a criar esse Outro que se comunica, expande, interage – em suma, revitaliza-se. Aqui vale repetir a citação de um dos seus poemas mais eloquentes, “Os Últimos Dias” – com forte e dramático apelo à fraternidade, no qual o tom de convocatória e de união não oculta a angústia do ser a trilhar o seu absurdo existir –, o poeta demonstra essa forma de estar-no-mundo:

*Uma parte de mim sofre, outra pede amor,
[outra viaja,
outra discute, uma última trabalha,
sou todas as comunicações, como posso ser
[triste?*

No final do poema, percebe-se que essas partes, integrando-se a partes alheias ao poeta, induzem a uma dissolução que tende a anular a identidade mesma do poeta. O gesto de radical fraternidade elimina a marca do sujeito, a presença solitária do eu, exterminando o indivíduo e sua história pessoal, em movimento de doação:

*E a matéria se veja acabar: adeus, composição
que um dia se chamou Carlos Drummond de
[Andrade.
Adeus, minha presença, meu olhar e minhas
[veias grossas,
meus sulcos no travesseiro, minha sombra no
[muro,
sinal meu no rosto, olhos míopes, objetos de
uso pessoal, ideia de justiça, revolta e sono,
[adeus,
vida aos outros legada.⁸*

⁸ Uma análise do mesmo poema poderia considerar, por exemplo, que a transição do individual para o coletivo também se manifesta por meio do aumento gradativo das estrofes e do tamanho dos versos: no início,

O problema da *unidade perdida* atravessa diversas fases da obra do poeta e constitui geralmente fonte de tensões e de questionamentos. A menção às *disjecta membra* torna-se recorrente, mais ou menos legível sob a força de versos que parecem transtornados pela fulguração metafísica e pelo recurso à mitologia. Não se trata, aqui, do poeta engajado e interessado em notícias e ocorrências da guerra. Em livros como *Claro enigma* (1952) e *Fazendeiro do ar* (1954), de natureza mais filosófica e meditativa que caracterizam o tédio e possivelmente a desilusão do poeta, há como uma preparação resignada para os aspectos mais noturnos do ser. “Habilitação para a Noite” é, justamente, o título de abertura do primeiro poema de *Fazendeiro do ar*, e a sua primeira quadra não deixa dúvidas sobre a consciência que o poeta tem de algo que se apaga em seu ser:

*Vai-me a vista assim baixando
ou a terra perde o lume?
Dos cem prismas de uma joia,
quantos há que não presumo.*

É importante notar que os dois últimos versos dessa quadra não fazem pergunta alguma, ao contrário do que ocorre nos dois primeiros: trata-se do indício mais eloquente de uma aceitação. O poeta não tem a capacidade, por força do tempo, por alguma decadência vital, por alguma perda de brilho que a terra passa a exibir aos seus olhos agora cansados, de perceber a totalidade. À sua maneira, os “cem prismas” são as *disjecta membra* de uma joia que o poeta não percebe mais.

predomina uma construção em dísticos de redondilhas menores. Ao final, em movimento crescente, há estrofes com até onze versos e versos longuíssimos, que mais se assemelham, também na sua enumeração e na eloquência, a um texto em prosa.

Ainda mais expressivo desse momento noturno da poesia de Carlos Drummond de Andrade é “Canto Órfico”, poema que não esconde, por mais de uma razão, alguma deferência à Geração de 45.⁹ Nele se encontra o tema da *unidade perdida*:

*Orfeu, dividido, anda à procura
dessa unidade áurea, que perdemos.*

*Mundo desintegrado, tua essência
paira talvez na luz, mas neutra aos olhos
desaprendidos de ver; (...)*

“Orfeu, dividido” e “Mundo desintegrado”: dificilmente haveria percepção mais dilacerada nessa poesia que, havia alguns poucos anos, também reclamara que “Este é tempo de partido, / tempo de homens partidos”, como se lê em “Nosso Tempo”. Ocorre que, agora, esse dilaceramento parece mais profundo, menos conjuntural e episódico. O “Mundo desintegrado” não indica só a guerra e as suas misérias: ele é global, pois atinge o insondável, justamente, aquela “unidade áurea, que perdemos”, não apenas vinculada aos fatos e aos acontecimentos (“*les événements m’ennuient*” é a famosa citação de Paul Valéry que o poeta escolhe para a abertura do seu livro *Claro enigma*). A “terra [que] perde o lume”, do primeiro poema, “Habilitação para a Noite”, ainda se lê nesse penúltimo poema, nos versos “aos olhos / desaprendidos de ver”: luz mortíça que mal se comunica aos olhos acostumados a tanto espiar. “Canto Órfico” está estruturado em duas partes: a primeira, que se pode nomear de *descrição e comentário*, na qual o poeta mostra uma terra desolada:

⁹ Os poetas da Geração de 45 buscaram atenuar algumas das principais conquistas do modernismo brasileiro, como o verso livre e o maior apreço pelo registro oral. A revista *Orfeu*, fundada em 1947, reuniu boa parte dos escritores dessa geração, que cultuavam formas tradicionais, como o soneto.

*A dança já não soa,
a música deixou de ser palavra,
o cântico se alongou do movimento.*

Na segunda parte, Orfeu, herói, músico e poeta, é invocado – mais do que isso, é conclamado a juntar as *disjecta membra*, pois, como se sabe, Orfeu foi despedaçado após perder Eurídice: sua cabeça e sua lira rolaram pelo rio Hebro, e todos os demais membros foram espalhados em diversos lugares (Ovídio, *As metamorfoses*, livro XI). No “Canto Órfico”, o poeta ordena:

*Orfeu, reúne-te! chama teus dispersos
e comovidos membros naturais,
e límpido reinaugura
o ritmo suficiente (...)*

*Integra-nos, Orfeu, noutra mais densa
atmosfera do verso antes do canto,
do verso universo, (...)*

Reunião e integração: eis os dois pedidos, um tanto exasperados, que o poema transmite. A busca “dessa unidade áurea, que perdemos” se transforma no tema dominante da segunda parte do poema: atitude contrastante de quem agora deseja integrar-se “noutra mais densa / atmosfera” quando se recorda a solidariedade que o poeta expressara em um poema como “Nosso Tempo”:

*Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. (...)*

Visito os fatos, não te encontro.

“Canto Órfico”, o mais rilkiano dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, um dos mais melancólicos e desesperançados, alude a alguma insondável morte que acometeu o poeta, decerto ao olhar para trás e

testemunhar a última fase do seu pleno engajamento. O poeta se partiu no “tempo dos homens partidos” e, agora, dá início a uma recuperação de si mesmo ao escrever não mais a um personagem histórico ou a uma cidade devastada, mas a Orfeu, mito essencial do novo instante.

É muito possível que um movimento pendular do contingente ao transcendente já estivesse ativo em “O Elefante”, de *A rosa do povo*, poema significativo para o exame do uso das *disjecta membra* na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Nele, as partes constroem: trata-se bem mais de exemplo de *membra conjunta*, da necessidade de reunir e de agregar peças para que se possa fazer o grande animal (a “massa imponente”) que desfilará. Assim aparecem, em sequência, orelhas, tromba, presas, olhos, pele, cauda, pernas, ventre, patas. Mas esse elefante em construção, tão logo se vê finalizado, está em situação de instabilidade: a sua existência mesma é desfazer-se, tocado pela improvisação, pelo olhar alheio, pela precariedade. Em imagens que impressionam, o poeta narra como ocorre sua dissolução, seu descolamento que, de gradual e tenso, passa a ser rápido como avalanche:

*A cola se dissolve
e todo seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.*

Como acontece em “Tarde de Maio”, o processo de *disjecta membra*, em “O Elefante”, é feito de partes corporais e não corporais, que indicam complexas dependências – por exemplo, como se a falta de carícia fosse responsável por não fixar “suas

orelhas pensar". Para sua sobrevivência, o elefante fabricado "de meus poucos recursos" também depende, mais do que do olhar alheio, da aceitação do outro. O primeiro obstáculo, contudo, é um "mundo enfasiado / que já não crê nos bichos / e duvida das coisas", o que aponta para a primeira fragilidade do bicho-construção. Há mesmo uma indiferença geral à passagem do animal, que exibe uma característica peculiar: o elefante não é, em si mesmo, a imagem do Belo, que se exibe à admiração pública ou à adoração. Os seus sentimentos, salienta o poeta, são louváveis e mereceriam a atenção de todos: as suas partes mais interessantes são as que os olhos não perscrutam, pois estão em dimensão sensível e invisível. Os olhos do elefante, lembra o poeta, guardam "a parte do elefante / mais fluida e permanente, / alheia a toda fraude", e mesmo assim, sendo olhos, não são vistas. "O Elefante", por meio de um processo de construção e de *disjecta membra*, comunica uma notável desarticulação entre o indivíduo e o seu entorno (social e, também, afetivo), no qual a fabricação e o desfazimento do animal indicam um processo contínuo e decadente. E o verso final, "Amanhã recomeço", ordena esse processo à maneira de um Sísifo, em permanente labuta, sem questionar objetivos, sem exigir compensações. Também na parte final desse poema logo se revela uma importante, se não estratégica, qualificação das *disjecta membra* de que se valeu o poeta: é que, apesar da nítida separação entre o elefante fabricado e o poeta (e mesmo da separação com a audiência, como demonstram os versos "Vai o meu elefante / pela rua povoada,"), descobre-se que ele mesmo, o poeta, era parte constituinte do elefante; que

existia um elefante-poeta somente revelado na hora mesma em que toda a estrutura se desfez, em que foram mostradas as *disjecta membra* que eram as de um só ser: "eu e meu elefante, / em que amo disfarçar-me." Em outras palavras: durante todo o tempo, o poeta era, ele mesmo, uma parte descartada desse elefante que fingiu existir autonomamente. Por meio de *disjecta membra*, o poeta havia passado todo o tempo separado e externo ao animal, para afinal confessar que era integralmente esse animal que, por sua vez, se desfez.

Sabe-se bem como o modernismo conduziu a fragmentação, a descontinuidade e o conflito do sujeito em numerosos textos literários. Poeta modernista, Carlos Drummond de Andrade explorou todos esses temas em sua obra, sob o influxo da psicanálise, do trauma das grandes guerras mundiais, das radicais divisões políticas. Interessa conhecer, contudo, como o poeta *problematizou* essa desconstrução, que exibe dolorosas interações. Por exemplo, em "Confidência de Itabirano", a transição entre a província e o espaço urbano, entre a vida no interior e a vida na cidade, entre o prestígio de uma posição social na província e sua metamorfose em peça ordinária da estrutura estatal acarreta uma partição inaugural e importante, radicalmente demonstrada nesses versos:

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.*

Porém, a incontornável demonstração do *antes* e do *depois* não parece suficiente: é preciso apresentar a parte arrancada, a parcela da alma que é, na prática, uma ferida exposta. E isso o poeta faz magistralmente nos dois versos seguintes daquele poema:

*Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

Pelo mesmo processo das *disjecta membra*, a cidade do interior, cidade de origem, foi transformada em uma evocação gravada em fotografia e pendurada na parede: mas, justamente, esse pequeno pedaço de papel guarda “porções de minh’alma”, e passa a doer como se fosse um membro arrancado do corpo. Ao deixar Itabira, o poeta também deixou a sua unidade, o mundo organizado e constituído, o ambiente pacífico, maternal e ordeiro que a cidade dos funcionários públicos e de outras vicissitudes

vai destruir. À maneira de Orfeu, o poeta, quando olha inadvertidamente para trás, testemunha a morte inapelável da vida na província e daquele “Eu sozinho menino entre mangueiras” (“Infância”).

Por tudo o que se comentou, esse desmembramento que persiste na poesia de Carlos Drummond de Andrade nada tem de libertador: ao contrário, é fonte de uma angústia a ser confessada a cada instante, quando não comparada com uma tensão desproporcional, como se lê em “Sentimento do Mundo”:

Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo.

Memória de uma grande homenagem no Fundão a um grande poeta

Arnaldo Saraiva

Ocupante da Cadeira 6 dos Sócios Correspondentes da ABL.

A inteligência, o dinamismo e a sensibilidade cultural de Antônio Paulouro, assim como o seu empenho numa relação fraterna com o país “descoberto” pelo beirão Pedro Álvares Cabral, fizeram com que o *Jornal do Fundão* e portanto o Fundão ficassem para sempre ligados à história dos dois maiores poetas que, na opinião de muitos, o Brasil já teve: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

O primeiro, que não gostava de viajar, foi presença semanal em crônicas inesquecíveis que o jornal publicou desde 1980 até 1985 (ele faleceu em 1987). O segundo, que este ano faria cem anos se não tivesse falecido em 9 de outubro de 1999, esteve no Fundão para aí receber uma também inesquecível homenagem.

A ideia partiu, claro, do fundador do *Jornal do Fundão*, que já conseguira levar a terras da Beira e ao Fundão, em janeiro de 1963, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, e, em maio de 1966, o escritor Érico Veríssimo, ambos aclamados por multidões de admiradores, malgrado os obstáculos que a essas visitas quis impor a polícia salazarista.

Em fins de 1967, Antônio Paulouro disse-me que gostaria de prestar uma homenagem ao autor de *Morte e vida Severina*, peça com que no ano anterior um grupo teatral, o TUCA, formado por estudantes da Universidade Católica de São Paulo, entre os quais o músico Chico Buarque, ganhara o Festival de Teatro de Nancy; antes de regressar ao Brasil, o grupo fez escala e apresentações em Portugal, obtendo retumbantes sucessos em teatros de Lisboa, Porto e Coimbra. Perguntando-me se achava possível a deslocação a Portugal e ao Fundão de João Cabral – que acabava de deixar a embaixada do Brasil em Berna, onde era ministro-conselheiro, para se tornar cônsul-geral em Barcelona –, e ouvindo a minha resposta, logo me pediu para iniciar as diligências, acrescentando: “seria ótimo se pudéssemos festejar o 22.º aniversário do *Jornal* com uma homenagem ao grande Poeta”.

Era então adido cultural da embaixada do Brasil em Lisboa o escritor Otto Lara Resende, de quem me tornara amigo. Falei com ele, que sabia, como eu, que João Cabral não prezava os festejos e as glórias literárias, mas que logo se dispôs a ligar para

o Consulado-Geral do Brasil em Barcelona; com o seu “papo” insinuante, que Nelson Rodrigues não se cansava de elogiar nas suas crônicas, não tardou a vencer alguma resistência inicial do Poeta. E nos dias 13 e 21 de janeiro de 1968 o *Jornal do Fundão* podia anunciar na primeira página a presença de João Cabral na festa do seu aniversário.

O anúncio dizia que outros dois escritores brasileiros estariam também presentes – o adido cultural Otto Lara Resende e o romancista e também meu amigo Marques Rebelo, que programara uma nova viagem por Portugal (lembro-me que, evocando outra viagem, ele escrevera a respeito da lisboeta Avenida da Liberdade: “Quando é que a inauguram?”). Por razões distintas, à última hora nem um nem outro puderam deslocar-se ao Fundão. Mas João Cabral não faltaria; desembarcando em Lisboa do avião que o trouxera de Barcelona, tinha à sua espera um carro que, na ausência de Otto Lara Resende, o encarregado de negócios da Embaixada do Brasil, Cláudio Garcia de Souza, pusera à sua disposição, e com um motorista muito especial: Ruben Andrezen Leitão, o conhecido Ruben A., que era então funcionário da Embaixada do Brasil, e que em 1950 se tornara, em Londres, amigo do poeta brasileiro, por sinal seu coetâneo (sim, também estamos a celebrar este ano o centenário do seu nascimento).

A homenagem no Fundão – que António Paulouro quis que fosse também uma festa da poesia – não podia ser mais expressiva: posto de lado, por parecer exíguo, o previsto salão do Casino Fundanense, na noite friorenta de 27 de janeiro de 1968 apinharam-se na sala do Cine Teatro Gardunha “mais de quinhentas pessoas”. Na

mesa montada no palco o Diretor do *Jornal do Fundão* tinha à sua direita João Cabral, Alves Redol, Jaime Lopes Dias e à sua esquerda José Cardoso Pires, Salette Tavares e o juiz corregedor Raul Moreira de Andrade.

António Paulouro abriu a sessão e, em palavras que disse “humildes”, falou na alegria de estar em presença de um poeta cuja “voz de amanhã é hoje um refrigerio e um cântico de amor puro entre os irmãos que somos todos os homens do mundo”, “irmãos para as tarefas da paz, não a paz dos cemitérios, ou a paz aparente do medo e da servidão, mas a paz nos corações, feita de justiça e de verdade”.

Em seguida, como programado, eu e Ruy Belo lemos alguns poemas de João Cabral que, diria a reportagem do próprio *Jornal do Fundão*, “a assistência aplaudiu demoradamente”. Terminados os aplausos, o poeta tomou a palavra, agradeceu a honra da homenagem, os elogios de António Paulouro e anunciou que não faria um discurso, mas se prestaria a responder a perguntas que lhe quisessem fazer. E estas logo dispararam, vindas de pessoas bem conhecidas no mundo da cultura: José Salvado Sampaio, Mário Castrim, Antunes Ferreira, Alçada Baptista, Raul Calado, António Santos Taborda e José Alberto Marques. Se tinham que ver com a oficina cabralina e com o seu “antilirismo”, algumas delas, reportando-se ou não à mensagem de *Morte e vida Severina*, ou ao empenho do poeta na luta contra a injustiça, a pobreza e a miséria, não disfarçavam o aproveitamento que então era comum fazer-se das manifestações culturais para criticar o regime salazarista, o que também fora bem perceptível nas visitas de Juscelino Kubitschek e de Érico Veríssimo. Nessa

altura poucos saberiam o que António Paulouro revelaria anos mais tarde na televisão: que a Censura tinha cortado parte da primeira página do *Jornal do Fundão* com a notícia do evento; e menos sabiam que a PIDE, como fizera também com os outros dois brasileiros, fora ouvindo as palavras ou seguindo os movimentos do vice-cônsul de Barcelona, e até meus; por engano, foi parar ao processo pidesco de meu irmão uma ficha datada de 6 de junho de 1968 em que um chefe da PIDE solicitava “ao Serviço de Ficheiros informação do que constar acerca de João Cabral de Melo Neto”.

Simples, discreto, conciso, o poeta a tudo foi respondendo; e o auditório, como disse Valentim Alferes no jornal *Beira Baixa*, “manteve-se sempre preso na atenção dispensada aos intervenientes”, ou, como disse o próprio *Jornal do Fundão*, manteve-se sempre, ao longo de 3 horas, “em clima de encantamento e beleza”.

Nesse auditório estavam outras importantes personalidades da cultura portuguesa, que participariam também no almoço que no dia seguinte, domingo, o *Jornal do Fundão* serviria a 300 convidados no salão do Casino Fundanense: aos já citados que na véspera tinham composto a mesa, lido poemas ou entrado em diálogo há que acrescentar, por exemplo, os nomes de Ruben A., Fíama Hasse Paes Brandão, José Hermano Saraiva e José Lopes Dias.

Findo o almoço, em que também foram homenageados funcionários, correspondentes e amigos distintos do *Jornal do Fundão*, seguimos – Ruben A., João Cabral e eu – para Coimbra, por causa de um encontro universitário que o poeta tinha marcado para a manhã de segunda-feira. E dali seguiríamos para Lisboa, onde no dia seguinte

o embaixador do Brasil, dr. Carlos Silvestre de Ouro Preto, ofereceria na sua Embaixada um almoço a João Cabral, para o qual convidou especialmente António Paulouro e me convidou a mim, pois queria agradecer-nos a iniciativa e o êxito da homenagem fundanense (na qual não pudera participar por uma imprevista retenção no Rio de Janeiro), tendo também convidado para esse almoço o adido cultural Otto Lara Resende e alguns importantes escritores portugueses: Vitorino Nemésio, Sophia Andresen, Maria de Lourdes Belchior, Luís Francisco Rebello, Ruben A., Alexandre O’Neill e David Mourão-Ferreira.

O nome de João Cabral já antes da homenagem comparecera no *Jornal do Fundão*, em textos de Matilde Rosa Araújo e de José Carlos de Vasconcelos. Poucas semanas depois dela, em 31 de março, o jornal publicaria o seu poema inédito, “Touro de lide”, que eu lhe pedira para incluir num suplemento de literatura brasileira. E ao longo dos anos seguintes lembraria em várias circunstâncias o poeta ou a sua poesia: por exemplo, em 16 de dezembro de 1983 reproduziu o seu poema “Cartão de Natal”; em 12 de setembro de 1986 anunciou o seu hipotético retorno, não concretizado, ao Fundão, para participar, como Eugénio de Andrade, nas Jornadas da Beira Interior; e em 25 de outubro de 1996 deu conta de um colóquio na Escola Secundária do Fundão, em que a sua poesia, como a prosa de Graciliano Ramos, serviu como guia de “uma viagem ao mundo do Nordeste” brasileiro.

Se o jornal não esqueceu João Cabral, este também não esqueceria o Fundão. Numa evocação que fez em 1976 dos seus “encontros” com Ruben A., ele confessaria

que, antes da homenagem, “não sabia onde estava o Fundão” e que a viagem a terras da Beira fora “inesquecível”: lembrava-se “das falésias a pique entre as quais o Tejo entra em Portugal”, lembrava-se “de Castelo Branco, onde todo mundo gostaria de viver na velhice e morrer” e lembrava-se que, “depois do Fundão, da experiência de tudo, da visita à Covilhã, do outro lado do vale, dos pequenos povoados vazios de homens válidos /.../ quase abandonados, onde só se viam mulheres vestidas de preto”, fora surpreendido, num desses povoados serranos, ao ver “uma espécie de quermesse” cujos prêmios eram “linguiças, queijos, comida”. O tempo não permitiu uma visita a

Belmonte, terra do seu talvez parente (insinuava) Pedro Álvares Cabral, que por mais de uma vez me disse que queria visitar – e que não chegou a visitar – quando em 1985-1987 esteve como cônsul-geral do Brasil no Porto.

Ao longo da segunda metade do século XX, João Cabral recebeu muitos prêmios, incluindo o Prêmio Camões, e muitas homenagens. Mas nenhuma se pareceu com a única grande homenagem que lhe foi prestada em Portugal. Graças a António Paulouro, o *Jornal do Fundão* e o Fundão ficaram para sempre honrosamente ligados à história de um dos maiores poetas da língua portuguesa.

POESIA

Pedro Mohallem

Pedro Mohallem é poeta e tradutor, bacharel em Letras e mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP).

Participou de revistas e antologias poéticas como a *Meteoro* e a *Poesia Brasileira em Contracorrente*. Autor de *Véspera; Debris* (Patuá, 2019).

Napoleão

*Quando o mais era azul e desolada
espera – fixo ponto exclamativo
na planície arenosa – tudo e nada
revelava-te a esfinge. Tu, cativo*

*de uma febre imortal que, sem remédio,
ensolarava as lápides salinas,
tu te vias a ti, tão só, no tédio
sobrevivente às glórias e às ruínas.*

Viniciana

*Pouco importam, meu bem, atos e juras
do amor maior, das afeições mais certas:
de ti não quero mais do que procuras,
nem de mim queiras mais do que me ofertas.*

*Tornemo-nos, se agora tu despertas
e eu adormeço e as línguas são mais puras,
criaturas, só, de tudo tão libertas
que nem sequer suspeitem ser criaturas...*

*E, num desprezo íntimo do ser,
como as horas eternas pois extintas
juntos possamos desacontecer;*

*e sejam nossos únicos segredos
o sudário de luz nas tuas pintas
e o perfume de tâmara em meus dedos.*

Vermelho fruto malmente visto...

*Vermelho fruto malmente visto,
que a sombra atiras sobre meu rosto,*

*por que me lembras tanto de Cristo?
Porque não toco, mas sinto o gosto?*

*Porque te acusas, na altura, misto
de luz e carne, destino e mosto?*

*Por não caíres se a lança enristo
contra teu cerne já decomposto?*

*Vermelho fruto malmente visto,
tão menos visto que pressuposto,*

*é só por isto, é só por isto:
porque és a sombra sobre meu rosto.*

A P. H. B.

(De Véspera; Debris)

*Do pomo que se desprende
sobre o paladar maduro
(onde germina o presente
em seu estado mais puro),*

*atiramos as sementes
no árido solo futuro
(quanto mais dele se lembre,
tão mais amargo, mais duro);*

*mas no fruto que se ignora
– muito aquém dos nossos saltos
projetados contra o tempo –,*

*a defloração do Agora
(é para os pomos mais altos
a carne do esquecimento).*

Legado

*Passam as nuvens como vai passar
o dia, azul e incerto, de viver;
e, se a nuvem delida no ar é ar,*

*serás quem foste, sendo no meu ser:
este barulho que não sei calar,
esta palavra que não sei dizer.*

Ecdise

*Pétalas sobre um galho úmido
e negro: um farfalhar,
e nada sobra, salvo um duro
desejo de durar.*

*Rompantes, raiam as cigarras
pelos troncos: a fibra
sedosa do ocaso, num rasgo,
dá que outra toada vibre,*

*outra: não o irrequieto estridulo
da seiva subterrânea
aberta ao mundo; mais acídula,
oca e sólida – crânio*

*que à terra jamais se resigna –
outra eclode, mais muda
cantiga, presa, de resina,
ao pife que a modula.*

*Há muita música, excelente
voz vibrando escondida
nesse oco instrumento (por entre
serragens de sentido*

*e raspas mais de quintessência
que porventura fiquem
passada a ecdise, no silêncio
eloquente do líquen),*

*e acaso irrompam as cigarras
invisíveis, que tingem
a fibra sedosa do ocaso
de cobre, teso timbre,*

*alheias, quase troncos, não
sucumbirão ao próprio
eco e rebento, estas que são
matriz e fruto peco.*

*Vida, memória, flor num muro
fendido: ser o estar.
Nada mais resta, salvo o duro
desejo de durar.*

Marlos Degani

Marlos Degani, Nova Iguaçu/RJ, é jornalista e escreveu crônicas periódicas no sítio do Baixada Fácil e no jornal *O Correio de Lavoura* por muitos anos. Lançou seu primeiro livro de poemas, *Sangue da palavra*, em 2006, que conta com a apresentação do poeta Ivan Junqueira, imortal da Academia Brasileira de Letras, falecido em 2014.

Lançou também um *audiobook* chamado *Marlos Degani – até agora*, em 2009, com a sua poesia completa (édita e inédita).

Em setembro de 2014 lançou, num evento mundial, no *Hangout* do Google, seu segundo volume de poemas, *Internado*, no formato *e-book*, ainda disponível nas melhores livrarias virtuais do planeta. Participa do grupo Desmaio Público.

Perturbado

*Tenho de pôr no dez o volume do meu silêncio,
remexer fundo o lodo dos timbres, das algemas
e emergir as mentiras antigas quase verdadeiras;
quero falar pelos cotovelos: eu mesmo, apenas.*

*E como é estranho alguns tipos de pensamentos
desta usina neuroelétrica do cérebro que elenca,
entre os miolos sangrentos, o outro lado do tempo
que escala, ao contrário, a medida do movimento.*

*Tenho de sair de cena de carona com um dilema:
o que há lá dentro que não deixa em paz o poema?*

Novelos

*Se um dia eu soubesse de mim mesmo,
não sei se me saberia todo e por inteiro,*

*pois de biombos e espelhos é que sou feito,
na dobradiça embutida e sutil do movimento*

*transeunte no meio do esquerdo e do direito
– no cérebro cinzento de dentro para dentro.*

*Assim como o meu verso me desloco em silêncio,
já que do vírus do poema sou um dos hospedeiros.*

*O poeta se acostumou a ficar perdido no nevoeiro
e precisa de estar em pedaços para se sentir coeso.*

*E se um dia eu me encontrasse em mim mesmo,
nada veria: estou nos nós cegos dos meus novelos*

(entre o bordado do fim e a agulha de um começo).

Uniplural – o poeta

*Eu sou o poeta. Aquele mesmo que vaga na vaga
suja da caverna. O dito estranho. O dito paspalho
do castelo, mas ninguém sabe o que de fato se passa
pelo meu cérebro. Acham que são nuvens do nada;*

*todavia, tráfego sobre os pecados abertos da alameda
do inferno. Quem lê minhas mentiras entre poemas?
E quem acredita que o verso seja realmente verdade?
Qualquer um me chama de nome. Não exijo o dicionário,*

*apenas a palavra. Todos me têm: o vate, o tolo e o padre.
Comum de dois clandestino. O da birosca. O do lounge.
Eu sou o poeta. E escondo embaixo da escada a ladainha
do meio-dia a pino. Madame Satã. Kurt Cobain. Zé Pilintra.*

*Eu sou o poeta. A real sentença dos homens que me resta.
O que não se parece com o que você atesta. Eu sou o poeta.*

Sobre a outra

*tirei as malas do saco
abri os guarda-roupas
foi bom ver as suas asas
foi bom ter ficado à toa*

*olhando do chão a casa
e vendo você feito louca
fincando as unhas com força
e tirando o osso da escápula*

*pus a alma no espantalho
fechei com todas as coisas
foi bom ter bebido sua cachaça
foi bom ter rasgado suas roupas*

*naquela antigeografia das nossas coxas
uma sob duas são duas sobre as outras.*

Ausências

*Lancei aquele anzol de uivos ao redor do vento
ligeiro, tal qual um opressivo e denso cortejo
de cheiros e temperos e perfumes e o desejo
de pescar a lavanda que passeia sob o teu seio*

*direito, primeiro, e depois, sobre o segundo; inteiro.
O violeta raso da noite média escapa acolá, ali, feito
quase tudo a repetir algo que já estava desfeito,
destruído em meio às rajadas vindas do esqueleto*

*trêmulo, peito a peito, preso na imagem do teu beijo
distante, solto na meia-noite imprecisa do pesadelo
dessa tua ausência, dia a dia, perdida entre o novelo
das horas e do meu disco velho na agulha do desespero.*

*A madrugada aterrisou acima daquele bordado vermelho.
A saudade não trouxe nem um verso. E o poema não veio.*

Zona do silêncio

*Tudo muito bem aqui no mundo dos mortos,
onde quase todos passam – exceto as horas
que se atrapalham sem ponteiros ou relógios
quando marcam a implacável tirania dos ossos.*

*Não temos dia e noite, tampouco ocaso e aurora;
o tempo também morreu feito o que há em volta.
O cinza é dominante sobre os escombros tortos
das ruas sem alamedas e das almas sem corpos.*

*O sol vermelho sanguíneo ultrapassa o céu ocre.
Vejo os becos e as cédulas sujas que se enrolam
– conduzem a poeira por entre as ventas expostas
e não há quem saiba mais o que realmente importa.*

*Ouço muletas e próteses que se escoram no poste.
Há gemidos invisíveis que não têm sul. Nem norte.*

Igor Fagundes

Igor Fagundes é poeta, ensaísta, professor do Departamento de Arte Corporal da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no setor de Filosofia, Estética e Teorias da Dança. Doutor em Poética (UFRJ). Membro do PEN Clube do Brasil. Autor de

dez livros, organizador de quatro e coautor de dezenas. Tem cerca de 60 premiações em certames literários. Colaborou com a ABL como revisor de publicações de 2005 a 2009. *Macumbança* (2020) é sua mais recente obra.

educação pela parede

*A educação pela parede quer-se exata:
cada tijolo é uma escolha e uma alquimia.
Na casa o espaço imita a pedra cabralina
em dura guerra contra a dor que entranha a sala*

*Veja o retrato que olha o tempo na parede
e dela espera um céu brotar, emoldurado
como se nuvens fossem cal, cimento, rede
e se pudesse ler um verso atrás dos quadros*

*pois toda imagem se faz corte pelo meio
cabe ao que habita a arquitetura completá-la:
romper as portas, sempre, todas, para ver-se
por dentro e fora e remontar o que se estraga*

*E se mil portas há nos tetos e nos textos
e se outras mortas vão tecendo copos, pratos
há uma parede dentro deles, pelos atos
que se refletem no invisível dos espelhos*

*A educação pela parede quer-se exata
mas o que é do homem foge ao cálculo e à régua
o traço pode impor-se a nós e não o inverso
nos resta o jogo entre o que ocorre e o que se espera*

*No aprendizado do concreto no abstrato
além de muros pelas folhas e objetos
outro se oferta, grita em nós, aqui se cala:
por dentro, eterna, uma parede nos amarra*

na cama

*Ela bem longe e ao mesmo tempo sem distância
ela me toca e me retoca em mãos bem mansas
ela sussurra que sou seu com voz sacana
ela me beija, afaga, toma e desengana
ela me quer, não por amor, talvez por sanha
ela desnuda-me os lençóis, depois me arranha
ela mistura-me ao veneno de uma aranha
ela me cospe, bate, berra, me arde e sangra
ela se culpa em fingimento: nunca é santa
ela vasculha cada ruga e não se cansa
ela perfura-me na agulha e me desmancha
ela costura com silêncio a pele lânguida
ela tortura, sedutora, e não com lâmina
ela é uma fuga, cura ou fogo que me inflama?
ela é pergunta sem resposta que me tranca
ela me estranha quando a paz na cama é tanta
ela sem dente arranca os meus e me abocanha
ela sem pés a cada noite se levanta
ela sem corpo a cada dia me acompanha*

Quem tem a morte não precisa de outra dama

por uma gênese do horizonte

*Hoje quero amanhecer com os afogados
implorar que voltem a caminhar comigo
penteá-los como se evocasse filhos
abraçá-los como quem pede um chamado*

*Hoje à tarde vou morrer com os afogados
engolir a água que invadiu suas sebes
me arder no sal que arranhou suas malhas
e arranhar as minhas com o que partiu suas pedras*

*Hoje à noite vou salvar-me entre afogados
ler em seus olhos alguma paz em riste
embora nas pupilas ouça ainda
uma voz rouca, para sempre dilatada*

*Amanhã estaremos todos acordados
em mar profundo poderemos ser crustáceos
cavaremos até chegar ao mais escuro
ninho de pérolas e tudo será claro*

*para amanhã iluminar outro afogado
que na voragem de salvar-nos será salvo
e se unirá ao nosso fio interminável
de corpos sob o pôr/nascer-do-sol*

*e amanhã saberemos de que é feita
esta linha vista ao longe:
de um pouco de água e muito de nada
lavando por dentro o peito dos mortos*

salvar-se

salvar-se
 não do perigo
 salvar-se no perigo
 de abrir-se ao cio da chuva
 de adagas
 sobre as vidraças
 do sorriso

salvar-se
 como o acrobata
 a salivar o doce
 do risco
 de ser pego pelo açoite
 da farsa
 do equilíbrio

salvar-se
 como a espora
 se devora de espera
 pela hora do coice
 do cavalo mais fiel
 e subitamente
 arredio

salvar-se
 como no circo
 salta alguém
 sobre o vazio de qualquer
 cama elástica:
 trapézio na promessa
 duvidosa de uma asa

salvar-se
 como quem no espinho
 da rosa se serena
 como quem goza e se descasca
 e se desvenda e venda
 na cuidadosa
 faca

de um poema

sortilégio

*e tudo aqui nos lábios vai se despedindo
o furta-cor de um hálito, ora desbotado
o chumbo que trouxeste na saliva, e mais:
o toque débil, um câncer, vou te deglutindo
até engolir completamente essa metástase
de nós, até te devolver os teus punhais
e um corte em ti fazer também algum sentido*

*e tudo no palato vai o desmentindo
um céu na boca: o sol banido nas amídalas
queimado por seu breu, um afogado em luz
se na garganta, umbral, jamais o paraíso
de se calar, sem aís, ou de dizer sem risco
de ter nas cordas e vocais um calo, um pus
de amor, se é ele um vírus bêbado e em delírio*

*e tudo em nossas línguas vai se decompondo:
por entre os dentes, a palavra faz seu túmulo
e vou velando, aos berros, restos de algum verbo
de sonho, quando o afeto cai em fundo sono
e lança ao mar, em sobras, perna, braço, punho
da história inscrita nas geleiras de um inferno
como este de beijar sem fim o já defunto*

cabimento

*A impossibilidade
de dizer
já é
possibilidade
de dizer*

*O não dito
enquanto tal
está dito
e o silêncio fez
todo o sentido*

*O inominável jamais deixou
de ser um nome*

*A ausência
precisou estar presente
Do contrário
nada
se despede
caso nem venha*

*Experimente agora
escrever dança
dentro de um fonema*

*e me diga se dançar
não cabe no poema*

ostinato rigore

*A vida inteira a procurar um paus-de-deux
com a palavra, em rigor alexandrino:
a folha, o palco do passé de um bailarino
que, esguio, arrisca no soneto um arabesque*

*Depois vêm todos rir do meu balé parnaso:
modernos, pós-modernos, fartos de pliés
jurando que a escansão é peça de museus
e não se mede uma poética em esquadros*

*para que irrompa em cena o corpo imponderável
entregue ao fogo fátuo de um mover sem fundo
pudesse a dança ser o poema absoluto*

*e fosse o poema a dança oculta de uma fala
por baixo do silêncio, acima dos murmúrios
de um pássaro a voar além do que traduzo*

Tanussi Cardoso

Tanussi Cardoso é carioca. Formado em Jornalismo e em Direito. É poeta, crítico, contista, tradutor, letrista e compositor de MPB. Tem poemas publicados em mais de 10 países e traduzidos para o inglês, francês, espanhol, italiano e russo.

Publicou 12 livros de poemas, entre eles: em 2000, *Viagem em torno de*: Prêmio ALAP de Cultura 2000, e Prêmio Capital Nacional 2000 – Poeta do Ano. Em 2006, *Exercício do olhar*, lançado na Cidade do México, a convite do Segundo Festival Latino-americano de Poesia, e eleito o Melhor livro de poesia de 2006, pelo Congresso Latino-americano de Literatura. Em 2008, *50 poemas escolhidos pelo autor*, que, em 2014, recebeu nova edição, publicada pela Ed. Fênix, em Odivelas, Portugal. Em 2009, *Del Aprendizaje del Aire*, coletânea bilíngue (português-espanhol), com tradução do

poeta chileno Leo Lobos e da poeta mexicana Angélica Santa Olaya. O livro foi lançado no Peru, no Festival Internacional de Poesia de Bambamarca, e, posteriormente, na Cidade do México, a convite da Universidade Nacional do México. Em 2013, *Teias*: Prêmio Literário Narciso de Andrade. Em 2017, *Eu e outras consequências*: Prêmio Manuel Bandeira 1919, da União Brasileira de Escritores.

Seu livro *Exercício do olhar* foi traduzido ao espanhol, pelo poeta peruano Óscar Limache, sob o título *Ejercicio de la mirada* e será publicado, ainda em 2020, pela editora Amotape Libros, no Peru.

Pertence ao PEN Clube do Brasil, à União Brasileira de Escritores, à Associação Profissional de Poetas do Estado do Rio de Janeiro e é ex-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro.

A hora absoluta

Estranhos

*meus mortos abrem as janelas
penetram em meu quarto
e me sufocam.*

Insinuates

*me beijam e sangram em mim
alegrias e pecados
acariciando, sem pudor
meus sonhos, minhas partes
e meus ossos.*

Meus mortos e seus gemidos

*têm rostos, sinais
e olhos que fagulham
calafrios.*

Ousados

*vêm no breu do sono
e dormem em minha cama
e me despem
e se debruçam sobre meu corpo
silentes e queridos
e rezam e choram por mim
como a lua clamando sua outra metade
como um espelho colando os próprios vidros.*

Meus mortos sem censura

*meus delicados mortos
que, à noite, penteiam meus cabelos
e, solidários, preparam o meu jardim.*

As mortes

*quando o primeiro amor morreu
eu disse: morri*

*quando meu pai se foi
coração descontrolado
eu disse: morri*

*quando as irmãs mortas
a tia morta
eu disse: morri*

*depois, a avó do Norte
os amigos da sorte
os primos perdidos
o pequinês, o siamês
morri, morri*

*estou vivo
a poesia pulsa
a natureza explode
o amor me beija na boca
um Deus insiste que sim*

*sei não
acho que só vou
morrer
depois de mim*

Copacabana

A noite infiel.

*Eis que os gatos são pardos e, onívora,
ela mascara e mente com sua escura garganta de dentes.*

*Porque o susto dos edifícios espanta os olhos,
a noite veste-se de anjos caídos, famintos de Bob's e gorduras,
enquanto as pernas dos travestis e prostitutas
suavizam as calçadas da Prado Junior.*

*Vidro (ou porcelana) que se espatifa
entre murros e balas perdidas,
a noite tem janelas abertas no último andar,
olhos passeando nos sapatos,
chupadas homéricas, glândes e grades bestiais
e come menininhas dentro da Atlântica.*

*A noite e seus esqueletos, seus cordeiros sem Deus,
coxas, garras, desesperos embriagados e sua poesia concreta.*

*As 1001 luas de encantos e contos reinventados,
onde sereias se internam nos aquários dos hospitais
e grafitam nas paredes pálidas dos hospícios.*

*A noite sem tempestades, feito mar sem sal.
Realeza intacta como crina de cavalos selvagens
que o vento serpenteia e alisa.*

A noite – lírico punhal sangrando os domingos.

A escuridão fundamental

*Um homem no escuro
ainda assim
é um homem.*

*É sempre mais que a escuridão
que o assombra.*

*É belo
tal um navio-fantasma
quando naufraga.*

*É triste
feito a flor do meio-dia.*

*Move-se como se move
um cão: pelo faro.*

*Mas tem a luz
de um relâmpago:
ainda que acesa a lágrima.*

*Um homem no escuro
é seu próprio enigma:
silêncio indecifrado.*

Cilada

*O amor não é a lua
iluminando o arco-íris
nem a estrela-guia
mirando o oceano*

*O amor não é o vinho
embebedando lençóis
nem o beijo louco
na boca úmida do dia*

*O amor não é a angústia
de se encontrar o sorriso
nem o vermelho
do coração dos pombos*

*O amor não é a vitória
dos navios e dos barcos
nem a paz cavalgando
cavalos alados*

*O amor é, sobretudo
a faca no laço do laçador
O amor é, exatamente
o tiro no peito do matador*

O tênue fio do tempo

*o menino, o pai e o violino
unidos, únicos, sozinhos*

*árvores num jardim de delícias
dedos de brinquedos do destino*

*delicados, os gestos do pai
ensinam ao menino o violino*

*cordas num mesmo abraço
sons de um mesmo sino*

*(só a vida determina
a equação dos caminhos)*

*não se sabe onde doeu o grito
quando o elo foi perdido*

*o menino cresceu do pai
entre solidões e atritos*

*e nunca mais se tocaram
como se toca um violino*

Poema para depois da solidão

*e verás o tempo perdido
porque não abraçaste suficiente o amigo*

*por medo
por desleixo
por pudor*

por falta de flor no peito

e sentirás a angústia do vazio

*porque os braços eram escorregadios
porque as mãos não se doaram
porque a boca não ofertou o beijo*

*porque o sexo diluiu-se em gozo
porque o amor foi dito sem fogo
porque a palavra mentiu seu desejo*

*tudo parou
a noite baixou como morte*

*agora
recomeçar como o homem
que viu a aurora
e entendeu o sinal*

Marcelo Moraes Caetano

Marcelo Moraes Caetano é doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Letras pela PUC-Rio. Professor adjunto da UERJ, escritor com mais de 50 livros publicados no Brasil e no exterior,

membro do PEN Clube do Rio e da Academia Brasileira de Filologia. Suas obras mais recentes são *Silêncio* (poesia), Ed. Jaguatirica, 2020, e *Em busca do novo normal: reflexões sobre a normose em um mundo diferente*, Ed. Jaguatirica, 2020.

Homenagem a Florbela Espanca

*Nas minhas madrugadas, sempre vais
à busca de outra dama preferida.
E deixas-me rezar nas catedrais
dos sonhos sem altar, reza mentida.*

*Fio-me em ter-te um dia entre os cristais,
mas isto é veleidade desabrida.
Oh Deus, rezei por tão inútil lida!
Não fui fiel às causas divinais!*

*Há de remir-se em mim feito uma santa
um vaso de pureza e castidade,
o dom de ajoelhar-me às cousas pias.*

*Hei de carpir do que ora me quebranta
uma canção divina que me invade
e olvidarei de ti, que me inebrias...*

Arquitetura da ida

*No entorno das façanhas mais sublimes,
onde não se abstrai nada dos fatos,
onde humano não sabe e comete crimes,
onde o espelho nega até os retratos...*

*Quando o tempo se embrenha com o espaço,
e tudo é somente ser ou não ser,
dar-se-á veloz o tal primeiro passo
no trem da vida, esteja onde estiver.*

*Não falo sobre o que já está superado,
nem sobre quem quero que me abandone,
tampouco sobre alguém que nem me espera.*

*Falo sobre a perfeição do quadrado,
sobre a elegância linear do cone,
sobre a ternura serena da esfera.*

poema quadrante

A	V	E
V		V
E	V	A

Bilac no Rio de Janeiro

*Ora (direis) ouvir estrelas! Certa
é a fila do supermercado santo.
O preço do feijão saiu da oferta.
Eu pedir-vos-ei: bradai um belo canto.*

*Todas as noites, num suave acalanto,
persigo a voz da via láctea alerta;
olho fito no infinito e seu manto
celestino em espiral que desaperta.*

*Direis agora: "O preço a que chegou o trigo
já não permite que o pão – angelical –
seja de qualidade, meu amigo!"*

*Eu vos direi: "As feiras são mais belas,
são mais baratas, aguardai o final:
a xepa traz tangerinas e estrelas!"*

Teresa

*A vez primeira que eu fitei Teresa,
pensei que fosse um erro rococó.
Quando sorriu, meu Deus! Ai que tristeza!
Ela era feia, feia de dar dó!*

*Com a sutil leveza das carrancas
Me disse "Olá!", me ofereceu um lírio.
Quis dar-me um beijo. Eu, louco de martírio,
desvinculando-me de suas retransas.*

*Eis que me tenta abraçar entre os seus
loucos suspiros de opressora louca.
Eu só gritava: "Adeus! Adeus! Adeus!"*

*Ela insistiu. Fez-me correr à beça.
Tenho amor-próprio e paciência pouca.
Pois se ela chora a mim não me interessa.*

Tecendo a noite

*Uma aranha sozinha tece uma teia:
Ela não precisa de outras aranhas.
Nem de uma que teça esse fio que ela
e o desfie a outra; nem de outra aranha
que teça o fio de uma aranha antes
e o desfie a outra; nem de outras aranhas
que com nenhuma das outras aranhas se enlacen
os fios de lua de seus silêncios de aranha,
para que a noite, desde uma teia tênue,
se torne têxtil, entre todas as aranhas.*

*E se incorporando, entre todas,
se esgueirando tenda, onde entre só uma,
se entretecendo para todas, no todo
(a noite) que plana plena de solidão.
A noite, todo de uma teia tão aérea
que, têxtil, se eleva por si: lua-imensidão.*

Meio a meio

(para o querido Ferreira Gullar)

*um pouco de mim é gesto
um pouco de mim é mudez
um pouco de mim é texto
um pouco de mim se desfez*

*um pouco de mim retrata
um pouco de mim avança
um pouco de mim é prata
um pouco de mim é lança*

*um pouco de mim explode
um pouco de mim germina
um pouco de mim se esconde
um pouco de mim desatina*

Yke Leon

Yke Leon é poeta, jornalista, apresentador, produtor e roteirista. Doutorado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestre em Mídias Criativas pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é formado em

Jornalismo pela PUC-Rio e pós-graduado em Arte e Literatura pela mesma instituição.

Vencedor de prêmios literários, é pesquisador de música brasileira, cultura e amor. Atualmente é Superintendente de Leitura e Conhecimento da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

Feixe de luz

*A fina fresta de luz que escorre pela porta do meu quarto
Antes de dormir
É como uma trilha de fótons que me levam até o pote
no final do arco-íris*

*Agora mesmo
a luz tomando forma entre a fresta
é como um espelho do horizonte projetado
sob meus pés*

*Estiquei a mão para fora da cama
E não consegui conter a invasão*

O feixe de luz atravessou a minha mão

*Como se eu também fosse de luz
Como se eu também escorresse pela porta*

*Do lado de fora
uma lanterna invisível aponta
para uma fresta fina de luz
que escorre pela entrada do quarto*

*Levantei e fui em direção àquela claridade
Como se me jogasse numa piscina luminosa que
preenchesse o corpo de fora para dentro*

*Enquanto a força dos feixes me atravessava
Tive uma revelação:
O céu é uma barriga invertida
Estamos dentro do estômago do universo.*

Formiga

*Segui o caminho de uma formiga
Com o olho.
Tomei seu corpo
Como sendo meu.*

*Não entendia aquela rigidez
da ordem.
Andei,
subi parede,
passei pelo canto do canto,
não cheguei a lugar nenhum.*

*Até que uma delas,
Me chamou mais afastado
e disse:
"A gente se segue de curiosidade".*

*De repente
Ficou claro:
A formiga não se aguenta na própria vida
E tem sede da vida do outro.*

*E então eu fiquei
muito
triste
De lembrar
Que tem um monte de gente
Que é formiga também.*

O leite

*Sou tanto que nem me caibo.
Procuro-me em tudo que perdi
E abro, mexo, reviro as gavetas
Para me olhar de fora.*

*Não sei se me gosto,
Mas me convivo
Queira ou não queira.*

*Outro dia
Achei um pedaço de papel amassado
E abri.
Estava escrito
Num garrancho juvenil:
"Não esquecer o leite"*

*Lembrei-me do copo
Que esqueci por cima da pia
Nesta manhã.
O vidro acomoda aquilo
Que – talvez – tenha esquecido
De lembrar.*

Um pouco de mim ficou no leite que não bebi.

O pássaro

*Sabe, Beatriz,
Essa coisa da lógica pode me pegar um dia
E me tomar todo pelas suas medidas.
Saberão quanto peso,
que tamanho tenho,
os sapatos que irei comprar,
e o banco que me abraçará melhor.*

Mas nada disso importa, minha querida.

*Jamais conseguirão em números exatos
O prazer que sinto quando mergulho numa cachoeira
Ou quando invado algum abraço bem apertado.
Não há engenheiro capaz de medir
De quantas cilindradas é feito meu afeto.*

*Por isso não quero entender para repetir,
Gosto do que existe enquanto unidade.*

*Agora mesmo ando no desenho de uma nuvem torta,
Que vejo deitado deste jardim molhado.*

*Só quero fechar os olhos agora,
E me sustentar no ar por algum tempo.
Como o pássaro que esquece as suas asas
E simplesmente voa.*

É isso.

Quero andar como quem simplesmente voa.

Poema da papelaria

*Hoje eu vi uma fotografia impressa em papel Paraná
Nunca tinha ouvido falar em papel Paraná*

Virei pro lado e perguntei:

- Por que Paraná?*
- Por que não ofício?*
- Por que não A4?*
- Por que não A3?*
- Por que não Carta?*
- Por que não Jornal?*

*Aprendi que as coisas em papel Paraná
Deixam a imagem mais bonita*

*Peguei uma folha em branco e
Rabisquei teu nome nela*

*Peguei outra folha em branco e
Rabisquei um poema nela*

*Corri para te mostrar.
A chuva molhou os meus bolsos
E apagou o que eu tinha escrito no papel Paraná.*

Não sobrou nada da minha caligrafia.

*Mas você ainda me amava,
Mesmo sem papel Paraná.
Mesmo sem poema.*

*Eu não soube te proteger da tempestade.
Mas não importa.
O amor é o que fica depois da chuva.*

Você não deveria ter surgido agora

*Você não deveria ter surgido agora
Atropelando a minha vida com tanto ar*

De que tamanho é o seu pulmão? Quanto cabe de amor dentro dele?

*Me abraça com a sua respiração
E aperta
a cada vez que inspirar
E afrouxa
a cada vez que expirar
Mas não solta
Não me desamarra do teu abraço*

*Eu quero que o meu nome seja
o seu bocejo
o seu espirro
a sua tosse*

*E que você diga ele no meio
de uma frase solta
de um pensamento invasivo
de um sonho malicioso de madrugada*

*Eu quero ficar preso na sua garganta
E nunca descer
E nunca subir*

*Me deixa só estar ali
Parado
Lambendo seu pescoço
por dentro*

Alívio

E como é que se livra deste desejo incontrolável de traduzir o mundo em versos?

Defini limite:

Só enquanto houver uma folha,

Escondida debaixo de alguma pedra,

Impedida de seguir o vento,

Continuarei a escrever.

Esquisse

Godofredo de Oliveira Neto

Romancista premiado, é autor de 12 livros de ficção, entre eles *O bruxo do Contestado*, *Menino oculto*, *Grito*, *Amores exilados*, *Marcelino e Ilusão e mentira*. *Menino oculto* e *Amores exilados* estão na 4.ª edição na França, com grande repercussão nos jornais *Le Monde* e *Le Figaro*. O autor é o atual professor titular de Literatura Brasileira da UFRJ. É titular da Cátedra Machado de Assis do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ.

Ouvi o som doce de sapatilhas na madeira do palco, sedas de violinos, acordes de músculos, um azul turquesa me envolvia os olhos, voei por sobre montanhas e vales, batia asas, o mundo era meu, Tchaikovsky me acompanhava, Stravinsky me cumprimentava, Ravel fazia mesuras de cortesia em minha direção. Todos diziam baixinho voa, Nikki, voa, isso, assim, foge do trovão, ouve só a primavera, deixa rebentar as flores, aprecia os ninhos, o amor, o céu, deixa silvar a cotovia e o rouxinol, voa sobre o Danúbio, sobre as águas de Veneza, isso, ouve os violinos.

NIKKI K.M.L.

Encontro o parente na entrada da Saint Patrick's Cathedral, em Nova York. Foi ideia dele. Às 14 horas ele deve chegar. Por que exatamente neste lugar não sei. Parece filme policial. É que ali não tem erro, num café poderia gerar confusão, são parecidos, a catedral todo mundo conhece, explicações dele no whatsapp, eu ainda no Rio de Janeiro. Examino as torres, li terem cem metros de altura, comparo as portas e a rosácea com as de Veneza, que visito em breve pela mesma razão da vinda a Nova

York: herança. A Saint Patrick's Cathedral se embaralha, a minha visão se turva, pode ser pelo fato de ter levantado a cabeça para olhar detidamente as torres, não sei, traços de quadros de Jheronimus Bosch debruam as quinas da igreja, morcegos entram e saem indecisos e histéricos pela porta central, o céu escurece, a cidade escurece, os prédios em volta escurecem, a catedral se incendeia, rubra entre o breu, entre trevas, entre o nada, o inferno, me puxam para dentro, alguém me toca as costas, não, não quero ir, diabo, não me empurra, acho que desmaiei, de baixo para cima vejo rostos próximos ao meu, vários, órbitas de várias cores, bocas, narizes, sempre me perguntei como um nariz, uma boca e dois olhos podem construir rostos tão diferentes, me disseram que a combinação de palavras também, agora era o caso, quantas caras distintas umas das outras me olham? Um braço mais amigo me levanta, fala em português, está melhor? Estou, obrigado, a língua me acalma, até então naquela posição subjugada só ouvia *oh my God*. Claro, era o parente. Reconhecível pela barba aparada, os olhos esverdeados, o cabelo liso alourado

da minha avó, cara de meio perdido, me lembrou alguém do Brasil, claro, a nossa família toda vem do Vêneto, não lembra? sim, sim, lembro, Belluno, Veneza, Trento, Bérgamo, por ali. Claro, Sordi. Digo o nome dele pela primeira vez, como o ator de cinema italiano dos anos sessenta, ele diz o meu, sim primo Luigi. A semelhança com certas pessoas do meu país não me cai bem, sinto azia, por que desmaiei? Ele abre o celular, minha cara no visor, reconheci você na hora, me diz, abro o meu aparelho, custo a me concentrar nas teclas, Sordi aparece afinal, sorridente, parece franco na foto, ele é honesto? Examino-o como examinei as torres da catedral, ele olha para o chão, tímido até agora, propõe logo um café nas cercanias. Antes o clássico aperto de mão, o jogo começa, segura meu braço, tapinha nas costas. Ator italiano dos anos sessenta caricaturado. Quer ir ao hospital? Não, não, estou ok, de vez em quando tenho isso, já estou acostumado.

2

Atravesso a rua no sinal fechado, uma mulher de cabelo curto, loiro, ao volante de um carro de marca japonesa me acena, retribuo o gesto algo hesitante, ela põe o indicador na orelha e gira, louco eu? Me dou conta que ela limpava o para-brisa embaçado, o lenço servia para isso, termino a travessia constrangido, entro num café perto do terminal de ônibus, na calçada a placa Veneza-Noale, o último cheiro de gasolina e escapamento, logo só gôndolas, lanchas e o *vaporetto* de transporte público. Daqui a pouco o hotel na rua Mandola, perto do Campo Sant'Angelo. No Café o conhaque desce tal uma barata se arrastando devagar

no esgoto, é assim que me vejo, no esgoto, caído na sarjeta. Escrevo algumas linhas no guardanapo de papel, será meu epitáfio ou serão minhas memórias? Confissões de um derrotado moralmente, profissionalmente, eticamente, o esboço do Bosch como a minha vida, um *loser*, um projeto rudimentar de vida que não se concretizou, um esboço de existência, uma *esquisse* de quadro. Grandioso em alguns sonhos. Só em sonhos. O que estou fazendo aqui, meu Deus? Por que alimentar a esquizofrenia da família?

A quem estou enganando? O encontro será em Veneza, não rolou com o Sordi em Nova York, agora tem que continuar, Luigi. Um dos tios ainda diz a frase chavão e de mau gosto "se só tem tu vai tu mesmo". O parente desconhecido, desta vez, que cara terá? As fotos nas redes sociais são dele mesmo? As feições regulares, o bigode fino, cabelo ruivo, enferrujado se dizia na minha escola, tinha vários no colégio, ele vai me passar a *esquisse* do Bosch assim? A gente permuta um apartamento de duzentos e cinquenta metros quadrados na Avenida Beira-Mar Norte em Florianópolis, três quilômetros de terra na beira da BR-470 entre Navegantes e Blumenau, um quarto e sala quase esquina da praia do Leblon no Rio de Janeiro e um apartamento de trinta metros quadrados em Fort Lauderdale, nos Estados Unidos, todas propriedades de meu avô deixadas para a família, pela *esquisse*. Olho as escrituras, tudo em dia, já passadas para o seu nome, um nome longuíssimo, Alessandro De Angelis Palumbo Marchetti de Santis Marini Coutinho, só falta minha assinatura, o inventariante. Em troca ele passa o Bosch com uma declaração de que a obra lhe foi

ofertada de boa-fé por um contraparente, obra que estava com a família dele desde 1901. Alessandro se compromete a assinar, no cartório de Veneza, a devolução aos verdadeiros proprietários, a família Coutinho Sorrentino Caruso, nomeadamente os herdeiros Matilde, Alberto, Gianfranco e Júlio. Sei o script de cor e salteado, repito ele há semanas. Os advogados das duas partes já resolveram o contencioso jurídico.

Do Campo Sant'Angelo pego uma ruela e vou até o Campo San Fantin, do Teatro La Fenice. Em cartaz "Fausto", dirigido por Frédéric Chaslin. Amanhã será o encontro com Alessandro no Ristorante al Teatro, ali pertinho. Mensagem para Ana Júlia, conversa afetiva dessa vez, querida, amável, produtiva, se diz mergulhada nos versos de Paul Éluard, Breton e Augusto dos Anjos, estou torcendo aqui por você aí em Veneza, meu amor, pergunto a ela por que ela não veio comigo, como eu poderia, Luigi? E o trabalho? E além disso não quero me meter nessa história de herança da família de vocês, não tenho nada com isso e essas coisas sempre dão rolo, é briga na certa, e como foi lavrado um título de propriedade de algo que ainda não existe eu não entendi. O teu irmão podia ter te acompanhado, isso sim, é verdade, mas ele nunca quer nada, Ana Júlia, está sempre deprimido, pois é, Luigi, a família de vocês é desse jeito. Não gostei da observação negativa sobre a minha família, não disse a ela, mas não gostei, desliguei.

Ligo para a Fabiana, colega da Universidade Federal de Santa Catarina, ela organizou uma conferência para mim na universidade Ca' Foscari, falo sobre pintura brasileira do século XIX, vou dar força ao quadro *A Primeira Missa no Brasil*, do Victor

Meirelles. Sordi insistiu, em Nova York, que eu deveria sempre realçar Victor Meirelles, Cruz e Sousa, Anita Garibaldi, o monge João Maria e o naturalista Fritz Müller como grandes expoentes catarinenses da história do Brasil, e agora, com a posse do Bosch, vocês serão a sexta referência brasileira. Não desgostei dessa proposta, à noite senti a culpa cristã de sempre pela vaidade e narcisismo. A sexta personalidade cultural só por sermos proprietários de um quadro do Bosch, que nem terminado está, é apenas uma *esquisse*, que vergonha pensar isso, o que que os meus camaradas de esquerda pensariam? Tomo aperol em cima de aperol no bar Brasília, não poderia não ir com esse nome, perto do hotel, já tinham me recomendado, Sestieri San Marco 3658, antes passei na livraria na mesma ruazinha, mais um depósito de livros do que uma livraria, consegui uma edição antiga, de 1901, em super bom estado, de *La Divinna Commedia*, Dante me persegue desde o Ensino Médio. Leio o canto XXV do Paraíso – Vinca la crudeltà che fuor mi serra/ Del bello ovile ov'io dormi agnello,/ Nimico ai lupi che ci danno guerra. As esferas, a oitava, as visões de Cristo e da Virgem Maria me sossegam, a Igreja triunfa, com Dante os remédios para as minhas aflições funcionam mil vezes mais.

Posto mensagem carinhosa para Ana Júlia. Como agirá Alessandro? Será como o Sordi? No bar do aperol uma mesa de brasileiros discute a política do Brasil, aplaudem o esforço para pôr no seu devido lugar o exagero do espaço do saber universitário, a arte esquerdista hipervalorizada, a ciência dimensionada equivocadamente, devia-se realçar, isso sim, a sabedoria popular haurida não nos livros, mas na experiência

própria, menos livros e mais saber, esse é o meu lema, gritou uma senhora de Ribeirão Preto, secundada por Deus acima de tudo, completou o marido gordo de bochechas arroxeadas, quase do tom das duas garrafas de vinho engolidas.

No calçadão à beira-mar entre a praça San Marco e Giardini – conto vir com Ana Júlia na próxima Bienal de Veneza – andorinhas do mar passavam umas para as outras, em pleno voo, pedaços de peixe numa experiência de comunidade surpreendente. Os brasileiros comiam caviar, as andorinhas do mar me fizeram lembrar deles. Arlequins voam nas minhas retinas. Não vou desmaiar. Ainda tenho que telefonar para os herdeiros, inclusive a minha mãe. Talvez também ao Aldo, mas o meu irmão vive em outro planeta.

3

Café pertinho da Saint Patrick's Cathedral. Uma vidraça espelhada separa a gente da calçada. Gozado, Luigi, você saiu bem escuro, nas fotos você parecia mais branco, a cara do teu pai, aqui em Nova York você é negro, no Brasil não, né? Não respondo, responder o quê? Abro logo a conversa, pois ele sabe o que estou fazendo ali. Vim para reaver a *esquisse* do Bosch que está com a nossa família há mais de cinco séculos. Exagero de propósito nos séculos.

Dois cafés, sim café italiano. O garçon anota no iPad. Sordi sorri a cada mulher que ajeita o cabelo, se olha e arruma discretamente a saia, roda ligeiramente em volta da cintura, o reflexo como um espelho na Quinta Avenida. A cara do Sordi me informa que a última, uma ruiva sessentona, batom vibrante, sorri para ele. Digo que não é para

nós que elas estão olhando, mas para elas mesmas diante do vidro. Tudo agora é *fake*, perfis falsos, tudo invenção, então para mim elas estão me paquerando e pronto, qual é o problema, me explica ele no seu português arrastado aprendido nos dez anos passados no Brasil, em Itajaí, Santa Catarina. Logo passa uma jovem, nitidamente menor de idade, dos seus dezesseis anos, morena, com certeza mexicana, conserta a maquiagem diante do vidro bem na nossa frente, Sordi arredonda os lábios e envia um beijo estalado. A mesa ao lado viu a cena. Pelo jeito não gostaram. Também um rapaz arrumou o rabo de cavalo diante do meu parente italiano, vira-se para um lado, para o outro, tira uma sujeirinha entre os dentes, Sordi não mandou beijo mas não ignorou. Também gosto deste tipo, diz, junto com uma gargalhada que acabou por irritar ainda mais a mesa ao lado. Na hora de pagar explicou que só tinha uma nota de cinquenta dólares, pagasse eu. E não esquecesse de deixar pelo menos dois dólares para o garçon. Para uma outra jovem que deu uma paradinha na vidraça espelhada, Sordi mostrou a nota de cinquenta, ela pareceu ver, e, para minha surpresa, deu um beijo perto do vidro. Vê como elas enxergam, meu chapa. Quando interessa elas veem, quando não, não. Argumentei que dessa vez é porque as luzes do café estavam acesas e de fora se via, claro. Sordi respondeu com um *fuck!* Esse ia ser o meu interlocutor na divisão dos bens, mais precisamente do esboço de um quadro do Bosch.

Tarefa difícil e fácil para ele, *fake* e verdade, tudo misturado. Ia me tratar como se eu e nossa questão de herança fossem verdadeiros ou ia me enrolar como nos enrolam há décadas?

4

Me dou conta que ficamos três horas no café. Tento lembrar das palavras, histórias de família, do sangue italiano que corre nas nossas veias, segundo detalhou, em você menos, precisou, mas dá no mesmo, ainda finalizou, cinquenta por cento é a metade, sorriu ao dizer, assassinatos de parentes, loucuras em outros. O mundo da Máfia em Chicago seduziu aquele nosso primo lá do Vale do Itajaí, sabe, o Humberto? Lembro-lhe que só conheço o Humberto de nome, ele é quarenta anos mais velho do que eu, você também, ah, cazzo, é verdade, responde, a conversa não acabava. Assim que pago o café, Sordi combina outro encontro num minúsculo café do outro lado da rua, Café Severino, de um brasileiro. A gente se despede. Até amanhã, amanhã a gente fala do Bosch, hoje foi para nos conhecermos mais, murmurou, humilde agora na frase. E deixando esperança no ar. O *good bye* sai alto da sua boca, baixinho da minha. Os da mesa ao lado fazem uma reflexão negativa, não entendi, o Sordi entendeu, mostrou o *finger*, outro *fuck you*. Meu mundo de coroinha na igreja católica de Itajaí se desmorona.

Nomeado inventariante de toda a família, professor de história da arte na Universidade Federal de Santa Catarina, formação dupla de advogado na Estácio em Criciúma, o Luiggi é o cara para tocar o inventário. Frase peremptória do tio Domênico. Não tive escolha. Riqueza à vista para todos com a *esquisse* do Bosch na mão. O cartório de Veneza tinha dado o veredito final quanto à propriedade do quadro, um comerciante holandês vendera ou dera a um membro da nossa família há tempos, há um documento

comprobatório, o cartório de Florianópolis traduziu e chancelou a propriedade à vista dos documentos italianos devidamente traduzidos. Só faltava a materialidade: O quadro.

Luiggi é fera para essas coisas, esquerdista, maneja bem as mentiras dos partidos comunistas, observara tio Domênico, solteirão sem filhos, rabugento, oriundo da Lombardia, se orgulha disso, com fazenda de tabaco e gado entre Indaial e Timbó, no médio Vale do Itajaí e dono de apartamentos pelo Brasil afora e nos Estados Unidos. Mas no caso é o melhor, ordenou. E se enriquecer com a gente vai deixar a luta socialista, quer apostar? Todos riram.

Na hora pensei em desistir, mas o tio Domênico tinha outras qualidades. Demonstrações de afeto eram para ele coisas de maricas, palavra usada por ele. O afeto vinha na alma da agressão. A gente tinha que entender, minha mãe sempre dizia. E para ele eu tenho cara de Jesus Cristo com esse cabelo comprido roçando os ombros, afirmação dele. Às vezes acho que é deboche, às vezes elogio.

Envio mensagem pelo celular. Ana Júlia responde, Florianópolis está com um tempo maravilhoso, aqui está friozinho, tipo vento encanado na Quinta Avenida, nem parece que ainda é só outono, Ana Júlia sempre responde na hora, está tudo bem, meu americano? tudo ótimo, previne a família que já encontrei o Sordi, ah, que máximo, vou dizer, e foi legal? Sim, o cara é meio esquisito, mais velho do que eu pensava, mas maneiro. OK. Amanhã vou fazer uma visita aos meus pais, tem uma festa da família em Nova Veneza. O pastor e o pároco da igreja católica vão fazer uma cerimônia ecumênica muito bacana. Beijos.

Imagino Ana Júlia pronta para dormir, amarrando os cabelos, tirando a maquiagem em volta dos olhos esverdeados, mãe de família originária do Tirol italiano e pai do Tirol austríaco, dos imigrantes chegados à região em 1880, ela se orgulha desse passado, sempre compreensiva comigo, carinhosa, com mil explicações sobre o que seja amor, ódio, afeto, amizade, simpatia, atração física, são pequenas diferenças, diz sempre, e o traço separando essas noções muda toda hora. Amor é tudo isso misturado, e o amor louco acaba em dois anos, quantas vezes ela não me preveniu desse jeito com largo sorriso? Sorriso de indulgência, de condescendência? A terapia com conhecida psicanalista de Florianópolis deve ter ajudado ela nas definições, não sei o que ela viu em mim, o *loser*, como me qualificam os membros da minha família.

A noite no hotelzinho acanhado foi tumultuada, barulho na rua, barulho do quarto vizinho, barulho de criança de colo no quarto da frente, de descarga de vaso sanitário perto da escada, de conversas em línguas estrangeiras, aos brados, passando no corredor. Quarto só com uma pia. Toalete no corredor. Também, cinquenta e três dólares a diária quase não tem aqui, só lá onde você está, na parte mais pobre do Brooklin, Brownsville, por lá, Sordi dixit. Sonhos e pesadelos. Foi assim a minha noite.

Amanhã vai ser o encontro no Café Severino, 11 horas.

5

A porta quase arrebenta, não eram batidas, mas murros, acordei com a impressão de levar pauladas na cabeça. Já vai, já vai, balbuciei, um momento, abri e dois

homens de capuz me empurram, caí, o louro de olhos claros me mantinha imobilizado com o pé no peito, o outro, tipo indiano, chutava as minhas costelas, senti um pano enfiado goela abaixo, tossi, não conseguia respirar, o pano na boca impedia qualquer ar, aponteí com o dedo, grunhi. Os dois me levantaram, eu como morto, me jogaram na cama, puxaram um pouco o bolo de tecido, reconheci o guardanapo do café envidraçado de antes, só então reparei a figura atrás dos dois monstros, Sordi tinha nas mãos uma enorme pasta, daquelas usadas pelos alunos de Belas-Artes para guardar os desenhos e esboços. Abriu a pasta me olhando, com cara de torturador. Um pôster do quadro *A nau dos loucos*, do Bosch, a centímetros dos meus olhos, é esse que você quer, seu escroto, seu filho da puta, Sordi parecia outra pessoa, violento, sórdido, como seu nome lembrava, falava grosso, tá vendo a monja franciscana, porra? Simão, Pedro e Jeová, o clero pecador, seu brasileiro viadinho, gosta de quadro que tem o bem e o mal na luta, caralho, é isso que tu qué? Sordi imitava um palavreado que não era o que eu tinha ouvido há poucas horas no café, ele não conhecia esse registro linguístico do Brasil, tá vendo os dois caras com água na cintura, esse carregando essa tigela aqui, ó, tá vendo, ó? Esse com certeza ia morrer logo depois, como tu vai se continuar insistindo em treco de herança. Comecei a tremer, a suar, Sordi continuava, sabe o que eu faço com essas merdas? Isso aqui, ó, rasgo pedacinho por pedacinho e enfio na porra da tua boca, senti o algodão do guardanapo ser substituído por pedaços de papel, Sordi caprichava no recorte da monja franciscana, acabou enfiando o quadro inteiro em pedacinhos na minha boca, senti

que ia morrer sufocado, o braço dormente, o traveseiro apertando o nariz, as costelas doíam, a cabeça latejava.

6

Café Severino. 11 horas em ponto. Não é bem um café, mais um corredor, murmuro. O quê? Pergunta o rapaz atrás do pequeno balcão. Nada, respondo. Comida baiana escrito em português. Você é baiano? Não, na verdade sou de Alegrete, no Rio Grande do Sul, de família de origem ítalo-alemã, mas aqui só desperta algum interesse o Brasil negro ou indígena, de origem europeia não tem o menor valor pra eles, daí vão para a Alemanha ou para a Itália e pronto. Mas meu mundo está escrito ali naqueles versos na parede, De boleadeira na mão / De barbicacho apertado / Vou de poncho pelo estradão / Vou no meu bagual montado / Na guaiaca a faca fina / No coldre a minha garrucha / Enfrento boi, bandido e bruxa / Mas tremo por uma china.

O rapaz, estimulado pela leitura, pela sua própria voz de poeta e pelo cheiro dos pampas gaúchos, retira uma cuia da prateleira. Peço um café. Nesses dez anos de Estados Unidos não deixei um dia sequer de tomar chimarrão. Acho que já ouvi esses versinhos folclóricos, lhe digo, é, é conhecido no Sul. Entram duas chinesas, não china do versinho, pedem coca e cheeseburger, a fumaça e a gordura invadem o corredor. Olho o relógio, 12 horas, nada do Sordi. As chinesas são substituídas por dois brasileiros, vê duas coxinhas e um acarajé, com padre. Uma cerveja e dois copos, tem brasileira? Tenho, claro, então manda aquela de Petrópolis. Termino o café, também peço cerveja, a Eisenbahn, aquela de Blumenau,

tem? Tenho, foi vendida para um grupo poderoso, é distribuída geral no Brasil e consigo comprar. Penso comigo que se fosse num romance ninguém ia me acreditar em Nova York tomando uma cerveja nascida no Vale do Itajaí.

13 horas. Sinto fome. Vê um acarajé também, *please*. Saiu *please*. Ele me responde em inglês. 13h30 nada. 14 horas mensagem. Luiggi, meu primo, deu problema aqui em casa e o celular deu *bug*, só agora consegui me organizar. Sordi marca para a noite seguinte, endereço, tipo night club mas decente, conforme detalha, numa rua não muito longe do meu hotel, faço esse esforço de sair de New Jersey por você, querido primo. Me surpreende essas histórias do Sordi, mas pode ser verdade, pergunto para a Ana Júlia o que ela acha, ela que sempre responde agora não lê a mensagem, penso telefonar, mas não há muita coisa para dizer, melhor esperar.

7

Ana Júlia me escreve duas horas depois, diz que vai me passar um fato meio desagradável, um longo diálogo enviado por engano pelo tio Domênico, o e-mail é ruim, muito ruim, Luiggi, inacreditável, muito feio da parte dele, te envio em breve. Não imagino o que pode ser, doença, morte na família, falcatruas, me diz sobre o que que é, Ana Júlia, que porra é essa? Espera um pouco, Luiggi, estou falando com o teu irmão no fixo.

Se a gente conseguir mesmo o esboço do Bosch a gente manda todo mundo sifu e vende o quadro em São Paulo. O Luiggi é fraquinho, o irmão um bosta derrotado, nunca deu certo na vida, abre um negócio,

fecha um mês depois, abre outro, pega fogo, acho que ele mesmo bota para não trabalhar e não precisar pagar o dinheiro que emprestei para ele, cinquenta mil assim na bucha, qual é?

Ele nunca pagou, Domênico?

Não, nunca pagou. Só que a gente tem que se precaver, Timóteo, se precaver. Ele é bem capaz de ir falar com o tio dele, o meu irmão Júlio, dos direitos humanos na ONU, principalmente porque ele está lá em Nova York. Júlio tem um carguinho pequeno lá no almoxarifado. E ainda escrever para os outros dois tios, o que é professor de biologia num colégio para refugiados africanos na Califórnia, o Alberto, e o Gianfranco, que trabalha como secretário de diretor – o equivalente de datilógrafo na minha época – na OMS em Genebra. Os quatro juntos, contando a minha irmã, têm força porque se unem. O projeto de vida deles ficou sempre pela metade. Como esboços de vida, de carreira, um sonhava ser professor numa universidade americana, os outros dois diplomatas. Eu estudei pouco, vim de baixo, lutei, sofri, suei, mas venci. Sou o único de nós cinco que tem um pouco de recursos financeiros.

Continua com os apartamentos alugados em Florianópolis?

Continuo, além da fazenda tenho deztoito apartamentos em Floripa, oito em Balneário Camboriú e cinco em São Paulo, em Miami tenho dois, mas aqueles para o meu uso. Tudo fruto do meu trabalho, de investimentos, de compra e venda, de incorporações imobiliárias. Meus irmãos nunca gostaram de mim porque eu sou do campo, da linha de frente, da luta diária, que sou religioso, que eu tenho preconceito o escambau, e tenho mesmo, e daí? Quero um Brasil e uma Europa sem macaco

e comunista. E sem viado. Minha Igreja é a guiada por Jesus, e nessa não tem essa pouca vergonha, a minha igreja valoriza o trabalho e a ordem, Deus está no comando. Não vou deixar os meus quatro irmão botarem a mão no quadro de Bosch, vão jogar tudo fora, não sabem negociar, têm vergonha de ganhar dinheiro.

Mas o Sordi não é o primo querido do Alberto do colégio americano?

Até certo ponto. É primo de brincadeirinha, a gente conheceu ele na infância. O Sordi descambou para o outro lado, mas agora é figura essencial para nós.

Quanto vale o quadro do Bosch, Domênico?

Não é bem um quadro, um esboço apenas de um quadro famoso.

Sim, ok, mas quanto vale?

Dez milhões de euros!! Sacou a jogada? Sordi ficará com uma parte, mas o quadro não está com ele. Vou dar uma parte para a Igreja e com a outra, pequena, vou comprar uma fazenda em Mato Grosso. Mas fazer tudo na legalidade. Não quero problemas, só não pode deixar o quadro cair na mão desses meus irmão.

Mas como a justiça atestou a propriedade de um quadro que não está materializado?

Isso é que você vai ter que resolver, Timóteo. Te chamei para isso. O juiz se baseou na foto. E a família toda assinou um termo afirmando que não pode mostrar o quadro por medida de segurança. A posse é provisória.

Ok.

A Matilde, minha irmã, acha o Luiggi um deus, inteligente, estudioso, filho que qualquer mãe queria ter, ele foi para a Universidade porque não sabe fazer nada, não achou trabalho. São todos assim, parece um esboço de vida, uma *esquisse* de quadro. Se

você conseguir me ajudar nessa luta jurídica, te dou dois apartamentos, você escolhe qual e escolhe a cidade.

Ok, Domênico, ok. Topo.

Mas e o que fazer com o Luiggi?

É deixar rolar, ele vai se emaranhar nas próprias pernas, Timóteo, pode ter certeza.

Ok, Domênico, tenho uns conhecidos na comunidade nova-iorquina, morei lá um tempo, tenho advogados amigos, uma rede parceira, vou dar um jeito no Luiggi.

Eu sei disso, Timóteo, por isso te chamei. Apaga o e-mail depois, tá?

Claro, Domênico, claro.

Banca de jornal

Renard Perez

Contista, romancista, ensaísta e jornalista.

Para João Fernandes de Moraes (Fernando)

De repente, na esquina, a banca de jornal. A rua escura, as calçadas já vazias, os carros voando, à sua direita as grades descidas, o chão úmido das lavagens, lá dentro os balcões e suas registradoras em sossego, o aparelho desligado de café, as garrafas repousando nas prateleiras, a noite acabou. A cabeça meio zonzá, não era sonolência antes um embotamento, ir para casa, o jeito agora é dormir. Súbito além da transversal aquela luz, a claridade contra o prédio da frente, os *posters* dependurados por fora da armação. E o rumo dos passos em direção à claridade, além da abertura a figura emoldurada pelas capas de cor lendo qualquer coisa, alô companheiro.

Os olhos que deixam a leitura e o fitam, um jeito de avaliação, os lábios que se abrem num sorriso. Tudo bom, companheiro. Apoia-se ao balcão, tem o *Jornal do Brasil*? O sorriso, ainda não chegou, tem só o segundo caderno. Apalpa-se, encontra o maço, aceita um cigarrinho, diz perguntando. Obrigado, tenho cigarro, e é o outro

que acaba estendendo o maço, aceita, mas insiste que pegue do seu, troca de gentilezas, o que é que tem aí bom pra se ler, tem Flash Gordon? Tem não, Flash Gordon não sai mais. Não sai? Não sai mais Flash Gordon? Sai não. E tem Ferdinando? Acabou também. Também não sai mais? Sai mais não. O que porra é que ainda sai? O outro meio que ri, vai olhando as capas de cor no jeito meio profissional, meio displicente, tem Fantasma, tem Terror, tem Flinstone, serve não, eu queria Flash Gordon, Flash Gordon no Planeta Mongo, o Zé Mulambo, o Brick Bradford. O outro não entende, não tem metade de sua idade, engraçado, nunca viu um jornaleiro moço na madrugada, também não é italiano, você é cearense, meu chapa? Olha a rua, os ônibus passando vazios, barulhentos, o trocador fumando, uma luz baça no céu, tu não bebe não, tu fica amarrado aí, tu quer uma cervejinha, eu vou apanhar uma cervejinha pra ti, a gente fica bebendo. Dá pé não, cara, deixa pra lá. Um gesto, umas passadas na noite, não há mais banca, prédios escuros, uma esquina, outra esquina, aquela luz, aquele movimento, as vozes. A caminhada outra

vez, a banca novamente, o jornalista sorrindo. Um bate-papo, um gosto bom na boca, as grandes pilhas chegando, um jardinzinho. O relógio – puta-merda já são cinco horas, meu chapa acho que vou andando, amanhã é dia de branco, boa noite companheiro, eu acho que vou levar o Fantasma, o Mandrake, esse tal de Flinstone, esse negócio presta?

As histórias em quadrinhos sobre a mesinha, onde diabo foi arranjar isso? A garganta irritada, um maço de cigarros cheio, na cadeira as calças jogadas, apenas três moedas nos bolsos, caramba, bebi feito uma besta. Uma cena vaga, uma conversa com alguém, e aquelas revistas em quadrinhos, terei parado num jornalista?

Diabo, isto está chato, o melhor é me mandar, garçom vê a conta aqui.

Movimento no bar da esquina. Um chopinho, está certo, um chopinho em pé, o último, depois deste eu me mando. O copo na frente e de repente nenhuma vontade, “não cabe mais nada”. Deixa o copo quase cheio, vasculha os bolsos, vai andando enfiado. O táxi passa devagar, a mão volta ao bolso, não dá para o táxi. Um sinal de agradecimento para o motorista, vai andando a pé.

A calçada sem fim, o ponto de ônibus, eu acho que devia apanhar o ônibus. Em pé junto ao poste, a rua vazia, dois caras conversando, a porra desse ônibus não chega. Novamente os zigue-zagues, lá adiante a luz, essa luz, aproxima-se, a fisionomia dentro da banca parece familiar, “oi, meu chapa, como é que vai”. O outro sorri, o aceno com a mão, tudo bem? Um cigarro? O tipo aceita, fuma também, você não se chateia de ficar aqui a noite toda?

Franze a testa – eu acho que conheço você de algum lugar. Aquela fileira branca,

a cabeça balançando, tu não está te lembrando não, cara? Foi no sábado, tu ancorou sábado aqui, a gente conversou, ficamos falando até o cu da madrugada, tá lembrado não?

Foi no sábado, eu parei aqui no outro sábado? E não parou, não, puta-merda, e tu não te lembra de nada? Quer dizer que eu passei sábado aqui, eu acho que estava doído, então é por isso, as revistas, acordei no domingo com umas revistas de historinha, tinha Fantasma, tinha o Flinstone, tinha um tal de Riquinho, então deve ter sido daqui que eu levei, quer dizer que eu estou devendo as revistas. Tá não, cara, tu pagou, pagou tudo, pagou até quase dobrado, dizia que trabalho à noite é “bandeira dois”. Puxa vida, eu devia estar ruim, eu estava ruim não estava? Bota ruindade nisso, tu estava naquela base, disse que se eu não recebesse dobrado então tu ia comprar um negócio pra mim, perguntou se eu bebia, eu disse que estava sem beber, se fumava, disse que fumava, então tu saiu, voltou com um *Continental* e com uma água tônica e um ovo cozido, e duas cebolinhas, foi apanhar lá no Beco da Fome, te lembra não, cara? Tu ficou aí um tempão, eu disse que o patrão tava vindo, era bom tu te chegar, tu se mandou, ia naquela base. O ônibus vinha chegando na esquina e tu correu, ele diminuiu a marcha e tu conseguiu pegar, eu fiquei só olhando, achei que tu ia se estrear no caminho. Fiquei pensando que não devia ter te mandado embora, tu ficava por aqui descansando até melhorar, correu tudo bem? Correu bem, sei lá, acho que correu, eu não estou aqui? Ah, gostei do Riquinho, acho; que foi daqui que eu levei, é uma historinha legal.

Duas da matina, a claridade da banca, só que já não são apenas as pernas que o

levam. É algo menos inconsciente, não está tão alto assim. Lá está o jornalista sentado no gradil que cerca o jardimzinho, se chega, oba, o outro até sorri.

Aceita o convite, senta-se também no gradil. Na frente a banca, sua aparente armação de papéis coloridos, as revistas suspensas dos fios de arame, presas entre si pelos pregadores de roupa. Miniatura de um palco extravagante, teatrinho de fantoches, um brinquedo de armar de seu tempo de menino. E o entrelaçado das imagens. Pernas que empurram faces, sisudas, sorridentes, opostas famas que se ladeiam, Pelé e Kissinger, Batman e a Princesa Grace, Aristóteles, Tarcísio Meira, e as letras dos títulos, a bola roçando a ponta dos dedos do goleiro no salto, a carbonizada pilha de mortos do desastre ferroviário. A decolagem da nave espacial, os guerrilheiros árabes, as células, aquele extraordinário mundo impresso, e tem gente que compra tudo isso, não é, cara, se tem. Fica olhando, não sabe o que o subjuga, semelhante atração por aquela caixa colorida na noite, e a figura do jornalista, alguma coisa remota. Mistério, uma obscura fascinação, uma lembrança do passado. Os Flash Gordon de hoje, as novas Bette Davis, outros Joel McCrea, outros Roosevelt, outros Chamberlain, os *Contos Magazine*, os *Globo Juvenil*. E aquele vigia solitário em seu castelo, o guardião dos tesouros, enquanto fora a vida passa, o tempo passa, aquela sentinela, como é mesmo o seu trabalho, meu chapa.

O rosto largo, a testa apesar do cabelo comprido vê-se bem o formato do crânio, cara, me diga uma coisa, você não é italiano como todos os jornalistas que eu vejo por aí, como o da minha rua, também não parece filho de, parece nordestino, tu

és pernambucano, cara? Tu parece Pinel. Te respondi na primeira vez que tu encostou na banca, já disse umas cinco vezes, porra, sou do Rio Grande do Norte, vê se dessa vez não esquece, diz rindo, eu sou de Natal, sou do bairro do Alecrim, da tua terra. Tu já me disse que também é do Rio Grande do Norte – dá novo sorriso, a cabeça balançando. Olhou fascinado, é mesmo, tu falou, de repente começou a lembrar, como é que tinha podido esquecer. Porra, tu és também do Rio Grande do Norte, sou de uma cidade perto da tua, sou de Goianinha, tu conhece, é quase fronteira com a Paraíba. O outro rindo, e nele um calor por dentro, uma coisa sedosa, aquela coincidência, o cara é da sua terra. Agora tem quase a certeza, foi por isso que simpatizou com ele, alguma coisa inconsciente. Os olhos envolvem carinhosamente o outro, aquela barba, os ombros estreitos, o corpo pequeno e ágil, cinquenta quilos, cinquenta e três, parece um calango, visão de gente igual noutras paisagem, azulão de céu. Só que a pele lá é mais curtida. Sol que avermelha, brisa, águas tranquilas, botes, cajueiros, avoantes, carne de sol, porra, tu és do Rio Grande do Norte.

Oi, praça, tudo bem, estamos aí. Lendo umas revistinhas. Quero não, fumei até demais. Para conversar? Se tem, bicho, às vezes tem papo até sobrando, nessas horas que tu chega é que dá esse descanso. Porra, são só duas horas? Tu tá chegando cedo, não tá falando engrolado, está até gozando, tá bebendo não, meu chapa. Como é o negócio? Vai se levando, pode sentar no banquinho. Dá licença aí, *O Dia* não chegou ainda não, tem só *A Notícia*, vai *A Notícia*?

Isso aí, conterrâneo. Dá pro gasto. Tem uns caras, os porteiros da noite, lavadores

de carro, tem umas empregadas. Também passa gente às pampas, tu sabe, banca aberta de noite, zona de boemia. Gente que mora por perto e dá uma encostadinha antes de ir para casa ou tomar condução, fica folheando umas revistas. Gente de *boîte* – músico, garçom, caras de jornal, tu és de jornal, tu conhece Fulano? Tem o Almirante que de madrugada vem comprar *O Globo* e senta aí no banquinho esperando, às vezes encostam umas piranhas, oquei, agora eu aceito o cigarro.

Tem gente de todo tipo, madame, vagabundo, conheço essa raça toda que passa por aqui, pelo jeito já sei – estou curtido. Às vezes vejo um cara no jornal, o nome jogador de futebol, cara do *society*, mesmo aqui em frente mora a Miss Brasil, eu vejo o retrato e digo esse cara já comprou na banca. Vésperas de eleição, um cara encostou aqui no maior porre, pagou o jornal com um floriano e não quis troco, era um candidato conhecido, um dia um pinta ficou mijando aqui juntinho da banca, eu falei que é que há, meu amigo, quando ele olhou, era um cara de novela da TV Globo.

Gente boa e gente para não se dar confiança, tem uns caras que encostam e ficam duas horas lendo ou enchendo o saco, não tou falando de ti não, uns caras que ficam de chacinha aproveitando a luz da banca, jogando porrinha, dizendo o que iam fazer se ganhassem na Loteria Esportiva, eu acabo dizendo como é meus chapas. Aparecem uns pintas cheios de fumo, um papo diferente, aí eu também corto logo, dou jeito de mandar embora. Umas bichas fazendo onda. Agora tem uns cachaças que dormem aqui embaixo, eu deixo, o cara não tem onde dormir, sabe que aqui está seguro, a banca é garantida. Tem do bom

e do ruim, tem PM pilantra e garçom joia, operário que chegou do cu da mãe e parece criança, depois é que conhece o Rio e entra na pilantragem. Tem uns caras com pinta de bacana e eu sei que é o maior marginal, umas madames com jeitão de séria, o marido viaja e elas ficam na paquera, eu sei porque elas moram aqui perto.

Também só vejo. Atendo igual, só estou olhando o freguês. Quero é fazer o meu serviço, se houver uma confusão e a polícia perguntar não vi nada. Também a turma sabe que eu sei, ninguém mexe comigo, respeita. Vagabundo, marginal, me respeita, sabe que eu estou trabalhando, sou amigo, garanto a noite, o cara passa e me cumprimenta. Aguenta um pouco, chegou não senhor, só veio o segundo caderno.

Eu estou dizendo essas coisas porque é um negócio que fica aqui dentro, não falo disso com ninguém, mesmo você nem vai se lembrar que eu falei. Mas a gente vê cada uma. Também tem coisa que não se pode fazer nada. Um dia, ouve essa, estava tudo vazio e eu escutei um barulhinho esquisito, saí para ver, tinha um pinta bem ao lado fazendo ligação direta no carro do morador do 801, eu fiquei só olhando. De repente a voz, tinha outro sujeito na sombra, o revólver apontado bem na minha cara, “tu não está vendo nada”, eu disse estou até cego, voltei para a banca. Dá cada coisa. Uma madrugada teve um tiroteio para as bandas do Lido, barulho, sirena, o escambau, todo mundo correu para ver, lá para as tantas apareceu o crioulo todo suado, foi pegando um jornal, tirou a máquina ainda com cheiro de pólvora, começou a enrolar, eu fiquei olhando, “mas logo aqui, cara”. Tem coisas que você fica besta, outras até acha graça, teve dois caras que passaram outro dia, umas pintas

lá do Norte, devia ser Ceará, pararam perto da banca e ficaram olhando a pilha do *Globo*, um falou “eu acho que jornal é aquilo ali”, foi mesmo, cara. Perguntei se queriam ver anúncio de emprego, dei o caderno dos classificados, ficaram olhando meio sem jeito, eles não sabiam ler, conterrâneo. Li uns anúncios para eles, dei o caderno de graça, saíram todos contentes – aquele coroa que vem chegando ali é que é o Almirante.

Oi, conterrâneo, pensei que hoje tu nem vinha mais. Tá todo bacana, estava numa festa? Obrigado, mas precisava não. O banquinho está com o jornal, se quiser a gente senta no gradil. Agora esconde esse teu troço no jardinzinho, o patrão ainda pode aparecer.

Posso beber não, cara, já te disse, eu gostaria mas não dá. Fico só com a água tônica. Além do flagra, também tenho de estar bom para atender o freguês, já te falei uma porrada de vezes, mesmo logo mais à noite ia estar estourado. Fico aqui a semana toda, não tenho folga, no domingo também, no Natal, no Carnaval, no Ano Novo. No Carnaval é fogo, um dia eu bebi e foi uma desgraça, encartei os jornais todos errados, do cacete, essa água está joia.

Que eu trabalho em banca? Faz coisa de cinco anos, em janeiro completa. Eu fazia antes? Porra, conterrâneo, tu pergunta pra cacete. Já trabalhei em tudo, estou no Rio desde os onze anos, tenho treze de Rio. Um primo me trouxe para estudar, mas briguei com a mulher do primo, me mandei. Morava na Penha, perto do ponto final do Cosme-Penha, arranjei lugar de trocador. Vivia num barraco na ladeira do Cosme Velho, fim do ponto de ônibus, não tinha nem luz.

Depois trabalhei numa farmácia, fazia serviço de entrega, tive mais uns três

empregos. Pegava amizade nos prédios, um cara falava de um serviço melhor, ia mudando. Trabalhei numa Embaixada, a da Rumênia. Na Embaixada foi legal, entregava a correspondência, davam dinheiro pro táxi, ia de ônibus, economizei uma nota, pedi as contas, dei uma ida em Natal.

Cinco anos, te falei, que estou nesse negócio de banca. Um dia encontrei um amigo de infância numa festinha, ele contou que trabalhava na banca de um italiano em Copacabana, o cara tinha três, uma vagou, precisava de um sujeito de confiança. Ia ganhar o dobro do que eu estava recebendo nesse tempo, eu fui. A banca era na Conselheiro Lafayete, trabalho de dia.

O primeiro dia foi do cacete. Errava tudo, dizia que não tinha o jornal, depois que o sujeito ia embora é que eu via, os poucos que eu vendi foi porque o freguês mesmo puxou, o dono da banca nem conseguiu entender. Mas deu colher de chá, eu fui acostumando. Depois mudei para outra banca, mais movimentada, já tinha experiência.

Nesse tempo comecei a entrar na vida do Rio. Vida agitada, fumo, bebida, muita extravagância, acho que foi aí que eu peguei minha úlcera. Depois o dono das bancas entrou numa boa e passou adiante o negócio, eu aproveitei para passar umas férias em Natal, estava precisando.

Na volta eu recebi uma proposta para trabalhar de noite. Ganhava mais, dava comissão, eu topei, é essa banca aqui. O dono no começo era legal, ficou rico, virou filho da puta.

Isso, conterrâneo. É, essa onda entra noite e sai noite. A gente nunca pode beber, e esses bares todos aí. Às vezes o porteiro daí da frente fica no meu lugar e eu vou no

bar tomar um café. Mas não se pode abusar, é perigoso, pode dar ingresia.

Tem horas que isso aqui está uma tristeza, depois que o bar da esquina fecha fica tudo vazio, só os carros passando. Já li toda a parte policial do *Diá*, as histórias em quadrinhos. Aquele frio, só o radiozinho. Estou cansado da posição, vontade de um café, fico esperando Antonio aparecer. Vem o garoto da *Gazeta*, dá um plá, vai embora. Até que pelas quatro chega a pilha do *Globo*, do *JB*, eu vou para a esquina apanhar a pilha, fico encartando os cadernos, continuo na espera do substituto.

O chato é que eu moro longe. Antes vivia na Ladeira dos Tabajaras, lá em cima, era joia, em vinte minutos estava na banca. Mas eu briguei com a garota, o apartamento estava no nome dela, uma porra. Quis arranjar um outro aqui perto, com um colega o dinheiro dava, escolhi uns dois lugares legais, só atravessar a rua e estava em casa. Não aceitaram a fiança do proprietário da banca, falei com o espanhol do botequim, com o Almirante. Não deu pé, estou em Jacarepaguá.

É longe, no ônibus já vou dormindo, o trocador me acorda para saltar. A merda é que quando chego em casa o sono desapareceu, quando consigo pegar no sono outra vez já está em cima da hora de voltar para a banca. Estou sempre com sono, a banca não dá para botar mais um cara. Às vezes fico nervoso, e essas dores no estômago, um freguês que é médico foi que disse que era úlcera. Se eu pegasse uma moto. Falei num empréstimo pro patrão, quando expliquei pra que era disse que pra moto não dava, eu ia dormir na direção, me estrepava todo. Oi, conterrâneo, está chegando o Cassimiro, tá na hora de me mandar. O bar abriu, uma boa tomar um café.

Dentro da banca, uma euforia, o jornalista foi comer um sanduíche no bar. “Deixa eu tomar conta meu chapa, pode ficar tranquilo, faz de conta que eu sou o porteiro”, o conterrâneo sorrindo. “Deixa, é até um favor.” “Está bom, é só o tempo de eu ir no banheiro.” “Pode ir com calma, pode tomar o seu copo de leite.”

Aquela emoção. As pilhas de revistas agora em posição inversa, o caixote de charutos sob o balcão. O rádio de pilha preso pela alça no prego, o espelhinho redondo perto. O banco, pela abertura a visão do gradil, o pequeno jardim, as janelas do prédio.

Uma sensação macia, parece a realização de alguma coisa remota. Não está alto, tinha tomado apenas umas duas cervejas, apenas o suficiente para aquele bem-estar.

O radiozinho com uma música suave, aquelas lembranças longínquas. O menino de calça cáqui saltando do bonde, as moedas no bolso, de longe já ia vendo o quiosque. Só que era diferente, uma caixa de grades oitavada em torno do tronco de ficus. Este parecia mais as casinhas de cartolina que armava com as páginas do *Tico-Tico*, era como se estivesse no interior da própria bomba de gasolina, do hangar, do presépio que saía pelo Natal. Ou na caverna do pirata e de seus leais companheiros. Com todos os seus tesouros; *Gibi*, *Mirim*, *Globo Juvenil*, *Suplemento Juvenil*, as revistas para a gente miúda. O que queria dizer gente miúda? Gente pequena ou gatinha, gente vagabunda? Não gostava da denominação, o sorriso, a mãe chamava de miúda a ralé que morava nos pardieiros da praça Cristo Redentor. “— Tem o *Globo Juvenil*?” O cara de barba por fazer entregando o jornal, o cheiro bom de tinta, de papel, às vezes até sujava os dedos com o vermelho da capa

do Príncipe Valente, as labaredas do Tocha Humana. Abria excitado a página do centro, a bonita página dupla colorida, o que teria acontecido a Dale Arden? Um respeito pelo moço de barba de quatro dias, ele não precisava de duzentos réis para saber como Flash Gordon salvara a namorada. Uma barba escura, parecia a barba do conterrâneo.

A música dos *Novos Baiões* descendo do radiozinho, a voz que o sobressalta, “me dá aí *O Dia*”, o freguês o olhando meio surpreendido. As pilhas todas, o estonteamento, só vê revistas, acaba descobrindo a pilha amarrada sobre a prateleira interna. Recebe a cédula, tira o troco do caixote, “obrigado, amigo”. Na longa espera vende mais dois.

Os cabeçalhos de *Última Hora*, do *Jornal do Brasil*. “Antifranquistas só reconhecem rei pelo voto”, “CIA conspirou oito vezes para matar Fidel Castro”, “Geisel pede à Arena que ganhe eleição”. Na revista, a notícia do voo espacial para Marte de uma nave russa, recorda-se do comentário para o conterrâneo, “esses russos são de morte”. Conterrâneo balançando a cabeça, olhando-o, de repente a pergunta, “Conterrâneo, que é que é mesmo esse tal de Marte?” De outra vez: “– Eu vi o teu artigo no jornal, li ele inteiro, porra, não entendi nada”, seu sorriso amolecido.

O som de passos, a presença já familiar. “Cheguei, conterrâneo”. A fisionomia preocupada, o jeito de avaliação, o sorriso no rosto desanuviado.

– Ei, conterrâneo, essa foi legal, eu vendi três jornais, um freguês até se espantou que já tivesse chegado *O Dia*. – A cara surpreendida do jornaleiro, “caramba, *O Dia* chegou ainda não, tu vendeu o jornal de ontem, essa pilha amarrada aí dentro é a do encalhe”.

Os dois no gradilzinho à frente do jardim, a rua sossegada, a fumaça do cigarro.

– Pois é, cara, tu passou esses três sábados sem aparecer, eu fiquei sentindo uma falta, quando chegava tua hora no sábado eu sentava no gradil, dizia daqui a pouco chega o conterrâneo. Ficava ouvindo o rádio de pilha, lendo o *Recruta Zero* tu não chegava, eu dizia onde anda o conterrâneo. Ficava sentindo a tua falta até em casa, tu mexeu com o que estava quieto.

Os dois no gradilzinho, o litro escondido entre as plantas atrás.

– É isso, cara. Agora tu tá aí – o sorriso dos dois.

– Sabe, conterrâneo, o que me fez simpatizar contigo foi você nunca insistir para eu beber, de tu aparecer com uma garrafa de guaraná, não é como esses caras que chegam com umas cervejas, com cana e até com fumo e ficam insistindo, no perigo de aparecer o fiscal, a PM, e dar o flagra, e reclamações para o patrão do síndico do prédio, que a turma fica na banca fazendo chacinha, eu manjei logo que tu era um cara cem por cento. Tu chegava e dava um alô, também não ficava escorado duas horas folheando revista, eu vi logo que tu era da noite, só queria companhia, igual a mim. E chegou uma noite que eu fiquei te esperando, olhava o relógio, o conterrâneo daqui a pouco aparece, e vinha me sentar no gradil. Este negócio está bom.

Te falei, dá gente aqui às pampas, gente legal, batemos um papo. Tem uns caras joia. Mas é tudo amigo da banca, a gente da banca, gosta de mim porque eu estou aqui, se distraem lendo revistinhas, não vão pagar, nem eu quero, é tudo gente nossa. Também tenho amigos em Jacarepaguá, lá eu sou igual a eles, com um trabalho como

outro qualquer, não interessa se é banca. Mas tu se amarrava era no jornaleiro, na profissão, ficava perguntando uns negócios, eu vi que tu entendia. Me amarro em banca, me dava um troço. Por isso naquela noite eu deixei tu ficar tomando conta, tá morando? Prepara uma nova dose, eu pego o isopor no meio das plantas.

Então tu sumiu da banca. Uma noite passou um cara me oferecendo uísque para vender, me dava comissão, ia ser joia. Todo dia eu ficava vendo aquele rótulo bacana, uísque escocês, pensei quem ia querer esse uísque era o conterrâneo, tu não aparecia. Um dia

eu recebi o cartão de Natal, o Forte-dos-Reis-Magos, aí eu entendi, fiquei todo contente com o cartão, mostrei pro Almirante, mostrei pro Né, olha ele ali perto do rádio de pilha. Então eu só ficava imaginando no sábado o conterrâneo está aqui, ficava contando o tempo, não vou vender o uísque coisa nenhuma, esse uísque vou beber é com meu chapa no sábado. A gente vai beber, a gente tem de fazer um brinde, tomar um big porre, a minha úlcera que se foda, o patrão que se foda.

Eu gosto de você, conterrâneo, eu gosto de você de graça – vamos fazer um brinde novamente, o som do encontro dos copos.

Sorte canina

Paulo Veras

Poeta brasileiro, contista e professor.

Ele saiu ainda com o escuro. Veio só passar a noite. Ela preparou café forte e serviu com pão de milho. Ele engoliu rápido e saiu pelo mato com a lanterna na mão clareando o caminho. Levou o cachorro pra botar sentido numa tocaia. Ela ficou na porta espiando o vulto do marido até se sumir na escuridão. Fechou a porta com o ferrolho e passou a tranca. Os meninos dormiam nas redes. Sentiu o coração apertado. Fez uma oração para que tudo corresse bem e que a polícia não o alcançasse. Nessas horas é que sabia o valor que tem um homem. Casa sem homem é como gente sem cabeça. Sabia que ele não era culpado, mas quem é que pode desmentir palavra de gente graúda. Enquanto o dia não nascia ela foi pro canto da cozinha debulhar o feijão. Apanhou a cuia em cima da mesa e tirou o feijão de dentro da lata. De cócoras acendeu o cachimbo na brasa do fogão e se entregou ao trabalho. O pensamento foi pra perto do marido. Na beira d'água ele desamarrou a canoa do toco e passou pra dentro. O cachorro saltou atrás. Saiu deslizando rio abaixo com o remo cavando de leve a água. Tava tudo escuro e

calmo, só o ruído da água no casco na canoa e os bichos no mato piando. Deu vontade de acender um cigarro, mas podia chamar a atenção. Pensou na mulher, nos filhos pequenos, será que ainda os tornaria a ver? Deus era grande. Fez o sinal da cruz. Gente inocente tem sempre uma recompensa, era a sua esperança. Na cadeia, quantos interrogatórios, quanta porrada no lombo, quantos fios descascados debaixo dos culhões. Foi muita sorte ter fugido de lá. Ele e mais outros deram cachaça pros guardas e quando pensaram que não, estavam com a chave da cela nas mãos. Agora, parece que era pior, andava o tempo todo se escondendo. Não podia parar sossegado em casa como dantes. Via a mulher e os filhos uma vez ou outra. Tinha até pensado em se entregar, mas alguma coisa dizia que se o fizesse era só a conta de ir buscar a morte mais ligeiro. Ofício que era bom não podia ter. A família ia passando da roupa que a mulher lavava pra fora. Quando o tempo permitia ela pegava uns peixinhos no rio. O sol começou a aparecer pálido, botando a paisagem pra fora, a água amarelada do rio, os morros cobertos de verde, os pés de

paus pintados de branco. Um bando de marrecas cruzou por cima. Pensou na sua última caçada. A tocaia armada no ponto em que elas costumavam passar. Quinze marrecas e oito paturis. O sol subia. Tirou o casaco de lã e a camisa. Apanhou água na cuia, fez bochecho e lavou o rosto. Pegou o maço de cigarros no bolso das calças e acendeu um. A primeira pitada da manhã era a melhor. Já não remava. A canoa descia na correnteza. O cachorro começou a grunhir quando iam-se aproximando da curva. Adiante, como num susto, apareceram os soldados de arma em punho. Fizeram sinal pra ele encostar a canoa na beira e se entregar que era melhor. Não quis saber de acordo e começou a atirar. Eles mandaram bala também e se atocaiaram nos matos. A canoa corria na correnteza favorecendo-o,

as balas batiam na água e resvalavam. De repente um tiro acertou o cachorro em cheio. O bicho não ganiu muito, estirou as perninhas e parou de sacudir o corpo. O sangue ia escorrendo e empoçando no fundo da canoa. Ele ergueu para o alto a mão suja de sangue berrando “fui alvejado bando de filhos da puta”, e deitou-se sobre o corpo do animal fingindo-se de morto. As balas cessaram. A canoa continuou descendo sem rumo. Depois de bom pedaço, os soldados foram embora dando o caso como liquidado. Quando sentiu que estavam longe, tomou o remo e deu a volta. Encostou a canoa na margem, retirou o corpo do cachorro e cavou com o remo uma cova de pouco mais de um metro. Fez o pelo-sinal e pensou que se bicho tivesse alma aquele dali ia diretinho pro céu.

Um poço de grosso calibre

Roberto Gomes

Escritor, contista e professor.

Somadas, quantas horas diante da folha em branco? Olhos perdidos através da mesa, a nuvem de fantasias embaralhando o chão. A cena de um filme antigo, a vizinha entrando furtiva – medo de ser violentada? – no apartamento ao lado, o colega de escola, anos atrás, denunciando ao professor: foi ele.

Em outra época a folha em branco fora um insulto. Desafio ao qual respondia enegrecendo-a com palavras. Agora, horas perdidas, sem nada escrever, o leve tremor nas pernas, a dorzinha fina circulando por dentro dos ossos. Nos dentes roçando uma insistente nevralgia.

Os truques mais ridículos. Escrever em pé, como Hemingway. Na tensão desesperada de Simenon. Com a letreirinha miúda e exata de Drummond de Andrade. Nada. Horas limpando os tipos da máquina, trocando a fita poucas vezes usada, ajustando a folha de papel ao rolo da máquina. Não mais um desafio. Poço sem começo nem fim, sem eco nem fundo.

– Escrevendo?

A mãe abre a porta no maior cuidado. Não prejudicar a inspiração do escritor.

Coloca o copo de leite sobre a mesa. Olha a folha em branco, sorri, passa em seus cabelos a mão indesejada.

– Tenho uma coisa para te mostrar.

Sai no passo ligeirinho. Outro dos contentamentos pelo filho. Um recorte de jornal, uma carta de parente distante perguntando como vai o escritor. Tudo previsível. O álbum onde a mãe coleciona tudo que é publicado a seu respeito, desde os quinze anos, quando ganhou um concurso no colégio, corre de mão em mão na sala de visitas.

– Que alegria um filho assim, dona Cotinha!

– Este recorte é de um jornal do Rio.

– Do Rio? a surpresa alvoroça duas ou três solteironas, uma que outra viúva.

O pequeno canalha se prestava ao jogo. As primeiras redações na escola, lidas diante da classe pelo professor, um ex-padre cheirando a marcela. Encolhido no fundo da carteira, o canalha baixava os olhos. Crônicas no quadro de editais. Convidado a redigir as notas do jornal do grêmio, corrigia com segurança e desprezo as colaborações dos colegas. O prêmio municipal: num

concurso da prefeitura, o primeiro lugar com um conto, plágio descarado de Trevisan. O menino dos olhos, o talento da família. Livros largados na sala de visitas para a admiração de senhoras fartas e senhores ofegantes.

Seu Olegário, solene, o desembargador:

– Fosse vivo, seu pai sentiria orgulho de você.

– Tem o talento do pai.

– Verdade. Mariano escrevia muito bem

– Olegário empina o dedo categórico, o mesmo que fazia citações em latim. – Era uma pluma delicada.

Só faltava isso. Uma pluma delicada! O pai, há dez anos fulminado por um enfarte e sempre presente. Metido no meio das poltronas, por detrás dos armários, na mesa de estudos, o paletó dependurado no mesmo prego em que o colocara dez minutos antes de morrer. O eterno fantasma roubava seu lugar, seus gestos, suas manias.

– Incrível! Seu pai me disse isso uma ocasião.

– É a cópia do Mariano – a mãe, as mãos gordurosas emaranhando seus cabelos.

– Já reparou no modo de sentar?

A mãe volta toda contente. Nas mãos, como estava previsto, o recorte de jornal. Elogiava um conto seu e perguntava pela editora que reuniria seus trabalhos no volume esperado.

– Estou tentando escrever, mãe.

– Claro, claro – sai na ponta dos passos ligeirinhos, dando um adeus cúmplice.

– Não esqueça do leite, viu?

Olhou o copo de leite. Branco como a folha de papel. Desejou jogá-lo na cabeça de alguém, dez andares abaixo. Talvez espicaçar a nota do jornal e atirar tudo pela janela. A nota comentava um conto escrito

há seis anos e desde então publicado em vários jornais graças ao empenho da mãe.

Tio Germano, obtuso e grosso, era o único a discordar do festival de confetes:

– O país precisa de técnicos – o nariz ranzinza inspecionando as lombadas dos livros que cobriam duas paredes. – Antes, resolver as questões técnicas. Depois, cuidamos das frescuras do estilo.

A literatura não passava de uma merda qualquer, de grosso calibre. Quando o tio aparecia, levantava em armas as senhoras protetoras, elas mal desconfiando que o protegido se bandeara para os lados do inimigo. O caos se instalava quando o tio, acuado por mil velhas furiosas, dizia que literatura era coisa de afrescalhados.

– Vê lá, garotão! Nunca tivemos veado na família!

Olhos pregados no copo de leite. Saco de a cabeça, esfrega as pálpebras e volta à página em branco. Escrever o quê? Se nunca mais escrevesse, alguém notaria falta? Tomou um pouco de leite. Fedia a remédio, urina, algo lambuzado como os dedos da mãe nos seus cabelos. Acendeu um cigarro. Há anos não escrevia nada, vivendo de referências cavadas pela mãe e pelas tias junto aos jornais. A glória familiar.

A fumaça do cigarro escapa pela janela e sobe em direção do céu amarrado, ameaçando chuva. Dez andares abaixo, a rua se agitava. Lá na esquina, o açougueiro estaria, como sempre, enfiando o dedo no nariz e rosnando contra a carestia da vida. O mundo, dez andares abaixo, se reduzia a uma zoeira monótona e continuada, como o barulho do mar à distância.

Dez andares abaixo, a folha em branco: um poço sem fim, sem eco nem fundo. Não mais um desafio, mas uma espécie de

obsessão. O mesmo fascínio que o obrigava a ficar de olhos presos na rua. Mas sem ver a rua. Sem descobrir segredo algum. Sem encontrar mais do que barulho e confusão. Como a folha na máquina: em branco, limpa, clara, doendo nas vistas fixas. Difícil mover um braço, uma perna, apertar qualquer das teclas. No entanto, todos os dias cumpria o ritual do forçado: trancava-se no quarto, punha o papel na máquina, acendia o cigarro. E ficava na expectativa das entradas da mãe no quarto, jamais se decidindo chavar a porta.

Assim nos últimos três anos, se presutando ao jogo. Não roubar aquela alegria à mãe e às tias, ao professor que vivia ameaçando reunir seus escritos em livro, a ridícula ideia de fazer com que ex-colegas de classe se cotizassem para a edição. Já não escrevia. Mas cumpria o ritual da espera. Impedia que o mundo desabasse.

Outro cigarro. Acontecesse algo que pudesse tirá-lo daquele torpor, alguma coisa que fizesse explodir sua cabeça. Mas havia a tortura, o medo de que, eliminada a tensão, as coisas escapassem de seu controle.

Levantou-se e foi à janela. O abismo, como a folha em branco, não era um desafio. Era o quê? Não sabia. No entanto, bastaria um salto. Erguer uma perna, dar um pequeno impulso – lá embaixo se espatifaria a grande promessa. Ao diabo com a mãe e a mão melosa em seus cabelos. Ao inferno com todas as tias do mundo, juntamente com os professores de português. Nada a dizer. Mero fazedor de frescuras de estilo, a literatura sendo uma merda qualquer e de grosso calibre. Que se danassem também os amigos, as cabeças entupidas de teorias e pretensões – nenhum deles escrevendo nada, contentes com suas fantasias

de intelectuais num mundo enlouquecido. Fossem para o inferno. Bastaria um salto e na calçada ficaria a afronta da poça de sangue – uma banana para o mundo. E talvez aquela mancha de sangue resistisse à limpeza, à chuva, aos automóveis, começando a crescer, expandindo-se, invadindo a calçada, as paredes dos prédios, o interior das lojas e apartamentos, até que todos fossem obrigados a fugir da cidade. Bastaria um salto.

– Tão sério na janela, meu filho.

A mãe terminara de fazer um docinho de sua especialidade.

– Experimenta.

Mordeu o doce e sentiu o sabor de fundo de quintal, pés de tangerina, cacho de uva escorrendo sereno, o galinheiro agitado.

– Está ótimo.

– Quer mais um?

– Não, obrigado.

– Escreveu muito?

Não respondeu. Ela olhou a folha em branco e sorriu. Se alguém rompesse com a farsa.

– Tem dias que não vai, nhê?

– É.

Ela fechou a porta com cuidado. Os passos ligeirinhos pelo corredor. Olhou outra vez para a rua, dez andares abaixo. A imagem da gigantesca bolha de sangue crescendo sobre a cidade tinha gosto de riso manso, de coisa usufruída no silêncio. Morto, ficaria para sempre a rir da multidão de tias fugindo da cidade ameaçada.

O imbecil do tio Germano estaria certo? Sentou-se à máquina e escreveu:

“– Uma merda de grosso calibre! – o pai bufava de ódio, folheando as páginas do livro como se distribísse bofetões – Frescuras de estilo! Sem se virar, respondeu que...”

Respondeu o quê? O suor gelado brotou de todo o corpo. A velha taquicardia ia disparar. Logo a testa suaria frio e os olhos voltariam a esbugalhar, presos ao branco do papel. Depois viria a dor de cabeça, fina, insistente, do lado direito.

“Enxaqueca! – acusava tio Germano – Isso é coisa de mulher malcomida, rapaz!”

Os pontos luminosos aparecem agora. Tudo previsível como os docinhos e as alegrias de sua mãe. Faltava pouco para a dor começar a roer o seu cérebro com os mil dentes de ratazana pestiada. Largou os braços e esperou, o olhar preso ao poço vazio de dez andares de folhas em branco. Bastaria um salto.

Requiescat in pace

Eglê Malheiros

Escritora, professora e tradutora.

Mesmo um velório é melhor do que ficar em casa tendo apenas livros e discos por companhia. Assim, toquei-me mais a Lourdes para o Hospital de Caridade, pois o falecido, irmão da ordem do Senhor dos Passos, lá estava sendo velado. Meu fusca negou-se a subir ladeira e penamos as duas morro acima, numa penitência inesperada. A Lourdes veio com uns sapatões de incrível altura e eu quase a arrastei até o alto, maldizendo as ideias sanitárias do irmão Joaquim, sempre construindo Santas Casas a cavaleiro das cidades. E ela o tempo de todo “Ai, Creusa, não aguento mais! Ai, Creusa, vamos descer”. Eu nem água, quem inventou de velar Seo Andrezinho da “Casa Löffell” foi ela, portanto aguentasse. A noite estava fria e clara; lá de cima a cidade era bonita, tranquila, um calor de luzes assinalando a terra dos homens, lembrança literária muito oportuna, pois o Saint-Exupéry referiu-se a estas plagas em seu *Voo noturno*. Esbofadas paramos no adro da igreja, arranjando coragem para enfrentar mais uns lances de escada até a capela mortuária. Meu tailleur verde-petróleo era elegante e discreto,

próprio para a ocasião; aqui temos de ter muito cuidado, estão sempre reparando, se a gente se arruma de mais é metida a besta, se de menos é desleixada. Refeitas retocamos a pintura, ajeitamos o penteado e quando soavam as dez horas adentramos o velório.

No meio do recinto, quatro grandes tocheiros ardentes e o caixão de madeira e prata. Lá dentro mais encolhidinho do que nunca, numa opa roxa, Seo Andrezinho. Sentados nos bancos junto às paredes, várias pessoas, vagamente conhecidas poucas ainda, mais tarde a animação cresceria.

À cabeceira do morto uma montanha envolta em seda preta, tendo por escudeiro um indivíduo bem magro e bem alto, com a cara que teria tido Seo Andrezinho uns trinta anos atrás. A presença de D. Felicinha ali causou-me o maior espanto e explicava o ar contrafeito e desarvorado dos presentes.

Há trinta anos ela tinha sido a cara-metade do morto que, pelo que se sabia, tudo fizera pela vida em fora para se esquecer do episódio.

Os murmúrios cresciam e já se delineavam, nítidos, dois partidos. O de D. Felicinha,

com poucos seguidores, embora contando figuras tais como a D. Frinéia, presidente do Apostolado da Oração, a Josefina, das Filhas de Maria, o dr. Redonildes Soares Filho, mais conhecido por Rosa do Adro, e o Professor Costa Schramm que, segundo apregoava, tinha como cabo eleitoral em suas até agora malogradas investidas políticas a Santíssima Virgem. E o partido de D. Madalena que, mesmo ausente, arregimentara adeptos destemidos. Esses vieram cabalar a mim e à Lourdes, animados porque não faláramos com a viúva. Esclareci: não pretendia me definir por ninguém, cansada de enfrentar bipartidarismos compulsórios, tão só vinha render minha homenagem ao morto, homem bom, pacato, atarefado gerente da principal loja de eletrodomésticos da cidade e que sempre me atendera bem, não hesitando em dar-me crédito imediato para qualquer compra que a compulsão consumista me induzia a fazer. Menearam a cabeça: “Essa Creusa, essa Creusa”, reforçando a convicção de que tenho um parafuso meio solto. A Lourdes saiu a explorar o ambiente, conversou aqui e ali, e voltou indignada pois a Josefina lhe adiantara que “não admira certas pessoas não abraçarem D. Felicinha, vivem à espera de lares desfeitos para ver se sobra alguém”; quase lhe passei uma descompostura por estar julgando que a carapuça me servia.

Correu um cafezinho, da marca três efes, o ambiente estava em tal efervescência que ninguém reclamou. Uma prima de Madalena revelou estar “aquela santa” já a caminho, inconsolável, e não se perdoando ter ido visitar uma sobrinha em Laguna deixando sozinho o falecido, então vivo e sem moléstia aparente. Coroas se amontoavam perto da essa e mais chegariam, pois as

Guedes, tomadas de surpresa faziam a entrega aos poucos. Quem iria imaginar que Seo Andrezinho, ainda na semana passada segurando a alça do caixão do Desembargador Aristófanes, se fosse para melhor tão de repente, não mais que de repente. Atendia a chata da Emília, em sua décima visita à loja para escolher um televisor, quando pôs a mão no peito, murmurou um “desculpe-me”, tentou sentar-se e caiu morto. Prova provada que chatice é letal. Isso no fim da tarde, foi aquele corre-corre. D. Madalena ausente, os chefes e amigos é que tomaram as providências.

O velório corria bem, muito frequentado, gente importante, altos funcionários, chegaram até a dizer que o governador mandaria o Oficial de Gabinete representá-lo no enterro. Achei difícil. O morto, embora sem falar muito, sempre foi da oposição e bom contador de anedotas. Em todo o caso, de manobras políticas eu pouco entendo, a menos que se considere como tal ter dois empregos no mesmo horário e não comparecer a nenhum. Afinal eu trabalho por gosto, não preciso disso para viver, se quiserem me demitir me demitam, e vão se entender com meu pai lá no oeste. Sou a primeira da família a ocupar cargo público, achei bom me garantir depois de falarem tanto em reforma agrária. Mas voltando à vaca-fria, lá pelas três da madrugada a sala fervia, os colegas da “Casa Löffell”, os patrões, os irmãos da opa, a turminha do dominó aos domingos, parentes de D. Felicinha e D. Madalena. Dois territórios bem definidos, separados por diplomática barreira de indiferentes ou conciliadores.

A Lourdes se grudou em meu braço “Estou tão nervosa, disseram que D. Madalena está vindo de automóvel, vai chegar a

qualquer momento.” Incrível esse Seo Andrezinho, tão quieto e sereno e tão criador de caso. Há trinta anos, certa manhã, depois de ouvir mais uma vez a mulher reclamar, brigar, com ele, e com o filho recém-nascido (que aos três meses já apanhava suas palmadas), além de encrencas laterais com o padeiro, o leiteiro e a empregada, ele disse: “Olha Felicinha, assim não dá, eu não aguento”, pôs o chapéu na cabeça e não voltou. Rogos, ameaças, pressões de todo o tipo e ele inflexível. Perdeu o emprego no armazém do sogro, deixou com cara de engradado de galinha os que o acusaram de golpe do baú nada querendo de herança quando a sogra morreu. Foi viver no seu cantinho. Refez a vida, outro emprego, outra casa e com o tempo outro amor. Que fora amor o que o levava a casar com uma Felicinha roliça e risonha, garras sabiamente escondidas e enxúndias escamoteadas. Qualquer pessoa entendia que Seo Andrezinho se interessasse por Madalena, viçosa, tranquila, e, segundo o parecer do júri masculino que se reunia na porta do Pérola, uma gostosona. Moça feita, era manicure e cabeleireira. Falava-se de um noivado desfeito, de um noivo que abusara dela, outros desmentiam, fora um padrinho rico em cuja casa passara a adolescência. Seja como for, era questão mansa e pacífica que não teria condições de se casar de véu e grinalda. Imagine há trinta anos, se ainda hoje aqui se fazem apostas em torno de quais crianças vão esperar os nove meses regulamentares para nascer. Pra encurtar conversa, Madalena passou a ser a “moça” do Seo Andrezinho. Discreta, não saíam juntos, a irmandade nada teve a objetar, continuou ele a conduzir o pálido nas procissões do Senhor Morto, o pernicioso é o

escândalo. Não sei o que Madalena viu em Seo Andrezinho, magro, mirrado, sem encantos, talvez o fato de representar o fim de suposições; com ele não se lembrariam dela a cada briga de casal mais violenta, nem se interessariam tanto em lhe seguir os passos para verificar se de fato a freguesa estava em casa. Acho que ele foi um sossego, um porto, uma proteção. E o caso durou a ponto da cidade se acostumar e eles irem sendo aceitos, convidados primeiro pelos parentes dos dois lados, depois pelos amigos; ela deixou de ser a “moça” de Seo Andrezinho para virar D. Madalena. Hoje serviam até de exemplo, com esse casa e descasa que anda por aí.

Quatro horas da manhã, D. Felicinha escudada pelo filho não se afastou de seu posto. Nem para ir ao banheiro. Chora a intervalos regulamentares, agrada a mão do morto, chega a murmurar “o que vai ser de mim”. A Lourdes me disse que a Marly, namorada do filho, disse que D. Felicinha lhe disse um dia que, desde o abandono, jamais deixara de sonhar com o marido e chegando mesmo ele, em certas ocasiões, a pegá-la no colo, o que por si só demonstra o absurdo dos sonhos. A fidelidade onírica não impediu que D. Felicinha exercitasse, no curso de três décadas, sua língua contra o infiel e sua cúmplice, a quem ela dispensava adjetivos e considerações impúblicáveis. Quando o Salão Elite estava muito cheio e D. Mulata, às sextas-feiras, tardava em atender, era uma glória a presença de D. Felicinha, bastava uma cutucada, falar a meia voz em Ielena que se abria o reservatório. Nos dias de maior indignação ela se estendia, apresentando inclusive as suposições de tais ou quais práticas a que por certo a outra se entregava no leito, deixando sem

defesa as mulheres honestas e castas, criadas para serem esposas e não marafonas.

Pelas cinco da manhã correu a notícia, Madalena estava para chegar. O carro se quebrara na estrada, por isso a demora, tinham-na levado até a casa do irmão, para que se arrumasse, tomasse café, mas a pobre não queria, quase à força engolia qualquer coisa. O dr. Alceu, um médico novo, cobiçado e boa-pinta tinha ido dar-lhe um calmante, mais um pouco estaria aqui. Parecia filme de suspense, todos com um olho na porta e outro em D. Felicinha, enquanto simulavam uma conversa chocha para despistar. O enterro seria cedo, às sete e meia, no cemitério do hospital, a poucos metros do velório. Frei José, um franciscano antigo missionário no Amazonas, encomendaria o corpo. D. Felicinha insistia com ele para que rezasse logo, antes da lambisgoia chegar, no que fora secundada por seu quartel general. Mas Frei José, desses padres modernos que corria das beatas como o diabo da cruz, e de quem elas murmuravam coisas incríveis, negou-se. Só perto da hora do enterro; sua firmeza provocou no dr. Costa Schramm um preito de saudade a frei Belarmino, que fazia do púlpito uma tribuna contra Satanás e suas tentações, ainda bem que o Santo, no paz do Senhor, não era obrigado a suportar essas abominações, pois todo mundo sabia que frei José era confessor da amásia do Andrezinho. Eu estava me pondo a par da última briga do chefe do cerimonial do Palácio com o chefe da casa militar quando percebi que meu interlocutor se calara, olhos grudados na porta. Todos se haviam calado. No umbral Madalena, de negro, face desfeita, meio que se amparava no irmão, pronta a entrar na capela. Quando adiantou um pé Felicinha

ergueu-se e gritou um esganiçado e dramático: “Como ousas!” ao mesmo tempo em que pegava a coroa mais próxima e a atirava na rival. Madalena, atônita, não reagiu à agressão, porém o mesmo não ocorreu a seus partidários, que céleres se apossaram da munição perto da porta e sentaram uma coroa bem na cara da ex-cara-metade. Foi o sinal. Os dois partidos se alinharam enquanto os neutros se punham de gatinhas. Eu só gritava para a Lourdes: “Lá vai a coroa da ‘Casa Löffell’” e passava uma fita roxa “teado amigo”, mais outra e choviam pétalas de rosas, outro bólido “... ado esposo”, seria de Felicinha ou Madalena? Um ramo de saudades apagou um dos círios e numa evidente falta de respeito pela convicção dos outros, preitos florais de partidários de Felicinha eram usados pelos partidários de Madalena e vice-versa. De início a luta era quase silenciosa, apenas Felicinha invectivava, mas com o calor da refrega mais bocas se abriram a lançar opiniões nada elogiosas, não só sobre as viúvas, mas também sobre suas respectivas tropas. Quase morri de rir, não fosse sobrar alguma coisa para mim, que entrara ali como Pilatos no Credo. Realmente, não tenho palavras para descrever, faltava ali um Homero ou um Fielding. Súbito ouviu-se o vozeirão do Des. Arco-verde, provedor do Hospital, e que mora ali mesmo. Acordado pelo bruaá vestiu-se às pressas e parou apoplético à porta da capela. Seu grito foi água na fervura, não se dispararam os projetis já assestados, mulheres ajeitaram os cabelos e puxaram as saias, homens enfiaram camisas dentro das calças enquanto o provedor prosseguia estentórico. Silêncio, em ordem cada um para seu lugar, e os diligentes alunos obedeciam na medida do possível. Frei José, que saíra

para uma extrema-unção (de um indigente da enfermaria, velório sem graça, nada que interessasse), chegou a tempo de ajudar, encarregando-se de livrar Seo Andrezinho dos restos de coroas e ramalhetes. Os elementos neutros se levantaram e eu corri a buscar água com açúcar para as viúvas, que exânimes e chorosas se derreavam lado a lado num banco lateral. O provedor bateu palmas, pediu silêncio completo que frei José ia encomendar o corpo, D. Felicinha tentou reconquistar o posto à cabeceira do féretro, o provedor obstou: “A senhora esteve aí a noite toda”, ela exausta não conseguiu falar e D. Madalena chegou-se de manso e ali ficou. Terminadas as orações frei José pegou D. Madalena pelo braço, como quem não quer nada, o que permitiu que D. Felicinha depusesse na testa do morto um demorado beijo, no que foi imitada

pelo filho ressurgido das cinzas, pois ninguém soube dele durante a contenda. Com mais uma meia dúzia de palmas o provedor organizou o cortejo, os coveiros avisados faziam logo o enterro do pomo da discórdia. Seguimos para o cemitério, enfrentando o friozinho da manhã hibernal, nossas palavras se condensando em vapor. Felicinha e Madalena cercadas cada uma por seu pelotão pranteavam um indiferente Andrezinho. Logo chegamos à beira da cova, o caixão desceu e quando primeiras pás de terra soaram sobre a madeira, da garganta de cada uma das mulheres de Seo Andrezinho partiu um grito soluçado, estenderam os braços e para espanto e gáudio eterno dos fofoqueiros desterrenses, o colo imenso de Felicinha acolheu a cabeça grisalha da outrora fulgurante Madalena.

Requiescat in pacem.

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da *Revista Brasileira, fase III* (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da *Revista*, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Joaquim Falcão
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Carlos Diegues
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Rosiska Darcy de Oliveira
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Ignácio de Loyola Brandão
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Marco Lucchesi
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Silvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	João Almino
23	José de Alencar	Machado de Assis	Antônio Torres
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Geraldo Carneiro
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Antonio Cicero
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domicio Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Geraldo Holanda Cavalcanti
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Merval Pereira
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Zuenir Ventura
33	Raul Pompeia	Domicio da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	Evaldo Cabral de Mello
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	Fernando Henrique Cardoso
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Arno Wehling
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Edmar Lisboa Bacha

COMPOSTO EM FRUTIGER LIGHT 9,5/13,5 PT; CITAÇÕES, 9/12 PT

